

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós Graduação em Psicologia

ÁLCOOL E SOCIABILIDADE: A FARRA DAS ADOLESCENTES

Débora Karla Sampaio Alves Custódio

Natal

2009

Débora Karla Sampaio Alves Custódio

ÁLCOOL E SOCIABILIDADE: A FARRA DAS ADOLESCENTES

Projeto elaborado sob orientação do Prof. Dr. Herculano Ricardo Campos e apresentado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal

2009

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós Graduação em Psicologia

A dissertação “ÁLCOOL E SOCIABILIDADE: A FARRA DAS ADOLESCENTES, elaborada por Débora Karla Sampaio Alves Custódio, foi considerada aprovada por todos os membros da banca examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de MESTRE EM PSICOLOGIA.

Natal (RN), 25 de junho de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.Herculano Ricardo Campos (Orientador) _____

Profª Drª Margarita Antônia Villar Luis (USP) _____

Prof. Dr.João Dantas Pereira (UFRN) _____

Às pessoas mais importantes da minha vida:

Meu marido (Claudinho), minha mãe (Ana Tânia), meus
pais (Francisco Antônio e Evaldo Lustosa), meu irmão
(Diego) e minha irmã (Dalyana).

Agradecimentos

A Deus, obrigada por todas as graças alcançadas, por todas as bênçãos e oportunidades vivenciadas dia após dia de uma vida de muita alegria e de muitas vitórias.

Ao meu companheiro de todas as horas Claudinho, por aturar os estresses, as irritações e por pacientemente ouvir a leitura de trechos e mais trechos desse material, sempre me estimulando e carinhosamente perguntando se podia me ajudar de alguma forma. Pelas demonstrações de amor constantes, pelos “eu te amo” ditos diariamente e pelo orgulho expresso no brilho de seu olhar em cada conquista.

À primeira fonte de amor, minha mãe, que desde pequena me mostra com o seu exemplo, a importância e o prazer do estudo; a minha irmã Dalyana que sucessivamente me socorria quando precisava de algum material que estava em outro computador, ou quando precisava imprimir algo, a meu irmão Diego pelo seu exemplo de determinação e disciplina para o estudo, a Painho por mostrar que a vida deve ser vivida, a Júnior pelos cuidadosos almoços de sábado que me nutriam de muito afeto e amor e a Tina por toda a demonstração de carinho.

À minha segunda família: Dona Cláudia, seu Custódio, Candice, Roberto, Jads, Kátia, Jesd, Josélia, Gabriel, Daniel, Jéssica, tia Ceição, tia Neidinha, tia Malú e todos os outros primos e tios que eu ganhei após meu casamento.

Aos meus avós Maria José e Manoel Sampaio por me fazerem perceber que a velhice pode ser vivida de uma forma muito feliz.

Aos meus tios Dudu e Naira, por estarem sempre acompanhando os meus passos e me apoiando em todos os momentos importantes de minha vida, bem como por serem para mim constante fonte de inspiração.

Ao Professor Dr. Herculano Ricardo Campos, por através de suas aulas me despertar a paixão pela Psicologia Escolar/ Educacional na graduação e por ensinar que a pesquisa também pode fazer parte da prática profissional.

Ao professor Dr. João Dantas, por fazer parte dos meus dois seminários de dissertação, contribuindo sempre de forma ímpar para o andamento desse trabalho e pela sua forma sempre delicada, cuidadosa e “indolor” nos momentos de críticas e correções.

A professora Margarita Villar pela honra de tê-la como membro de minha banca avaliadora.B

As alunas queridas que me inspiraram e me instigaram a compreender a problemática do consumo de álcool por elas vivenciadas. Por toda a confiança demonstrada ao longo dos anos de vivência na escola.

Aos diretores, coordenadores, psicólogos das escolas estudadas e especialmente as alunas participantes do estudo, por toda a disponibilidade e engajamento. Em especial destaco as psicólogas Narjara Macedo e Mônica e os coordenadores Célio, Raphael e Elizabeth.

Aos professores da PPgPsi/ UFRN, solícitos e pacientes, que tanto me ensinaram.

À Cilene, secretária do PPgPsi, que sempre “quebrava os meus galhos” e sucessivamente me recebia com um sorriso no rosto, e a Larissa que acompanhou o finalzinho do percurso.

Aos amigos do mestrado, Sâmia, Daniela, Pablo, Mariana, Avrairan, Alyson, Remerson, Hugo, Vanessa e Danilo, pelo companheirismo diário nas aulas, pelas inúmeras trocas de favores e por terem feito desses dois anos de trabalho, momentos menos árduos e mais gratificantes. Em especial a Sâmia, pelos inúmeros telefonemas de

esclarecimentos de dúvidas, orientações, desabafos e pela acolhida aconchegante em Belém.

Aos meus queridos amigos de todas as horas, Rayanne, Cibeles, Anna Rafaella, Maíra Fanha, Maíra Trajano, Aninha, Herbert, Nara, Karin, Hingrid, Andreína, Celine, Karina, Lú Matias, Isabele, Sandrinha

As amigas biossintéticas (Sheila, Janine, Katiuce, Mirinha, Ana Patrícia, Kátia, Cíntia, Luiza, Vanessa, Carol e Márcia pelos intensos cinco anos de muito *holdding* e *grounding*).

A diretora Maria Célia de Andrade por ter oportunizado a minha primeira experiência profissional, nessa área que tanto me encanta e me realiza que é a Psicologia Escolar.

Aos colegas de trabalho da FACEX-Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte, em especial a coordenadora Ana Regina e aos alunos queridos que acompanharam e apoiaram toda a elaboração desse material.

Por último e não menos importante, ao anjo chamado Soraya, por todo carinho e cuidado dedicados à correção desse trabalho e aos inúmeros pedidos de socorro prontamente respondidos independente do horário da ligação e do local onde ela se encontrava.

Sumário

Lista de figuras	x
Lista de tabelas	xi
Resumo	xiii
Abstract	xiv
Introdução	15
Capítulo 1- Adolescência: uma construção histórica	19
Capítulo 2- Drogas na adolescência: um tropeço no meio do caminho.....	28
2.1. O álcool :qual o problema de tomar umas?.....	41
Capítulo 3- As adolescentes: álcool e gênero.....	49
Capítulo 4- Sociabilidade adolescente.....	61
Capítulo 5- Legislação, Políticas Públicas e Intervenção no Contexto	
Escolar.....	73
Capítulo 6 - A pesquisa.....	90
Considerações finais.....	122
Referências bibliográficas	128
Apêndices	136
Apêndice A: Roteiro de entrevista piloto	136
Apêndice B: Ofício encaminhado às escolas.....	139
Apêndice C: termo de consentimento livre e esclarecido	140
Apêndice D:Roteiro do questionário.....	141

Lista de figuras

Figura	Página
1. Distribuição das pessoas ocupadas de 10 ou mais, por classes de rendimento no trabalho principal - 2005-2007	96
2. Estágio de Intoxicação alcoólica.....	106
3. Riscos gerados pela ingestão de bebidas alcoólicas em homens e mulheres..	110

Lista de tabelas

Tabela	Página
1 Idade das entrevistadas	95
2 Renda familiar.....	96
3 Atividades desenvolvidas.....	97
4 Com quem moram	98
5 Local que experimentaram bebidas alcoólicas pela primeira vez.....	100
6 Com quem estavam quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez.....	100
7 Idade que tinham quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez.....	102
8 Tipo de bebida alcoólica que as entrevistadas experimentaram.....	104
9 O que sentiu quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez.....	105
10 Principal razão que levou as entrevistadas a consumirem bebidas alcoólicas ...	107
11 Com que frequência você bebe atualmente?.....	110
12 Qual a bebida que você mais consome?.....	111
13 Qual a quantidade que você bebe normalmente ?.....	112
14 O que leva você a beber?.....	114
15 Você bebe quando está sozinha?.....	114
16 Em que ocasiões você bebe normalmente?.....	115
17 O que acha de festas sem bebidas?.....	115
18 Você já tomou algum porte?.....	116
19 Se já tomou porre, qual foi o motivo?.....	116

20	O que seus amigos dizem quando você bebe?.....	118
21	Há influencia dos amigos para você beber?.....	118
22	Qual o comportamento das suas amigas que mais se destaca quando estão bebendo?.....	119
23	O que você acha das meninas que bebem?.....	119
24	O que as pessoas falam das meninas que bebem?.....	120
25	Você considera o álcool uma droga?.....	121
26	Tem medo de se viciar?.....	122

Resumo

A experiência como psicóloga escolar permitiu perceber que expressões do tipo "*fiquei um lixo no churrasco da turma*", "*fizemos uma resenha interna só de meninas e ficamos todas embriagadas*", se fazem presentes de um modo constante nas conversas das estudantes do Ensino Fundamental e do Médio, sinalizando uma preocupante incidência do consumo do álcool em adolescentes do sexo feminino. Contudo, os estudos sobre o tema ainda não se detiveram na realidade agora vivenciada pelas meninas. O presente estudo teve como objetivo compreender aspectos da relação entre meninas e álcool, partindo do pressuposto de que o consumo exacerbado é expressão de rituais de iniciação em grupos, facilitador das relações sociais, fator de sociabilidade. Apoiou-se na aplicação de questionário em 1028 adolescentes do sexo feminino, com idade entre 12 e 18 anos, estudantes de escolas privadas de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Indicou que o primeiro contato com a bebida alcoólica tem se dado em ambientes domésticos, em companhia de pais e amigos, de forma bastante precoce, por volta dos 10 anos de idade, por curiosidade. Em relação ao consumo atual, a bebida mais consumida é a *ice*; o principal motivo que as levam a beber é “para passar o tempo”; a principal ocasião são as festas e elas não bebem sozinhas (93% do universo pesquisado), configurando o caráter socializador e recreativo do álcool. Consideram o álcool uma droga, mas não demonstram medo de se viciar. Os comportamentos que mais destacam nas amigas que bebem estão relacionados a desinibição, do tipo “ficam mais alegres” (40,3%) e perdem a timidez (29,4%), e atitudes de caráter moral, como “ficam com qualquer menino” (18,5%), ficam tontas (9,9%), ou ficam tristes (1,9%). Açam vulgar as meninas beberem, dependendo da quantidade, e recebem estímulo dos amigos para que bebam. O estudo aponta para a necessidade de intervenções sistemáticas da psicologia escolar, que auxiliem na prevenção e erradicação do problema, ao mesmo tempo que representa uma interrogação na formação deste profissional.

Palavras-chave: Adolescente do sexo feminino – Consumo de álcool – Sociabilidade - Psicologia Escolar

Abstract

The experience as a school psychologist allowed me to notice that expressions like “I was like trash in the gang’s barbecue”, and “we chatted away, only the girls, and we all got drunk”, are very common in conversations between Elementary and High School students, pointing out to a concerning incidence of alcohol consumption among female adolescents. However, studies about this theme haven’t gone deep in the nowadays reality these girls are living in. This study aimed at comprehending the aspects of the relation between girls and alcohol, starting from the point that exaggerated consumption indicates introductory rituals for some groups, making social relations easier and becoming a sociability factor. To give this study some support, a questionnaire was applied to 1028 female teenagers, between 12 and 18 years old, students in private schools in Natal, capital of Rio Grande do Norte. The context chosen for the development of the study - private schools -, arose from the notion that the majority of the data collection carried out about alcohol and other psychotropic drugs aim at public school students. The instrument used was divided in two parts, one that treated about the first contact with alcohol (experimentation), and other that points to the current relation with alcoholic beverages, with 27 closed questions but nevertheless with available space for manifestation like *if other; which?*, applied collectively in classrooms. The data received a statistic treatment from SPSS and showed that the first contact with alcoholic beverage happens in domestic environment, having parents and friends as companions, very precociously, around 10 years of age, as curiosity. At this moment, *Ice* drink is the most consumed beverage. The main reason that leads them to drink is to “pass the time” in parties, and they don’t drink alone (93% of students researched), what gives alcohol this recreational and socializing characteristic. They do consider alcohol a kind of drug, but are not afraid of getting addicted. People that drink usually show to be extroverted, they “get happier” (40,3%) and are not shy at all (29,4%), have attitudes of moral character, like “to get involved with unknown boys” (18,5%), get numb (9,9%), or get sad (1,9%). They label as vulgar the girls that drink, depending on the amount, and to be stimulated by the boys to drink. The study shows that systematic interventions of the school are necessary, once it is an institution that should care about education and personality traits of children and adolescents, as well as the important role of the psychologist in this context. Besides, it claims the society to get effectively involved with the public policies that already exist.

Key words: Female adolescent – alcohol consumption – sociability – school psychology

Introdução

A adolescência tem sido foco da atenção e preocupação de boa parte da sociedade e de muitos pesquisadores, creditando-se ao psiquiatra Stanley Hall a primeira tentativa de descrevê-la e delimitá-la de modo sistematizado. De acordo com Paladino (2005), ao designá-la enquanto uma fase de *tempestade e tormenta*, Hall fez ressaltar os aspectos generalizador e rotulador da sua análise. Outros profissionais a entendem como uma etapa da vida criada historicamente pelos homens, enquanto fato social e psicológico e enquanto representação, de modo que se observam diferentes significações dela na cultura e na linguagem, no contexto das relações sociais, bem como experiências culturais em que não é referida, como atestam os estudos de Margaret Mead, em Samoa (Collins & Sprinthall, 1988).

Na esteira destas últimas reflexões, entende-se, para efeito do presente estudo, que o modo de agir e se comportar que caracteriza o adolescente não configura um quadro naturalizado, sendo, portanto, construído sob condições históricas, culturais e sociais específicas. Concorde-se com a afirmação de que não existe uma única forma de ser adolescente, mas diferentes *adolescências* (Contini, Koller & Barros, 2002; Ozella, 2003). No dizer de Paladino (2005), “as definições de adolescência tentam generalizar em conceitos universais uma forma de estar no mundo que não pode estar desvinculada dos diferentes contextos históricos, sociais e culturais” (p. 53).

Assim, tendo em vista a necessidade de levar em conta a complexidade social e psicológica como modo de constituição do sujeito, resulta que a compreensão do adolescente crescido em pleno século XXI apresenta configurações que anunciam um novo modo de pensar, ser e agir na sociedade ocidental contemporânea, demandando uma reflexão sobre o atual momento histórico, suas características e transformações.

Nessa perspectiva, Aberastury (1981), mesmo tendendo a uma posição naturalista e universal da adolescência, na medida em que a define enquanto “um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e o ambiente circundante” (p. 16), faz algumas restrições aos estudos que são centrados somente no adolescente visto que, em sua opinião, o enfoque só é completo se levar em consideração os pais e a sociedade, ambos ambivalentes e resistentes em aceitar o processo de crescimento do sujeito. Para a autora, “toda adolescência leva, além do selo individual, o selo do meio cultural e histórico” (Aberastury, 1981, p. 28).

Atualmente, um comportamento em particular tem chamado a atenção dos educadores, pesquisadores e de tantos quantos atuam no interior das escolas, qual seja, o consumo exagerado de álcool *pelas adolescentes*. O comportamento de beber, *encher a cara, tomar todas, enxugar o copo*, que não era comum entre as meninas, hoje parece fazer parte de seu cotidiano de forma intensa e precoce. Expressões do tipo *fiquei um lixo no churrasco da turma, fizemos uma resenha interna só de meninas e ficamos todas embriagadas*, se fazem presentes de um modo constante nas conversas das estudantes do Ensino Fundamental e do Médio, sinalizando uma preocupante incidência do consumo do álcool pelas adolescentes do sexo feminino. Ilustram esse quadro o relato de uma professora, trazido por Didonê e Muttini (2007) – “*um dia entrei na classe e percebi que minhas alunas estavam bêbadas*” (p. 39) – e a afirmação feita pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) em publicação recente (SENAD, 2007), de que as meninas estão bebendo tanto quanto os meninos.

Não obstante hoje, no Brasil, se constituir a adolescência numa fonte inesgotável de debates e discussões, ainda existem lacunas no que se refere aos estudos que enfocam as adolescentes. Em seu artigo *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis:*

a arte de se tornar visível, Weller (2005) questiona a pequena quantidade de trabalhos sobre o tema: apesar da crescente visibilidade dos grupos femininos, revela-se uma necessidade de novos estudos e reflexões sobre as adolescentes.

Neste sentido, tendo em vista as inquietações decorrentes da observação cotidiana enquanto psicóloga escolar de uma escola da rede privada, algumas questões se colocam em face do atual padrão de relação das meninas com o álcool: a partir de que idade elas estão começando a beber? Qual o sentido atribuído a esse comportamento? O que está levando essas adolescentes ao consumo abusivo de álcool? O álcool seria uma ferramenta de socialização? O que elas pensam sobre as colegas, também adolescentes, que bebem? Consideram o álcool uma droga?

Diante dos aspectos levantados e considerando a amplitude e complexidade que esse tema sugere, o presente estudo objetivou fazer um recorte no que diz respeito às adolescentes que consomem álcool, nas idades entre 12 e 18 anos, faixa etária estipulada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069/1990) para delimitar a adolescência. Os cenários da pesquisa foram dez escolas da rede privada da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Foi aplicado questionário (ver anexo 3) com as alunas de 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, em uma amostra de aproximadamente mil adolescentes. Pretendeu-se, através desse estudo, compreender de que forma o consumo do álcool se insere na vida dessas adolescentes e qual seu significado adjacente.

O presente estudo consta de seis capítulos. O primeiro, *Adolescência: uma construção histórica*, apresenta uma discussão sobre a adolescência enquanto fase específica do desenvolvimento humano, sua conceituação, e uma reflexão sobre as

influências e determinações culturais para o seu surgimento, além de algumas abordagens da Psicologia sobre o assunto.

O segundo, *Drogas na adolescência: um tropeço no meio do caminho*, discorre sobre as drogas na sociedade, apresentando definições e classificações das mesmas, especificando dados sobre o consumo de álcool entre adolescentes no Brasil. Em seguida, no terceiro capítulo, intitulado *As adolescentes: álcool e gênero*, aborda-se a questão das mudanças sociais que incidiram sobre as mulheres e as repercussões no comportamento das adolescentes, focando-se na relação entre as meninas e as bebidas alcóolicas.

No quarto capítulo, *Sociabilidade*, é discutido o processo de socialização e a influência do grupo no comportamento dos adolescentes, bem como é levantada a possibilidade do álcool ser, hoje, uma ferramenta de socialização para os adolescentes de ambos os sexos.

No quinto capítulo, *Legislação, Políticas Públicas e Intervenção no Contexto Escolar*, é feito um levantamento das atuais políticas públicas sobre o consumo do álcool, relacionando-as com o importante papel da escola, enquanto instituição formadora de crianças e adolescentes, e o papel do psicólogo escolar nesse processo.

No sexto, *A pesquisa*, delinea-se metodologicamente o estudo, apresentando e caracterizando as instituições escolhidas, as participantes, os procedimentos empregados, o caminho percorrido e os dados constituídos a partir da pesquisa de campo, num diálogo constante com o referencial teórico adotado.

Por fim, são feitas algumas *considerações finais* a respeito da problemática estudada e alguns apontamentos sobre desafios e possibilidades de novos estudos que venham a contribuir com a questão do consumo do álcool pelas adolescentes.

Capítulo 1

Adolescência: uma construção histórica

Ao se tratar da relação entre adolescência e consumo de drogas, em especial o álcool, se faz necessário contextualizá-la em relação ao momento da história em que surge como entidade ou conceito definido, já que se parte do pressuposto de que ela não nasce com a humanidade e tampouco se encontra presente em todas as culturas. Apesar de ser uma opinião geral que as drogas estão presentes na humanidade desde os primórdios da história, e foram sendo modificadas apenas em sua forma e finalidade de consumo, o mesmo não pode ser afirmado da fase do desenvolvimento humano aqui abordada. No dizer de Simões (2006),

É claro que o jovem sempre existiu, como faixa etária, mas a ideia de uma fase da vida com características do desenvolvimento específicas, com uma fenomenologia própria - duração, características comportamentais, lugar na família e na organização social - está em grande medida culturalmente determinada. (p. 281)

Embora hoje muito se fale e se discuta sobre a adolescência, nem sempre foi assim. O conceito de adolescência é um conceito tardio, que só surge na maior parte dos dicionários da língua portuguesa em meados do século XIX (Priore, 2008; Silveira & Moreira, 2006). Por muitos séculos a sociedade adulta não a reconheceu, de modo que por volta dos vinte e cinco ou trinta anos de idade o sujeito ainda era considerado menino ou menina (Tierno, 2003). A adolescência só emergiu como um período específico do desenvolvimento humano e como campo de estudo com legitimidade própria a partir de alguns acontecimentos sociais e culturais, que propiciaram uma atmosfera que a fez emergir e alcançar reconhecimento como uma fase singular da vida (Sprinthall & Collins, 1988).

Em seu artigo *A adolescência como ideal social*, Ávila (2005) discute, a partir de uma revisão bibliográfica, como as teorias psicológicas percebem a adolescência, destacando que esta é refletida a partir de concepções distintas. Há, de um lado, uma visão naturalista e universalizante, que reforça a importância do fator biológico para esse momento, e de outro, uma concepção histórica e social, que defende que essa etapa da vida só pode ser compreendida a partir de sua inserção na totalidade em que foi produzida.

Adota-se, neste estudo, a concepção da adolescência como uma invenção social e não como instituição natural da sociedade. Concorde-se com Bock (2002), para quem adolescência é algo proveniente da estrutura socioeconômica, no sentido de que os critérios que constituem essa etapa da vida não são intrínsecos ao indivíduo, mas são estabelecidos pela cultura. Assim como toda construção humana, a adolescência tem uma história, que vai desde sua concepção até sua confirmação pela sociedade adulta. Por mais estranho que isso soe para o leitor do século XXI, que já concebe a adolescência como uma das categoriais sociais principais da sociedade, essa fase da vida foi por muito tempo ignorada e desconhecida, da mesma forma que a infância.

O historiador francês Ariès (1978) desenvolveu uma detalhada análise das relações históricas com o surgimento da infância e da adolescência, revelando que esta última passa despercebida por um longo período, pois não havia terreno fértil para tanto. Segundo ele, a ideia de infância ganha impulso a partir da segunda metade do século XVII e, por dois séculos, vai preparando as condições sociais, culturais e econômicas para o estabelecimento da ideia de adolescência. No século XVIII, quando foi atribuída à criança a sua devida importância, retirando-a do anonimato e dando-lhe condições sociais e mais afetivas de um desenvolvimento digno, infância e adolescência ainda

eram confundidas, tanto que “no latim dos colégios empregava-se indiferentemente a palavra *puer* e a palavra *adolescens*” (Ariès, 1978, p.10)

Apesar do vocabulário da primeira infância ter surgido e se ampliado, persistia a ambiguidade entre a infância e a adolescência, de um lado, e de outro, a categoria denominada juventude. Em meio a essa confusão de significados, sabe-se que não havia sinais do que consideramos adolescência hoje. Foi somente quando as sociedades foram se industrializando e progressivamente precisando de uma força de trabalho com certo nível de instrução, de uma população que fosse educada para contribuir em estabilidade e desenvolvimento, que foi se concebendo os adolescentes como sujeitos com necessidades e características próprias de seu momento do desenvolvimento e valorizando esse período que decorre entre a infância e a vida adulta. Só na última metade do século XIX é que a adolescência ganha visibilidade como período específico do desenvolvimento humano, dando início a uma transformação no modo de tratamento dos adolescentes pela sociedade adulta (Sprinthall & Collins, 1988).

A visão de mundo da Idade Média era baseada na teologia cristã, nos dogmas religiosos, mas também sofria influência da filosofia grega, especialmente da teoria de Platão. O crescimento era entendido como um fenômeno quantitativo e não qualitativo, sendo interpretado como um aumento de todos os aspectos físicos e mentais da espécie humana em termos de quantidade. Dessa forma, assim que a criança superava o período de alto risco de mortalidade, ela logo era misturada com os adultos. A infância era, na verdade, um período de mudança logo superado e cuja lembrança, também, era logo perdida (Grossman, 1998).

Ariès (1978) afirma que a consciência de juventude começa como um sentimento comum dos ex-combatentes quando, após a primeira guerra mundial, os

combatentes da frente de batalha se opõem em massa às velhas gerações da retaguarda. Tal consciência passou a ser comum entre eles, com aspectos da adolescência moderna, e daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para frente e, “assim, passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo” (Ariès, 1978, p. 15). Tais afirmações encontram eco em Paladino (2005), ao confirmar esse *ideal adolescente* tão valorizado e difundido em nossa sociedade atualmente:

Se, nos anos 60, do século XX, a maioria dos adolescentes queria parecer adultos, ou seja, agiam e se vestiam inspirados no comportamento dos adultos, hoje os adultos inspiram-se nos adolescentes, procurando a descontração e o conforto na forma de falar, de agir e de se apresentar. (p. 124)

Essas modificações nas formas de conceber a adolescência são descritas por Priore (2008). Segundo a autora, durante muito tempo a noção de adolescência foi acompanhada de uma conotação negativa, sendo somente no século XX inaugurada de uma forma positiva. Na década de 1930, a imagem dos adolescentes estava associada ao poder, na medida em que eram recrutados para alguns exércitos, representando orgulho para sua nação e terror para o inimigo. Na década de 1950, eles tornaram-se um mercado, a partir da expansão do consumismo no ocidente. No final do século, “a juventude se transformou em obsessão e utopia. As sociedades contemporâneas querem ser jovens” (Priore, 2008, p. 13).

Calligaris (2000) ratifica tal ideia na medida em que afirma que a adolescência é sustentada pela imaginação da maioria das pessoas como um *bicho de sete cabeças*, uma criatura monstruosa que surgiu na contemporaneidade, “um mito, criado no início

do século 20 que se consolidou como uma das formações culturais mais poderosas de nossa época” (p. 7). Nesse sentido, a adolescência enquanto invenção cultural é proveniente do mundo ocidental, fruto da industrialização e da necessidade de formação especializada para acompanhar a expansão tecnológica, bem como manter os jovens longe do trabalho, na intenção de garantir emprego aos adultos (Silveira & Moreira, 2006). Um fenômeno, sobretudo dos últimos 50 anos, que ganha notoriedade e cada vez mais espaço nas pesquisas, na mídia, na família e na sociedade como um todo.

Freitas (2002) credits ao estudo de Arminda Aberastury, “*El mundo adolescente*”, em 1959, o pioneirismo em termos de significância sobre a problemática da adolescência; e a Granville Stanley Hall, em 1904, com o trabalho *Adolescência - sua psicologia e sua relação com a fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação* o destaque por apresentar uma das primeiras propostas sobre uma psicologia da adolescência como campo diferenciado de saber. Autores como Klosinski (2006), Ozella (2003) e Paladino (2005) convergem ao atribuir o mérito de pai da Psicologia da adolescência a Hall.

Como herança, Hall deixou uma visão fortemente ligada a estereótipos e estigmas, na medida em que identificou a adolescência como uma fase de *tempestade e tormenta*, uma etapa marcada por conturbações ligadas à emergência da sexualidade. Foi o primeiro autor a delimitar as dimensões básicas da experiência adolescente, tendo sido bastante influenciado pelo pensamento darwinista, que o impregnou de uma visão naturalizante e universal (Paladino, 2002). Sprinthall e Collins (1988) afirmam que partindo das influências dessas teorias evolucionistas,

Hall concluiu que a adolescência era um estágio evolutivo do desenvolvimento - por isso, único, com direito a uma investigação específica. Ele foi mais longe, a

ponto de afirmar que a adolescência era um estágio, no qual cada pessoa experienciava, verdadeiramente, todos os estágios anteriores de desenvolvimento pela segunda vez, mas a um nível mais complexo. Além disso, cada um desses estágios recapitulava uma fase da história da vida humana. (p.14)

É válido ressaltar o grande mérito de Stanley Hall, pois ao considerar esse período como importante para o desenvolvimento, ele criou um lugar próprio para a adolescência, que abriu caminho para outros pesquisadores prosseguirem com os seus estudos. Essa forma de enxergar a adolescência foi reforçada e defendida por algumas abordagens psicanalíticas que a caracterizam como uma etapa de confusões, estresse e luto, causados também por impulsos sexuais que emergem nessa fase do desenvolvimento. Exemplo disso é Sigmund Freud, que adere às concepções de Hall quando considera também a adolescência como um período necessariamente difícil e turbulento, defendendo assim, ideias igualmente maturacionistas (Sprinthall & Collins, 1988).

Confirmando o olhar da adolescência pelo prisma da concepção histórica e social, que defende que essa etapa da vida só pode ser compreendida a partir de sua inserção na totalidade em que foi produzida, percebe-se que algumas sociedades e “sub-culturas” não reconhecem a adolescência. Exemplos disso são algumas culturas, em que as crianças atravessam direto da infância para a vida adulta, na medida em que assumem o mais breve possível responsabilidades e condutas adultas. É o que acontece ainda hoje no Brasil, principalmente em comunidades rurais, nas quais crianças e adolescentes trabalham e permanecem menos tempo estudando e casam-se por volta dos treze, quatorze anos, constituindo já cedo uma nova família.

Erikson (1976) define como moratória social o período em que os adolescentes aguardam enquanto ainda não podem exercer papéis adultos. Não é criança e nem adulto, ou é criança e adulto, ainda é criança para algumas coisas e para outras já é um rapazinho ou uma mocinha. Calligaris (2000) apoia essa ideia quando caracteriza a adolescência como um tempo de *suspensão*, um tempo em que a sociedade nega o reconhecimento desses adolescentes como sujeitos maduros:

Seus corpos, que se tornaram desejantes e desejáveis, poderiam lhes permitir amar, copular e gozar, assim como se reproduzir. Suas forças poderiam assumir qualquer tarefa de trabalho e começar a levá-los na direção de invejáveis sucessos sociais. Ora, logo nessa hora, lhes é comunicado que não está bem na hora ainda. (p. 15)

Zagury (2002), na tentativa de entender as mais diversas questões da adolescência (família, profissão, lazer, sexo, religião, política e drogas) através do prisma do próprio adolescente, desenvolveu uma pesquisa em sete capitais e nove cidades do interior do Brasil, na qual entrevistou 943 adolescentes, com idades entre quatorze e dezoito anos, das mais diversas classes sociais que estavam frequentando a escola. Nas palavras dessa autora, a adolescência caracteriza-se por,

Ser uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante do desenvolvimento, com características muito próprias, que levará a criança a tornar-se um ser adulto acrescido da capacidade de reprodução. As mudanças corporais que ocorrem nessa fase são universais, com algumas variações, enquanto as psicológicas e de relações variam de cultura para cultura, de grupo para grupo e até entre indivíduos de um mesmo grupo. (Zagury, 2002, p. 24)

Neste trabalho, compartilha-se desse ponto de vista, na medida em que se acredita que essa etapa da vida é criada historicamente pelo homem, enquanto

representação e enquanto fato social e psicológico, sendo construída sob condições históricas, culturais e sociais específicas. Situações e vivências do cotidiano surgem e o homem vai dando significados e sentidos para elas. Assim, existem diferentes interpretações que significam na cultura e na linguagem a adolescência no contexto das relações sociais. Até mesmo as características e mudanças biológicas (puberdade) por que passam os adolescentes são influenciadas pela cultura, na medida em que dependem do tipo de alimentação e do tipo de condição social e ambiental.

Dentro das concepções de Tierno (2003) a adolescência é definida como, Processo de individuação de caráter psicológico que começa com as mudanças fisiológicas da puberdade (associadas à primeira menstruação, ou menarca nas meninas e com a mudança de voz e a primeira polução nos meninos) e termina quando chega ao pleno status sociológico do adulto. (p. 38)

Para ele, embora as mudanças fisiológicas sejam um marco para o início da adolescência, os critérios que definem a entrada na vida adulta não são tão claros. Isso se dá devido à diversidade de critérios que cada cultura estabelece para a entrada do jovem na vida adulta e as modificações sociais que vão se dando ao longo da história, como a escolaridade obrigatória e a proibição do trabalho infantil, o que retardou essa passagem.

Hoje, ainda pode-se acrescentar a complexidade tecnológica do mercado de trabalho, o que faz com que os adolescentes permaneçam mais tempo estudando e se preparando para assumir as responsabilidades da vida adulta, além de fazer com que passem mais tempo na casa de seus pais. Tiba (2003) descreve como *geração carona* os adulto-jovens que têm uma vida social independente, entretanto, muitas vezes ainda

recebem mesada e moram como adolescentes na casa de seus pais. No dizer de Bock (2003),

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico e da necessidade de justificar o distanciamento do trabalho de um determinado grupo social. (p.173)

No Brasil, a maioridade civil se dá aos 18 anos de idade, de acordo com o novo Código Civil, de 2002. Pinsky e Bessa (2006) afirmam que é essa lei que define o corte entre o adolescente e o jovem adulto cronologicamente; entretanto, não há equivalência exata entre a idade mental e a cronológica, tendo em vista que a mental pode variar a partir das particularidades da cada indivíduo.

A adolescência não pode ser definida de uma forma única, pois há uma diversidade de aspectos segundo os quais ela pode ser analisada. O critério cronológico baseia-se na faixa etária, que varia de acordo com o referencial. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS,1992) a adolescência se estende dos 10 aos 19 anos, enquanto para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) a faixa etária que compreende a adolescência é a de 12 aos 18 anos incompletos. O critério físico diz respeito às mudanças biológicas que os adolescentes vivenciam (modificações no corpo), designadas puberdade. O critério sociológico é o período em que a sociedade deixa de encarar o indivíduo como adulto, entretanto não lhe atribui plenamente papéis, status e funções de adultos. O psicológico é constituído pelo período de reorganização da identidade, das estruturas psíquicas (Pfromm Netto, 1976).

Diante dessa diversidade e formas de se conceber a adolescência, adota-se no presente estudo o critério cronológico, baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente

(ECA, 1990), que em seu artigo 2º define que criança é a pessoa com até doze anos de idade incompletos e que adolescente é a que tem entre doze e dezoito anos de idade. Tal critério é adotado como uma forma de poder estudar essa fase da vida tão peculiar de cada cultura e de cada contexto social, a partir de um ângulo que possa restringir uma amostra específica.

O adolescente que se abordará nesse trabalho é, pois, aquele próprio das sociedades modernas, que tem vivido em um contexto socioeconômico no qual, devido à grande concorrência e limitação do mercado de trabalho, tem demorado mais a participar da vida adulta. Entretanto, são jovens que têm se envolvido cada vez mais cedo com alguns problemas como as drogas.

Na nossa cultura, a adolescência do século XXI foi tecida por inúmeras forças e acima de tudo por uma organização social, sendo assim passível de mudanças no decorrer do tempo e ao longo da história. Dessa forma, a relação dos adolescentes com as drogas, em especial com o álcool, deve ser compreendida de uma forma dinâmica, tendo em vista que a motivação para o consumo, o sentido do uso da droga e a forma que é consumida, vão mudando no decorrer do tempo e de cultura para cultura.

Capítulo 2

Drogas na adolescência: um tropeço no meio do caminho

*Eu não vou tomar banho
Nem fazer a barba
É assim mesmo que eu quero ficar
De camisa rasgada
E de calça furada
Bebendo cachaça no bar
Não adianta chamar que eu não vou
Estou no colo do rock'n'roll
(Cerveja na veia –Banda Velhas Virgens)*

Ao pensar nas sociedades contemporâneas torna-se imprescindível reconhecer as interferências do capitalismo moderno e da globalização nos valores e referenciais das mesmas, o que as torna por definição sociedades de mudanças constantes, aceleradas e instantâneas. Bauman (2001) descreve de uma forma brilhante a passagem da modernidade pesada e sólida, para uma *modernidade líquida*, leve e dinâmica. De acordo com ele,

O tempo instantâneo e sem substância do mundo do *software* é também um tempo sem consequências. “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato”- mas também exaustão e desaparecimento do interesse. A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a passagem do tempo, e, portanto para calcular seu “valor perdido”, perderam muito de seus significados - que, como todos os significados, derivavam da sua rígida posição. Há apenas “momentos” – pontos sem dimensões. (p. 137)

As mudanças socioeconômicas do mundo atual modificaram as exigências e expectativas frente ao adolescente. Para se iniciarem na vida adulta, sempre lhes foi

exigido apenas que tivessem maturação fisiológica, condições de ter uma renda própria e meios psicológicos de formar relações afetivas firmes, para constituir uma família. Muitas das nossas avós casaram em plena adolescência, constituíram família, sem a exigência de qualquer espécie de formação profissional. Entretanto, hoje, em troca de um melhor futuro, é solicitado aos jovens que prorroguem a entrada no mundo adulto.

Os homens são delineados no tecido sociocultural que os envolvem; dessa forma, os adolescentes do século XXI encontram-se em uma nova cena social marcada por um acelerado avanço tecnológico que traz comodidades como, por exemplo, celulares cada vez menores, das mais variadas cores e estilos, com acesso a internet, *ipods* dos mais modernos que os permitem ouvir qualquer tipo de música onde quer que estejam (inclusive em salas de aula). É tudo *instantâneo*, como bem caracteriza Bauman (2001). Os adolescentes estão mais bem informados e menos reprimidos pelos valores sociais e pelos pais, são jovens com mais liberdade, menos limites e consequentemente mais vulnerabilidade.

Isto se dá em função do *tempo sem consequências* de que fala Bauman (2001). As realizações imediatas passam por cima de qualquer lei ou regra, é tudo no *aqui e agora*. Um exemplo de como isso se expressa nos modos de relação é o termo *meninas-miojo*, que circula nas conversas de adolescentes designando meninas que cedem a investidas sexuais nos mesmos curtos três minutos de preparo de certo tipo de macarrão. Percebem-se novas formas de ser e agir do adolescente que são configuradas pelos referenciais da sociedade atual. No dizer de Salles (2005, p. 39),

As relações de autoridade e os valores sociais e morais estão sendo questionados e revistos. De um lado, tem-se a criança e o adolescente seguros de como devem se comportar, e, de outro, a própria sociedade que vem em crise de autoridade e confusa

quanto aos valores morais que deve adotar, o que se reflete nas atitudes dos pais e dos educadores... Os pais se sentem inseguros e exitam em impor seus padrões, ao mesmo tempo em que a criança e o adolescente adquirem o direito de serem respeitados nas suas exigências.

Parece que os pais da atualidade, que viveram o horror de tempos de chumbo e repressão, quando tiveram que educar seus filhos o fizeram assombrados pelo fantasma desse período. Dessa forma, ficou difícil colocar limites. De acordo com Freitas (2002) esta geração, de pais que acabaram tudo permitindo, foi denominada AI-5, numa referência ao Ato Institucional nº 5, instituído pelo regime militar em 13 de dezembro de 1968, que tolheu a liberdade individual e coletiva. Ele afirma que “a relação adolescente com as drogas seria hoje um capítulo de rebeldia herdada pelos adolescentes, depois de largada por seus pais” (p.45). Fishman (1988) descreve assim as modificações sociais advindas desse período e as consequências dessas mudanças em relação às drogas

O sonho, aquele doce sonho dos anos 60, acabou. Jonh Lennon, os Beatles, o pé na estrada, a flor, a liberação sexual, o amor livre, os cabelos soltos aos ventos da rebelião jovem, a vida aberta... As transformações culturais dos vinte anos passados, ao mesmo tempo que forçaram a derrubada de tabus e preconceitos, tiveram também esse poder de produzir e prolongar a coexistência com as drogas. Nas escolas, nas casas, nos locais de trabalho – por toda a parte passou a existir uma tolerância em relação às drogas. (p. 7).

O excesso de liberdade gera sensação de independência e de poder e, simultaneamente, de falta de direcionamento, pois as regras e limites de certa forma restringem os caminhos a serem escolhidos. No dizer de Passos (2008), “Pais e filhos

têm feito escolhas muito parecidas e se misturam em diversas experiências, negando as fronteiras geracionais” (p. 39). Dessa forma, o adolescente passa a buscar esse direcionamento em seus pares, em seus *pareceiros*, como afirmam muitas vezes alguns pais. Para a autora,

Afinal, a ausência de limites e modelos em que se pautar, longe de propiciar liberdade, aumenta as possibilidades de dominação. A falência de referenciais e autoridade parentais mantém o jovem preso a uma armadilha que inviabiliza a sua entrada no mundo dos adultos... As drogas, o álcool e mesmo o uso abusivo das relações virtuais e das academias de ginástica são “paraísos artificiais” que vendem ilusões efêmeras, as quais se desfazem e aumentam ainda mais o vazio daquilo que não tem controle e, por essa via, nunca terá. (Passos, 2008, p. 47)

O fato é que um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade hoje é o consumo de drogas, que na maior parte dos casos se inicia na adolescência, considerada uma fase da vida de maior vulnerabilidade, em face das inúmeras mudanças vivenciadas nesse momento. Atualmente, a demanda por drogas vem aumentando de forma assustadora, bem como o dinheiro que gira por trás de tudo isso. O avanço tecnológico que se presencia dia após dia também atua nesse contexto, de forma que novidades vão surgindo ou as drogas já conhecidas se remodelando a todo o momento, o que aumenta cada vez mais o mercado consumidor, conquistando uma fatia cada vez maior de grupos de jovens e adolescentes. Como bem diz Bock (2002), “a droga perdeu o ar alternativo que lhe foi atribuído pelo movimento de contracultura da década de 70, transformando-se numa mercadoria de consumo como outra qualquer” (p. 298).

A partir da década de 1980, no Brasil, surgem estudos epidemiológicos mais abrangentes realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psico-

trópicas - CEBRID, que colaboram com dados importantes sobre o consumo de drogas no país (Bessa & Pinski, 2006). O *I Levantamento Domiciliar Sobre Drogas Psicotrópicas* foi desenvolvido no período de setembro a dezembro de 2001, envolvendo as 107 maiores cidades do país, com população superior a 200.000 habitantes, com uma amostra de 47.045.907 habitantes. Dentre os resultados relevantes obtidos com o levantamento, pode ser citada a confirmação de que o consumo de drogas lícitas no país é superior ao das drogas ilícitas. Em termos de dependência, tem-se a estimativa de que 11,2% da população pesquisada são dependentes de álcool e 9% de tabaco (Carlini, Galduróz, Noto & Nappo, 2002), o que é um dado bastante preocupante.

Seguindo-se a esse primeiro estudo, no *II Levantamento Domiciliar Sobre Drogas Psicotrópicas* no Brasil¹ foram entrevistados 7939 brasileiros com idade entre 12 e 65 anos, em seu domicílio, nas cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes. Entre outros dados, revelou que 22,8% da população pesquisada já fizeram uso na vida de drogas (exceto álcool e tabaco), índice ligeiramente maior que o encontrado no levantamento realizado em 2001 (19,4%).

Em 2004, estudo realizado pelo CEBRID em parceria com a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) abrangeu todas as 27 capitais brasileiras. Dentre os resultados obtidos, é interessante destacar que o uso de drogas não é de exclusividade de determinada classe socioeconômica, distribuindo-se regularmente por todas elas. O uso de certas drogas, como maconha, cocaína, energéticos e anabolizantes, foi identificado

¹É válido ressaltar que a OMS recomenda as classificações seguintes para pesquisas sobre o uso de drogas: 1. Uso na vida (quando o indivíduo já usou drogas ao menos uma vez na vida); 2. Uso no mês ou recente (quando o indivíduo usou algum tipo de droga ao menos uma vez nos últimos 30 dias antes da pesquisa); 3. Uso frequente (o indivíduo consumiu algum tipo de droga seis ou mais vezes nos 30 dias que antecederam a pesquisa); 5. Uso pesado (quando o indivíduo usa algum tipo de droga diariamente, uma ou mais vezes (Macfarlane, Macfarlane, & Robson, 2003).

em maior percentual junto ao sexo masculino; e em relação ao sexo feminino se destacou o consumo de medicamentos, como anfetamínicos e ansiolíticos. As drogas legais, álcool e tabaco, apresentaram menor média de idade para primeiro uso, ou seja, 12,5 e 12,8 anos respectivamente.

Os dados refletem uma diferença no uso de drogas entre gêneros, bem como revelam uma preocupação estética de ambos, na medida em que o consumo de anabolizantes pelos meninos está relacionado às atividades físicas, em academias etc., e o de anfetaminas e ansiolíticos pelas meninas tem a ver com o controle do peso, inibição do apetite etc. Além disso, as informações obtidas alertam para a precocidade cada vez maior do uso de drogas legalizadas, revelando a permissividade da sociedade, em especial com as bebidas alcoólicas.

De acordo com a reportagem *O que você precisa saber sobre drogas*, (Colavitti, 2006), há cerca de 200 milhões de pessoas no mundo (cerca de 5% da população global com idade entre 15 e 64 anos) que consumiram pelo menos uma droga ilícita no ano de 2004. Em relação às razões que levam as pessoas a buscarem as drogas, a autora afirma que,

Existem motivos de sobra para querer experimentá-las (e às vezes continuar usando), seja pelo desafio à proibição, por curiosidade de experimentar um estado alterado de consciência, pela possibilidade de esquecer dos problemas em meio a uma viagem psicodélica, pela sensação de relaxamento causada por um baseado, pela energia para encarar longas e exaustivas jornadas de trabalho proporcionada pela cocaína, pelo aguçamento dos sentidos causado pelo ecstasy etc. (p. 30)

Conquanto os motivos alegados para o primeiro contato com a droga sejam os mais diversos, o problema é que na maioria dos casos essa relação não termina com a

experimentação, de modo que, no dizer de Barreto (2003), “Estão enganados os que pensam que o que acontece de errado são problemas sociais, como desemprego, falta de oportunidades, etc. O maior problema em nossa sociedade ou problema número 1 é o uso e abuso de álcool e outras drogas” (p.10). Atualmente, o consumo de drogas é considerado um dos maiores problemas de saúde pública.

Sabe-se que, no vocabulário popular, a palavra *droga* tem um sentido negativo, de algo ruim, tanto que é muito comum ouvir a expressão “*que droga!*”, para fazer referência a algo desagradável. No linguajar médico, tem significado de medicamento, remédio. A origem do termo vem da palavra holandesa *droog*, que significa *folha seca*, devido ao fato de os medicamentos de antigamente serem quase todos desenvolvidos à base de vegetais. O CEBRID (1987) definiu o termo como “qualquer substância capaz de modificar as funções dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento” (p. 7). Já a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1981) o definiu como “qualquer entidade química ou mistura de entidades (mas outras que não aquelas necessárias para a manutenção da saúde, como por exemplo, água e oxigênio), que alteram a função biológica e possivelmente a sua estrutura” (p. 35).

As drogas podem ser naturais, se obtidas através de plantas ou minerais, como a cafeína, a maconha, o ópio; ou podem ser sintéticas, se fabricadas em laboratórios. Podem também ser caracterizadas como psicoativas, aquelas que alteram comportamento, humor e cognição (OMS, 1981), agindo principalmente nos neurônios, atingindo o sistema nervoso central (SNC); ou psicotrópicas, que denota atração pela mente ou tropismo (Mansur, 2004) ou que modificam os estados cerebrais e o comportamento (Braun, 2007). Silveira (2001) as define como “substâncias utilizadas

para produzir alterações, mudanças nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional” (p. 7).

As drogas psicotrópicas estão divididas em três categorias: as que ativam o funcionamento cerebral, estimulando o sistema nervoso central, como cafeína, anfetamina e cocaína (estimulantes); as que, ao contrário, diminuem a atividade do sistema nervoso central, como narcóticos - o termo narcótico refere-se às substâncias que causam sono e diminuem a dor, como a morfina e a heroína (Mansur, 2004) -, tranquilizantes, álcool e inalantes (depressoras); e as que perturbam as atividades do sistema nervoso central, como a maconha, mescalina, ácido lisérgico (LSD-25), ecstasy (perturbadoras) (Mansur, 2004; Moreira, Niel & Silveira, 2009; Taub & Andreoli, 2004). Essa última categoria é denominada por outros autores como alucinógenas (Silveira, 2001).

Em relação aos tipos de usuários de drogas, Barreto (2003) cita o professor Claude Olievenstein (1980), ao caracterizá-los como: recreativos, ocasionais, semi-ocasionais e os toxicômanos. Os primeiros são os que consomem algum tipo de droga de forma esporádica, sem permitir que isso atrapalhe suas atividades e sua vida de uma maneira geral. Os ocasionais conseguem também manter um equilíbrio, muito embora façam uso da droga de forma mais constante. Os semi-ocasionais já apresentam comprometimentos no sono, no apetite e em seu convívio social; e os toxicômanos vivem em função da droga, que é tida como prioridade e necessidade principal. Nesse último caso, consequências mais graves, como acidentes, envolvimento com a polícia etc. já se fazem presentes.

Para se tornar um toxicômano, Freitas (2002) descreve duas condições necessárias e suficientes: a primeira é que o indivíduo encontre a droga; a segunda é a

relação estabelecida com a transgressão da lei. O mesmo autor destaca a importância de assinalar que o adolescente é vulnerável aos apelos oriundos do mundo das drogas em função das mudanças pelas quais passa seu mundo interno, além das mudanças corporais.

A dependência se inicia na medida em que o indivíduo vai desenvolvendo maior tolerância aos efeitos da droga, ou seja, com o uso repetido da droga, para conseguir o bem-estar inicial, é preciso cada vez mais aumentar a quantidade de droga consumida (Pinsky & Bessa, 2006). Por sua vez, Pinsky & Bessa (2006) relacionam o potencial de abuso da grande maioria das drogas com a sensação de bem-estar que elas produzem num primeiro momento, o que se deve à ação direta ou indireta sobre uma via neuronal cerebral (conhecida cientificamente como via dopaminérgica mesolímbica), responsável pela nossa capacidade de sentir prazer e/ou satisfação em diferentes situações, que também é conhecida como *via do reforço, gratificação ou do prazer* (p.16).

Em relação aos motivos que levam as pessoas a usar drogas, Macfarlane et al. (2003) afirmam que são: a vontade de querer se libertar sentimentos de timidez, ansiedade e falta de confiança, bem como diminuir sentimentos de solidão e baixa auto-estima; a vontade de ser igual aos amigos; a apreciação dos efeitos causados pelas drogas; o sentimento de rebeldia e individualidade que a droga proporciona; a vontade de superar o tédio; a curiosidade e a vontade de querer experimentar algo novo e a tentativa de suportar a pobreza, a depressão e o abuso. Os autores afirmam ainda que o motivo que leva ao consumo pode ser qualquer um dos citados acima, entretanto, é mais possível que seja uma combinação de mais de um deles. E quando perguntado aos jovens sobre essas razões, eles afirmam que na maioria dos casos usam drogas por

curiosidade ou para se divertir, quando todos os amigos estão usando ou quando estão com algum problema, pois a droga os deixa menos ansiosos.

...Não é necessário possuir um perfil psicológico específico para se tornar um narcodependente. O consumidor de droga não é alguém que está infeliz ou que precise da droga para superar problemas de qualquer ordem. A droga (incluindo o cigarro e o álcool) é um produto que fornece um prazer imediato e é esse prazer que irá garantir o consumo. (Bock, 2002, p. 299)

A citação acima põe em cheque as teorias que generalizam de forma rotuladora o consumo de drogas a problemas emocionais ou de conduta simplesmente. Sabe-se hoje que, em se tratando principalmente de drogas lícitas, essas substâncias são consideradas recreacionais, principalmente quando consumidas por adolescentes. Outros fatores como a curiosidade, a influência do grupo social, a disponibilidade de drogas, o contexto familiar e situações como ocorrência de emoções desagradáveis têm sido apontados como alguns dos fatores de risco para o uso de drogas entre os jovens (Contini et al., 2002). Além disso, a falta de relações empáticas e apoio familiar, pressão do grupo, violência doméstica e a baixa auto-estima têm sido relatados como fatores preponderantes de risco. Por outro lado, quando se olha pelo prisma da proteção, da prevenção, há fatores que podem evitar o consumo da droga como: religiosidade, estrutura familiar empática, inteligência, conhecimento sobre os efeitos das drogas e a capacidade de enfrentar situações adversas, até mesmo quando a oferta de drogas é excessiva e barata (Pinsky & Bessa, 2006).

Com reflexões semelhantes está Tierno (2007), ao afirmar que os motivos que levam as pessoas a consumirem drogas são “distintos e variados como as próprias pessoas” (p. 107); entretanto, o autor destaca como mais frequentes a curiosidade pelo

que a droga faz as pessoas sentirem, o não ajustamento ao grupo que fazem parte, o excesso de independência perante os adultos e a busca por experiências novas e perigosas. Tiba (1999) enfatiza que o que faz as drogas tornarem-se atraentes é o *glamour* e todo o clima de poder, conquista, sucesso ou alegria associado ao uso que a mídia vende. Carr (2003) confirma essa ideia quando caracteriza a bebida alcoólica como um dos produtos que a mídia exalta, escondendo seu lado potencialmente perigoso para a saúde.

No caso das drogas lícitas, há uma grande familiaridade entre elas e os adolescentes, tendo em vista que desde criança a presença do álcool e do cigarro muitas vezes está presente em casa, nos momentos agradáveis de festividades e comemorações da família, tornando-as bem próximas e íntimas, como um animal doméstico (Zago, 1996). Freitas (2002) destaca uma coisa que acontece na grande maioria das casas e que as pessoas parecem não questionar:

Em muitas casas, em vez de biblioteca na sala, encontramos o bar, ou o bar como altar, onde se fomenta uma cultura do álcool - uma idolatria muitas vezes de funestas consequências. É extremamente corriqueiro e até de bom tom oferecer-se uma bebida, quase sempre alcoólica, para a visita que chega. A pergunta é feita de preferência no diminutivo - *quer uma cervejinha, um whiskyzinho, uma batidinha?* - forma que se usa para negar o conteúdo perigoso do álcool. (p. 42)

O mesmo autor destaca ainda de uma forma bem interessante, a forma socialmente bem aceita que o álcool e o cigarro são veiculados pela mídia. É notória nos comerciais a associação do consumo dessas drogas a sucesso, dinheiro, felicidade, amor, sempre interpretados por belíssimos homens e mulheres jovens. Nesse sentido, é válida a questão: alguém já assistiu ou viu em propagandas de cigarro e álcool, algum

homem ou mulher fora de forma, feios, doentes ou tristes? E isso é vendido principalmente pelo álcool, tendo em vista o maior investimento em comerciais e cartazes. Exatamente por este motivo, observamos ações interventivas encaminhadas pelo Ministério da Saúde, como, por exemplo, a inserção de imagens bastante fortes das consequências do uso do cigarro nas embalagens de venda do produto, a partir da década de 1990.

Se, de um lado, para considerável parcela de adolescentes, como qualquer outra substância psicoativa, além do apelo da propaganda, o álcool tem seu poder de atração, por outro não tem a força de censura atribuída às substâncias ilegais, dado que o uso do álcool, na prática, é aberto. Isso significa que um adolescente pode beber alcoólicos sem a culpa de estar cometendo uma transgressão (que na realidade está) como poderia sentir se consumisse alguma droga ilícita. Se consumir determinada droga ilícita, o adolescente fará isso de forma velada a fim de não se expor, pois sabe que estará transgredindo a lei ou ao menos emitindo um comportamento passível de recriminação ou censura. Diante desse prisma, os jovens veem o álcool como um passaporte para a alegria, uma forma de relaxar e se divertir, que não é tão perigosa quanto uma droga ilícita. Muitos até nem o consideram uma droga, e isso é um dos aspectos que serão investigados nesse estudo.

Algumas pessoas acreditam que o que classifica uma droga como lícita ou ilícita é o seu nível de periculosidade, os riscos que elas representam ou o mal que causa. Crença esta errônea, tendo em vista que a classificação das drogas obedece a critérios culturais. Por exemplo, em se tratando do álcool, sabe-se que nos países mulçumanos ele não é considerado uma droga lícita. Observam-se também fatores ligados a razões políticas e econômicas para essa classificação. As drogas lícitas seriam as utilizadas

pelos colonizadores (álcool e tabaco) e as ilícitas as que eram consumidas pelos colonizados (ópio, maconha e coca), dessa forma essa relação de legal e ilegal seria uma forma de dominação que desconsiderava toda e qualquer relação com a saúde (Bezerra & Linhares 1999, citado por Silva, 2006).

A escola é um espaço onde se percebe claramente o nível de preocupação dos pais quando se trata de consumo de drogas lícitas e ilícitas, pelo fato de seus filhos passarem a maior parte do tempo na mesma e, por muitas vezes, eles descobrirem o consumo de drogas pelos filhos através da comunicação da própria escola. Na experiência como psicóloga escolar, a autora deste trabalho pode vivenciar situações envolvendo essa questão. Certa vez, a mãe de um aluno do 2º ano do Ensino Médio encontrou um cigarro de maconha na gaveta do filho, procurou imediatamente a escola para cancelar sua matrícula e enviá-lo para um intercâmbio fora do país. Na mesma semana, houve a festa de São João e um aluno já chegou bêbado; foi necessário a escola fazer contato com o pai para buscá-lo, pois estava em coma alcoólico. O pai o levou para tomar glicose no hospital e quando questionado sobre a situação, disse que era absolutamente normal e que o filho dele estava virando homem e precisava passar por essas coisas. Tal comportamento talvez se dê em função do baixo nível de repressão coletiva, da postura da sociedade quando se trata do álcool.

Com reflexões semelhantes está Detoni (2006) ao afirmar que “preocupados com a maconha, os pais geralmente subestimam os efeitos do álcool, considerado pelos especialistas a grande porta de entrada para o consumo das drogas” (p. 16). Apesar da grande preocupação com as drogas ilícitas, estudos e pesquisas são unânimes em apontar que atualmente os maiores problemas de saúde são consequências do consumo de substâncias lícitas.

Os males causados pelo uso abusivo do álcool e do tabaco são, na realidade, muito maiores do que os problemas associados às drogas ilegais. Curiosamente, as pesquisas demonstram que mais da metade das matérias em jornais e revistas tratam de drogas ilegais e poucas se dedicam ao tabagismo e ao alcoolismo. Atualmente, alguns meios de comunicação têm despertado de maneira responsável para o problema da dependência de drogas legais e ilegais (Macfarlane et al., 2003, p.54).

2.1 O álcool: qual o problema de tomar umas?

*Eu bebo sim, e estou vivendo
Tem gente que não bebe e está morrendo
Bebida, não faz mal a ninguém
Água faz mal à saúde
(Eu bebo sim-Velhas virgens)*

O consumo das drogas vem acompanhando a existência humana ao longo dos tempos, e o álcool destaca-se nesse contexto por ser a mais antiga delas. Detoni (2006) afirma que uma das mais antigas menções ao vinho data de 3500 a.C., encontrada em um papiro egípcio, e que há indicações de que a cerveja em 6000 a.C. já era fabricada na Mesopotâmia. Fishman (1988), que fez um resgate histórico do consumo do álcool no decorrer do tempo, bem como de suas diferentes funções, aponta que o vinho é considerado uma das mais antigas bebidas, sendo fabricado, também, desde 6000 a.C., em algumas regiões do Oriente Médio. Além disso, a Bíblia traz Noé como o primeiro a se embriagar, antes do dilúvio, com a bebida das vinhas que plantou, e faz menções ao consumo do álcool no Antigo e no Velho Testamento.

De acordo com Fishman (1988), o consumo do vinho e da cerveja foi utilizado cerca de 2.000 anos a. C., pelos Sumérios, com fins medicinais. A cerveja era

consumida com a finalidade de expelir cálculos renais, por ter forte ação diurética, e os açúcares delas e do vinho podiam ter virtudes medicinais. Apesar disso, os médicos sumérios já preveniam o fato de que grandes porções podiam perder o poder curativo e se transformar em veneno, o que não impedia as bebedeiras coletivas que muitas vezes duravam dias em homenagem aos deuses da agricultura. Além disso, nos ritos e cerimônias religiosas, era comum o estado de embriaguez. O autor afirma ainda que

Os faraós e suas famílias, os sacerdotes, os escribas e os militares submetiam-se a regras sociais rígidas, que limitavam as bebedeiras a ocasiões religiosas (festas em honra ao deus agrícola Osíris) ou sociais (comemorações familiares ou oficiais em homenagem a uma boa safra ou a uma vitória militar, por exemplo. (p. 14)

Na Grécia antiga, a primeira bebida alcoólica que se tornou popular foi o hidromel, que era adquirido através da fermentação do mel diluído na água. O deus da embriaguez era Dionísio e suas celebrações contavam sempre com o consumo de vinho que permeava a embriaguez coletiva, e por muitas vezes culminavam em sacrifícios de pessoas ou animais. Já por volta de 500 a.C., na época de filósofos como Sócrates, Aristóteles, Platão, “o uso de vinho foi amenizado, mas fazia parte dos hábitos de hospitalidade e vida social da sociedade grega” (Fishman,1988, p. 16).

Em Roma, o deus Dionísio passou a ser cultuado com o nome de Baco. Daí origina-se o termo *bacanal*, em função das festas que agitavam as cidades do império durante vários dias, em honra a essa divindade. O cristianismo, ao substituir as religiões pagãs gregas e romanas, impôs moderação quanto ao consumo do álcool. Ao longo da Idade Média, com o fortalecimento do cristianismo, este passou a exercer um forte controle social, combatendo o vício do álcool, muito embora permitisse seu consumo em festas.

No fim da Idade Média, no norte da Europa, através do cultivo da cevada e do lúpulo, originaram-se as cervejas que ficaram famosas. “E com a difusão das técnicas de destilação, o leque de novas bebidas se ampliou bastante” (Fishman, 1988, p. 23), fator este que foi em grande parte responsável pela disseminação dos hábitos de beber na Europa. A revolução Industrial trouxe o surgimento da máquina a vapor e, conseqüentemente, uma produção de manufaturados em um ritmo desconhecido, o que ampliou o sistema de distribuição e consumo das bebidas alcoólicas.

No começo do século XX, o abuso generalizado do uso do álcool nas grandes cidades da Europa e das Américas provocou a reação de religiosos, médicos e estadistas, que culminou na proibição da manufatura e da venda de bebidas alcoólicas em países como Estados Unidos, Finlândia, Bélgica, Islândia, Noruega, Grã-Bretanha e Rússia...Talvez o caso mais expressivo seja o da Lei Seca, que vigorou nos E.U.A de 1919 a 1933, imposta por um artigo acrescentado à constituição do país (Fishman, p. 27).

Percebe-se que o álcool passou por diferentes formas de aceitação no decorrer da história. Tendo seus momentos de exaltação ou de proibição como no referido período da Lei Seca. “Apesar das diferenças socioeconômicas e culturais entre os países, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta o álcool como a substância psicoativa mais consumida no mundo e também como a droga de escolha entre crianças e adolescentes” (Vieira, Ribeiro, Romano e Laranjeira, 2007, p. 397). Conhecido quimicamente como etanol, o álcool é uma substância com a forma química de $\text{CH}_3\text{CH}_2\text{OH}$. Pode ser associado a outros elementos químicos, responsáveis pela cor, sabor, odor e outras características das bebidas, o que as deixam muito mais atrativas. É uma droga lícita que ao ser ingerida causa, inicialmente, uma aparente estimulação em

função da depressão dos mecanismos de controle do cérebro, mas que posteriormente bloqueia o funcionamento do sistema nervoso central, provocando um efeito depressor. Seu consumo repercute inicialmente na fala, pensamento, cognição e consciência, e em seguida deprime a respiração e os reflexos. (Bessa & Pinsky, 2006; Braun, 2007; Cirino & Medeiros, 2006).

Uma dose de álcool equivale a aproximadamente uma latinha de cerveja (350ml), uma taça de vinho (120 ml), 40 ml de uísque ou de cachaça. De acordo com a SENAD (2001), um drinque padrão é uma latinha de cerveja (por volta de 300 ml), uma taça de vinho (120ml), 36 ml de uísque, cachaça ou vodka. Assim, o beber *moderadamente* ou *socialmente* significa que uma pessoa consome uma certa quantidade de álcool que comumente não representa riscos à saúde, podendo até prevenir alguns tipos de doenças cardíacas (Pinsky e Bessa, 2006). A grande questão é que esse beber moderadamente, como bem exaltam as propagandas de bebidas, acaba se tornando um padrão pessoal e, no caso do adolescente, que normalmente bebe em grupo, em momentos de recreação, é muito improvável que ele pare logo na primeira dose, ou na *primeira bateria*.

A intoxicação aguda pelo etanol geralmente aparece com a ingestão de duas ou mais doses e caracteriza-se por: (a) alteração do humor (pode variar de euforia até o desânimo e apatia, passando por comportamento inconveniente como irritabilidade e/ou agressividade); (b) aumento da sensação de autoconfiança; (c) alteração da percepção do que está acontecendo ao seu redor, prejudicando a capacidade de julgamento; (d) diminuição da atenção, dos reflexos e da capacidade motora; (e) visão dupla; (f) tontura e sonolência; (g) náuseas e vômitos; (h) coma, parada cardiorrespiratória e morte (Pinsky & Bessa, 2006, p. 18)

O organismo leva de sessenta a noventa minutos para metabolizar essa quantidade de álcool, eliminando os efeitos centrais (sobre o SNC) da bebida (Pinsky & Bessa, 2006). Os seus efeitos psicoativos variam de acordo com a quantidade ingerida, a velocidade com que foi tomado, o peso da pessoa, se havia ou não alimentos no estômago, o estado de humor da pessoa antes de beber e quão acostumada ela está com a bebida (Detoni, 2006). É importante acrescentar que não é necessário um indivíduo ser dependente de álcool para que possa apresentar transtornos a ele relacionados, de modo que não existe consumo sem riscos. Muitos indivíduos não são diagnosticados medicamente como alcoolistas, embora consumam álcool de forma prejudicial à saúde. Ele mata mais do que as demais drogas, sejam por ação direta sobre o organismo ou por consequência de um uso inadequado (Cavalieri & Egypto, 2002).

A bibliografia aponta que o beber é um fenômeno praticamente universal, dado o alto índice de prevalência de indivíduos que em algum momento da vida, independente do motivo, fizeram uso do álcool. Atribui-se a fatores emocionais, religiosos ou sociais a influência na decisão de beber, tanto no adolescente quanto no adulto. O fato é que o álcool é a droga mais consumida e que mais consequências traz, principalmente para os jovens.

No caso dessa droga, o encontro pode ser realizado em qualquer lugar, a qualquer hora e nos mais variados valores, havendo para todos os gostos. Zagury (2002), ao tratar a temática *drogas* em sua pesquisa, obteve como resultado o álcool como a primeira droga a ser experimentada e a mais utilizada pelos jovens (43%), seguido dos calmantes (10%), da maconha (5,5%) e dos remédios para emagrecer (5,4%). A autora justifica esse índice alarmante com relação ao álcool pela tolerância e incentivo da sociedade como um todo. Desde o uso de uma forma *social* dentro das

famílias, até a negligência dos bares, boates e restaurantes para a proibição legal da venda de álcool para menores de 18 anos. Corroborando as informações acima, Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) afirmam que

O uso de álcool entre adolescentes é, naturalmente, um tema controverso no meio social e acadêmico brasileiro. Ao mesmo tempo em que a lei brasileira define como proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos (Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996), é prática comum o consumo de álcool pelos jovens – seja no ambiente domiciliar, em festividades, ou mesmo em ambientes públicos. A sociedade como um todo adota atitudes paradoxais frente ao tema: por um lado, condena o abuso de álcool pelos jovens, mas é tipicamente permissiva ao estímulo do consumo por meio da propaganda... Para uma mente em desenvolvimento, tipicamente sugestionável e plástica como a de um adolescente, o paradoxo de posição da sociedade e a falta de firmeza no cumprimento de leis são um caldo de cultura ideal para a experimentação tanto de drogas como de álcool, contribuindo para a precocidade da exposição de jovens ao consumo abusivo. (p. 46)

A droga mais consumida no país não é a maconha e nem muito menos a cocaína. De Norte a Sul do Brasil, a droga mais consumida é o álcool, o que reproduz uma tendência mundial (Campos, 2004). Os dados com relação ao consumo do álcool são cada vez mais alarmantes; considerando-se o uso na vida (definido como qualquer consumo em qualquer momento da vida), de acordo com o *I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil* (Carlini, Galduróz, Noto, & Nappo, 2002), a prevalência é de 48,3% entre jovens de 12 a 17 anos, em 107 grandes cidades brasileiras. De acordo com o levantamento do CEBRID de 2002, em 107 municípios com mais de 200 mil habitantes, 68,7% da população brasileira consome álcool. Neste

mesmo levantamento, destaca-se o uso cada vez mais precoce do álcool pelos adolescentes: 50% dos estudantes entrevistados na faixa etária entre 10 e 12 anos já haviam experimentado algum tipo de bebida alcoólica.

O álcool é a droga mais nociva em termos de impacto na saúde, economia e segurança, em função do preço acessível, da facilidade de compra e da distribuição em todo o território nacional... A organização mundial de saúde (OMS) estima em 2 bilhões o número de consumidores no mundo. (Teixeira, 2008, p. 18)

Na América Latina, estudos que investigaram o uso de drogas por adolescentes por meio de questionários anônimos auto-aplicados indicam que o álcool é a substância mais consumida, sendo as taxas mais elevadas entre indivíduos do sexo masculino (Tavares, Beria & Lima, 2001). Reportagem da revista Istoé (Caruso & Val, 2001), intitulada *Cada vez mais cedo*, reitera as pesquisas que apontam o crescimento do uso do álcool e da maconha entre pré-adolescentes. Revela que durante sete anos a psiquiatra Sandra Scivoletto, responsável pelo ambulatório de adolescentes e drogas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, acompanhou adolescentes de 11 a 17 anos e constatou que, na última década, a idade média para se experimentar a primeira droga lícita, como o álcool, e outras ilícitas, baixou de 14 para 11 anos. “Ao contrário do que dizem por aí, a maconha não é a porta de entrada para outras drogas. Quem abre o caminho é o álcool, a maconha vem depois” (Caruso & Val, 2001, p. 53). Isso, porque a maioria dos adolescentes que começa a beber rouba bebida dos pais antes mesmo de ouvir falar em maconha.

Quase três bilhões de pessoas consomem bebidas alcoólicas no mundo e cerca de 76 milhões têm diagnóstico de alcoolismo (Colavitti, 2006). Além disso, o álcool é

responsável por 1,8 milhões de mortes. Carr (2003) relata que algo superior a 70% dos jovens entre 15 e 17 anos bebem e, destes, mais de 25% bebem mais de sete doses. Com relação à embriaguez, o percentual é de 28% dos alunos do Ensino Médio, de modo que a bebedeira já virou uma moda entre os adolescentes. Nesta direção, o autor afirma que estudantes universitários do mundo inteiro gastam mais dinheiro consumindo bebidas alcoólicas do que com refrigerantes, chás, leite, sucos, café e livros juntos. Pechansky et al. (2004) citam um levantamento feito com uma amostra de adolescentes de Porto Alegre, com idade entre 10 e 18 anos, em que era frequente (71%) a experimentação de bebidas alcoólicas, chegando a quase 100% entre os de 18 anos, o que é um dado alarmante.

Esses e muitos outros estudos demonstram que o álcool é um problema de saúde pública no Brasil e que necessita de intervenções eficientes por parte da sociedade e dos diferentes níveis de governo. Ele está inserido na cultura, presente nos momentos de lazer e encontros dos adolescentes, em festas, churrascos, jogos de futebol, dentro das casas, de modo que seu consumo pode parecer normal, sem muita censura ou orientação por parte dos pais. Embora a maioria dos adolescentes que bebem não venha a desenvolver a dependência, verifica-se que todos os alcoólatras iniciaram o consumo do álcool nessa fase da vida. Chama a atenção atualmente o índice de mulheres que vêm desenvolvendo o alcoolismo, bem como o aumento do consumo do álcool pelas adolescentes. É dessa última questão que tratará o capítulo que se segue.

Capítulo 3

As adolescentes: álcool e gênero

*Nas duas faces da Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso de quem nada quer
Sexo frágil, não foge à luta
E nem só de cama vive a mulher
Por isso não provoque
É cor de rosa-choque
cor de rosa-choque”
(Rita Lee e Roberto de Carvalho)*

Considerando a influência histórica e social na conformação da adolescência, percebe-se que alguns comportamentos são marcantes e marcados pelas questões de gênero, de modo que existem modelos socialmente estabelecidos de ser *do* e *da* adolescente. Na visão de Oakley (1972), enquanto as diferenças de sexo são físicas, as de gênero são socialmente construídas. O conceito de gênero, consolidado na expressão relações de gênero, representa a aceitação de que a masculinidade e a feminilidade transcendem a questão da anatomia sexual, remetendo a redes de significação que envolvem diversas dimensões da vida das pessoas (Yépez & Pinheiro, 2004). O gênero, portanto, é um conceito sociológico, que se refere à construção da sexualidade nas relações sociais e às relações de poder que a envolve (Amaral, 2005; Ramos, Monticelli & Nitschke, 2000; Scott, 1995). Ramos, Monticelli e Nitschke (2000) acrescentam que, assim, a formação da identidade, no contexto coletivo, tanto para os homens quanto para as mulheres, decorre das diferentes vivências no meio social onde estão inseridos... A construção da identidade - feminina ou masculina - se realiza dentro

do que é aceito para cada um dos atores sociais, com atitudes ou comportamentos próprios dos homens e próprio das mulheres. (p. 38)

A concepção de gênero foi edificada como uma maneira de demonstrar as várias formas de exclusão e submissão das mulheres, nos diversos contextos sociohistóricos (Amaral, 2005). Atualmente, percebem-se mudanças na forma de ser e agir da mulher que refletem de forma bastante nítida essas diferenças quanto aos comportamentos do *ser homem* e do *ser mulher*, que vão se moldando de acordo com os movimentos da sociedade. Strey (1998) afirma que a criação desse conceito (gênero) abre um espaço no conhecimento sobre a mulher e o homem, tornando possível uma transformação na forma de compreender as diferenças e desigualdades entre eles. Para o autor,

o gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. Cada cultura tem imagens prevalentes do que homens e mulheres devem ser... A construção cultural do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou ser mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas. (p. 183)

Percebe-se que as características que compõem a masculinidade ou a feminilidade não são rígidas e estáveis, mas sim, algo estabelecido pelo contexto sociocultural, que está em permanente construção e desconstrução. Quando se analisa a forma de ser e agir da mulher até meados do século XIX percebe-se uma sociedade dominada pelo patriarcado, uma forma de hierarquia em que as mulheres eram subordinadas aos homens e as autoridades sociais eram exercidas através dos papéis de pai e marido (Amaral, 2005). Algumas culturas ainda vivenciam essa subordinação, sendo exemplo as sociedades islâmicas, nas quais os homens estabelecem uma relação

de acentuada dominação sobre a mulher, que assume uma posição de total submissão (Adas, 1998).

Desde que a mulher, após seu movimento de emancipação, ampliou seu espaço social e aumentou sua participação na disputa pelo mercado de trabalho, incrementando novas responsabilidades sociais, houve uma modificação em seu modo de ser, pensar e agir. As mulheres moldam sua forma de se comportar de acordo com o tempo e a cultura em que se desenvolvem. “É na trama social que a mulher se constitui, revela-se, transforma-se e fala sobre si mesma. Desse modo, para falar de mulher é necessário mencionar o tempo sócio-histórico-cultural em que a estamos situando” (Amazonas, Lima & Dias, 2006, p. 28).

Para entender a maneira que as mulheres e as adolescentes vêm se comportando atualmente é preciso resgatar algumas mudanças observadas na sociedade, do século XIX até os dias atuais, nos âmbitos da economia, política e cultura. Zamora (2004), quando discute a questão dos gêneros em sua tese sobre o consumo de álcool como expressão de masculinidade, afirma que o final do século XIX foi marcado por mudanças tão intensas e de velocidade tão rápida, que é indiscutível as diferenças na vida diária dos adolescentes atualmente. “Hoje em dia está acima de qualquer dúvida que as relações sociais adquiriram um novo sentido, herdado da tradição cultural que instaurou as formas de interação entre homens e mulheres”.(p. 18)

Por muitos anos se atribuiu à mulher um lugar de inferioridade em relação aos homens, em face da diferença na estrutura anatômica de ambos, concepção esta respaldada pela biologia e pela idéia de que o ser homem e o ser mulher eram questões puramente biológicas (Amazonas, Lima & Dias, 2006). Tal visão requeria das mulheres comportamentos marcados pela passividade, delicadeza e recato, bem

como que sua função social fosse cuidar do lar e da família; até porque se acreditava que a “mulher não possuía inteligência suficiente para tratar das grandes discussões sociais que rondavam o espaço público, destinado ao homem” (Amazonas, Lima & Dias, 2006, p. 29).

Os anos 80 foram marcados pela tentativa de ampliação das temáticas e do corpo teórico, vigentes anteriormente. Passou-se a trabalhar com a noção de relações de gênero (sexo sociológico: gênero masculino e gênero feminino) ao invés de relação entre os sexos. Foi necessário desbiologizar a noção de sexo e integrá-la as questões sociais. (Massi, 1992, p. 30)

As fronteiras que restringiam a vida das mulheres por justificativas biológicas foram se movendo com as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais. Com a ascensão da burguesia e o surgimento da sociedade industrial, e conseqüentemente do capitalismo, essa maneira de ver a mulher foi se modificando. A história aponta uma maior participação das mulheres no processo produtivo depois da Segunda Guerra Mundial, diante da escassez de mão-de-obra conseqüente da participação dos homens nas duas grandes guerras, bem como uma maior inserção na ordem do público: direito a cidadania, participação nas decisões da sociedade, na política, na cultura. É perceptível hoje a crescente participação das mulheres em todas as esferas de atividade na sociedade, o que representa uma grande diferença em relação ao passado.

Assim, vemos que esse espaço social que foi ampliado e conquistado pela mulher é fruto de uma longa trajetória de lutas e conquistas. Durante o século XIX, produziram-se constantes reformulações e conquistas femininas que se foram plasmando nas condutas individuais e nas coletivas, na legislação, na arte e no pensamento (Strey, 1998). O final desse século foi marcado pela chegada das mulheres

à universidade. Na década de 30 elas puderam exercer o direito de cidadania, votando pela primeira vez, e após a Segunda Guerra Mundial deram início ao trabalho fora do lar. No Brasil, o direito de voto foi conquistado somente em 1932, promulgado por Getúlio Vargas. Esse direito foi conquistado a partir de reivindicações iniciadas em 1910, a partir da fundação do Partido Republicano Feminino, no Rio de Janeiro.

Entre os anos trinta e sessenta assistiu-se à emergência de um expressivo movimento feminista, questionador não só da opressão machista como também das restrições da sexualidade feminina e dos modelos de comportamento impostos pela sociedade de consumo. A ditadura militar promovia um processo de modernização acelerado, denominado milagre econômico, em que se desestabilizava a estrutura da familiar nuclear, possibilitando a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho (Rago, 2003). Nas décadas de 1960, 1970 e 1980 foram criados o Movimento Feminino pela Anistia e o Centro da Mulher Brasileira, além de jornais como *‘Brasil – Mulher’* e *‘Nós mulheres’*, que escreviam especificamente sobre a luta das mulheres. Em 1985 criou-se o Conselho Nacional da Condição Feminina, no âmbito de uma política nacional ligada ao Ministério da Justiça (Adas, 1998).

Foram movimentos sociais e políticos assim como os dos negros, dos índios, dos trabalhadores sem terra, ou seja, das classes menos favorecidas, que colocavam em questão o cerceamento imposto à mulher pela sociedade de tradição machista. Envolveu mulheres em todo o mundo, de diferentes classes sociais, cores, religiões e aspirações (Adas, 1998).

O alongamento do trabalho da mulher para além do espaço doméstico ampliou as dimensões das perspectivas de suas vidas e provocou mudanças que se refletiram nas relações familiares, conjugais e na sociedade. Passaram a existir novos

comportamentos, novos anseios e aspirações. Exemplo disto foram os novos arranjos familiares, que puseram abaixo o modelo tradicional de família como único modelo. O que antes era composto por pai, mãe e filhos, hoje pode ser configurado também como uma família monoparental materna, composta apenas por mãe e filhos, sejam elas separadas ou mães solteiras, o que coloca as mulheres no posto de chefe do lar e que desmonta um modelo de família nuclear burguesa. Este focalizava a estrutura da família e não a qualidade das inter-relações (Carvalho, 2002).

Com o início da década de 60, a filosofia naturalista e liberal do movimento hippie passou a atacar diretamente as instituições como o casamento, por meio de ideias de sexo livre e de independência e igualdade da mulher. Inexistindo o divórcio, os homens e mulheres insatisfeitos com suas relações e atordoados pela mentalidade da chamada Nova Era, uniam-se de forma livre, sem as bênçãos da Igreja, que não aceitava, e ainda não aceita em certas denominações, um novo casamento, e sem o contrato civil, visto que o vínculo anterior permanecia praticamente intacto. (<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3192&p=3>)

Um marco dessa mudança foi à legalização do divórcio, em 26 dezembro de 1977, promulgada pela Lei 6.515, modificando todo o sistema de código civil de 1916 que se alicerçava na indissolubilidade do matrimônio. Foi com a Constituição Federal de 1988 que, legalmente, a mulher realmente pôde se igualar ao homem, através de dois artigos: o 5, que em seu título I diz que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição” (p. 2); e o 226, que em seu parágrafo 5º, afirma que os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher. O texto constitucional efetiva o artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, que recomenda que “os homens e

mulheres devem gozar dos mesmos direitos, não só durante o seu casamento, como após sua dissolução” (p.25). Da mesma forma, revê o Código Civil de 1969, que em seu artigo 380 afirmava que o pátrio poder era exercido pelo marido, com a colaboração da mulher, cabendo ao marido, ainda: a chefia da sociedade conjugal, o direito de fixar o domicílio da família, o direito de administrar os bens do casal e o direito de decidir, em caso de divergência (Carvalho, 2002). Dessa forma, sob a lei, a mulher tem regularizada sua situação, dispondo de instrumentos que visam diminuir ou eliminar as injustiças a que esteve submetida.

A liberdade de escolha das mulheres tem um momento de grande êxito na década de 1960, com a invenção da pílula anticoncepcional. A possibilidade de desvincular o ato sexual da procriação implicou maior autonomia sobre o planejamento familiar e em sua vida sexual, ampliando sua identidade, antes restrita aos papéis de mãe, esposa e educadora. “Surgiram nos Estados Unidos as pílulas anticoncepcionais, o mito Marilyn Monroe, a revista *Playboy*, o musical *Hair*, entre outros” (Sampaio, 2005, p. 31).

A autora ainda cita os novos tipos de vestuários como shorts, minissaias, *soutiens*, biquínes, que escandalizaram e causaram *furor*, serviram como inspiração para algumas composições musicais e, mais tarde, tornaram-se símbolos de uma geração. Em se tratando de música, uma das mais ouvidas e cantadas pelos adolescentes do Nordeste do Brasil, nomeada de *Mulher desmantelada*, descreve de uma forma caricaturada e bem-humorada algumas das mudanças dessa forma de pensar e agir das mulheres do século XXI

Mulher gosta de praia, cerveja bem gelada, mulher gosta de farra e de forró, mulher gosta de beijo molhado de desejo, mulher gosta do bom e do melhor... Mulher não

quer ser motorista de fogão, não! Mulher não quer ficar em casa de plantão, mulher não gosta de sentir-se dominada, mulher foi feita para amar e ser amada. (Forró dos Plays, 2007).

A condição de ser da mulher, a sua forma de pensar e se comportar apontam para um novo estilo de vida marcado por autonomia, liberdade e independência. O fato de não mais querer ser *motorista de fogão*, *ficar em casa de plantão*, de *sentir-se dominada*, reflete uma mulher cujas prioridades não são mais cuidar da casa e dos filhos (quando desejam ter), mas sim que prioriza a sua formação profissional e sua liberdade de ocupar os mesmos lugares que os homens. De acordo com dados do IBGE (2000), a mulher atualmente tem casado bem mais tarde e tem demorado mais para ter filhos.

Como não poderia deixar de ser, as conquistas feministas nas últimas décadas ecoam na forma atual de se comportar das adolescentes, que passam a apresentar comportamentos até então pouco vistos. Elas não mais começam a namorar para cedo casar e logo constituir famílias; ao contrário disso, vão para festas, curtem e *ficam*. Tal forma de se relacionar surge na segunda metade dos anos 1980, nos cantinhos de danceterias, e se estende aos *shoppins centers* e às festas. No ato de ficar, a garota e o garoto ficam juntos, às vezes tendo acabado de se conhecer, sem assumir qualquer compromisso de namoro ou de um relacionamento futuro (Tiba, 1994). Muitas vezes beijam-se sem ao menos perguntar os nomes. Além de poder *ficar* com qualquer garoto sem compromisso, as meninas podem também beijar mais de um em uma noite, comportamento que era somente aceito socialmente quando vivido pelos meninos. Além de assumir padrões tipicamente masculinos nas novas formas de se relacionar, as meninas, hoje, frequentam os mesmos ambientes e comportam-se como eles.

O consumo de álcool, que durante séculos foi mais comum entre os rapazes, tem aumentado junto às garotas, bem como a maior incidência de casos de alcoolismo e o envolvimento em acidentes de carro a ele associados. Esse quadro revela uma mudança de comportamento no conjunto da sociedade, que aceita com mais tranquilidade a maior liberdade das meninas para frequentar locais e eventos onde se consome bebida alcoólica, e onde podem expressar os mesmos comportamentos de consumo dos meninos (Zakabi, 2002). Este panorama é confirmado por Amazonas, Lima e Dias (2006), ao afirmarem que na medida em que a sociedade foi se tornando mais liberal e permissiva, inclusive tolerando o comportamento de beber em público, o beber entre as mulheres aumentou. De modo que contribuiu para o aumento da prevalência de transtornos por uso de substâncias entre as mulheres, tal como explicitam Gigliotti & Guimarães (2007)

Desde a segunda guerra mundial, mudanças culturais como a entrada das mulheres no mercado de trabalho e em profissões previamente dominadas por homens, entre outras mudanças, contribuíram para o estreitamento entre as diferenças de comportamento masculino e feminino, aumentando assim a oportunidade para as mulheres beberem e experimentarem drogas (p. 19).

De acordo com a Secretaria de Saúde de São Paulo, houve um aumento de 78% no número de mulheres que buscam tratamento para o alcoolismo nos centros de saúde, nos últimos cinco anos (Rangel e Rabelo, 2007). Uma pesquisa desenvolvida pelo CEBRID (2000), envolvendo as 24 maiores cidades – com mais de 200 mil habitantes – do estado de São Paulo, constatou que o *uso na vida* de álcool na faixa etária entre 12 e 17 anos foi de 37,7% para o sexo masculino e 32,3% para o feminino, sendo que o *uso regular* foi de 0,7% para o sexo masculino e de 1,9% para o feminino. Na mesma faixa

etária, a prevalência de dependentes de álcool foi de 5,3% para o sexo masculino e de 2,5% para o sexo feminino. Esses dados evidenciam que as adolescentes estão consumindo o álcool de forma esporádica – na vida – um pouco menos que os meninos, muito embora o consumo mensal seja duas vezes maior que o deles.

Estudo mais recente e mais abrangente sobre o consumo do álcool na população brasileira, realizado em 2007 pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), o *I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira* abrangeu 3007 pessoas, dentre as quais 661 adolescentes entre 12 e 17 anos. Sua amostra abrangeu 100% do território nacional, gerando um retrato bastante aproximado de como a população brasileira está se relacionando com o álcool. A pesquisa chama a atenção para alguns dados, principalmente *a ausência de diferença entre meninos e meninas* no beber, ou seja, para o fato de que as meninas estão bebendo quase tanto quanto os meninos. Na mesma direção, Zailcklas (2007) afirma que,

Nas últimas décadas, as garotas acabaram com a diferença de sexo no que diz respeito à bebida. Escrevi este livro por que pela primeira vez na história, elas estão bebendo tanto e tão cedo quanto os rapazes, porque o número de mulheres que se embriagam pelo menos dez vezes por mês triplicou e uma pesquisa em 2001 mostrou que quarenta por cento das jovens bebem para se embriagar. (p.12)

Em estudo com alunos dos Ensinos Fundamental II e Médio de escolas públicas e privadas (1083 questionários na rede pública e 320 na rede privada) da cidade de Assis, no estado de São Paulo, revelou-se que o álcool foi a droga mais consumida pelos adolescentes (68,9%). Em relação aos sexos, houve maior uso na vida de maconha, cocaína e solventes pelos alunos do sexo masculino, e os anfetamínicos e os ansiolíticos

entre as meninas. Quanto às outras drogas, não foi constatada diferença significativa entre os dois grupos, inclusive para tabaco e álcool (Guimarães, Godinho, Cruz, Kappann e Junior, 2004), o que reforça a intensidade do consumo de álcool pelas meninas.

Não é nenhuma surpresa ir aos churrascos de turmas, shows e festas e encontrar meninas não só erguendo orgulhosas seus copos com bebidas, mas também, muitas vezes, sendo carregadas pelas colegas por estarem embriagadas. Além disso, basta passar pelos barzinhos mais movimentados que facilmente se verá uma mesa repleta de meninas ou elas estarão misturadas com os meninos. A revista Época (Vieira & Velloso, 2002) traz dados que reafirmam essa realidade:

Bebedeiras homéricas costumavam ser associadas à combinação de juventude e testosterona. Até hoje os rapazes viram copos como se fosse uma demonstração de virilidade. Mas agora as meninas também enxugam. Foi-se o tempo em que a moça que bebia era malvista. Hoje elas competem com os rapazes. (p. 41)

A embriaguez nas meninas pode se dar de forma mais rápida do que entre os meninos, em função da concentração plasmática de álcool que é maior nas mulheres, mesmo quando ambos consomem a mesma quantidade de álcool por unidade de peso corporal. Isso ocorre por que os homens têm mais porcentagem de água no corpo do que as mulheres, o que faz com que a concentração de álcool seja menor, pois fica mais diluído. Além disso, a enzima álcool desidrogenase tem uma concentração menor na mucosa gástrica da mulher, o que aumenta a absorção de álcool ingerido em função da diminuição do metabolismo gástrico do álcool. Soma-se a isso o fato de que, com a idade, as mulheres ganham mais gordura corpórea, o que diminui a quantidade de água no organismo e as deixa ainda mais sensíveis ao álcool (Gigliotti & Guimarães, 2007).

Em sua tese a respeito do uso do álcool na adolescência, Zamora (2004) revela que o consumo de álcool integra o processo de socialização e parece ser aceito como componente integrante da convivência entre amigos. A pesquisa foi realizada com adolescentes do sexo masculino no México e aponta que o beber é parte do processo de socialização do homem. Observou-se que o comportamento de beber faz parte de um conjunto de estratégias que o ambiente cria para facilitar a convivência entre as pessoas, e, como deixa claro o estudo, em especial os adolescentes. Apesar de ter sido realizado com adolescentes exclusivamente do sexo masculino, aponta para a função do álcool como agente socializador, confirmando a relação que há entre o consumo de álcool na adolescência e a sociabilidade.

Capítulo 4

Sociabilidade adolescente

“... Garotas como eu, afinal de contas, aprendem a ficar amedrontadas quando sozinhas. No parque ou em uma loja, somos alvos. Podemos ser raptadas, sujeitas a um grande número de perigos imprevisíveis, molestadas, torturadas, abandonadas para morrer. Mas, em grupo, aprendemos a nos sentir mais fortes, como o total dos nossos componentes. Esquecemos gradualmente nossas ansiedades e reservas. Praticamos “O Sistema do Parceiro”. Acreditamos falsamente que a tragédia não nos pode atingir sozinha num grupo” (Zailckas, 2007, p. 46)

O conceito de sociabilidade (*Geselligkeit*) foi criado originalmente no campo da sociologia, por Georg Simmel, que indagava sobre como a sociedade se fazia possível. Esta era considerada como algo continuamente constituído e dissolvido, através de interações recíprocas entre os indivíduos. A sociabilidade, portanto, seria uma consideração de modos, padrões e formas de socialização em contextos ou em círculos de interação e convívio social, nos quais atuar como se todos fossem iguais seria uma das regras implícitas (Frúgoli Jr., 2007). A sociabilidade é a capacidade da espécie humana de viver em sociedade, que se desenvolve pelo processo de socialização.

Moreira (1996) define socialização como o processo pelo qual a criança adquire valores e padrões comportamentais que se adequam à cultura própria do grupo social no qual está inserido. A socialização é, portanto, um processo fundamental não apenas para a integração do indivíduo em seu grupo, na sua sociedade, mas também para a

continuidade dos sistemas sociais: “Trata-se de um processo educacional amplo e assistemático que se desenvolve durante toda a vida” (Moreira, 1996, p. 39). Na medida em que a sociedade vai se complexificando, a tarefa de socializar, que era exclusiva dos pais, vai se ampliando, de modo a surgirem novos agentes de socialização como instituições especializadas, a exemplo da escola.

No decorrer do desenvolvimento humano a socialização tem início após o nascimento, quando a família inicia o processo de transmissão de seus valores, hábitos e crenças; à medida que a criança vai crescendo, vai ampliando o seu nível de socialização a partir da inserção em alguns grupos sociais como a escola, os meios de comunicação, os esportes coletivos. É um processo contínuo que nunca se dá por terminado, realizando-se através da comunicação, inicialmente pela imitação. É através desse processo que o indivíduo pode desenvolver a sua personalidade e ser admitido na sociedade. A socialização é, portanto, um processo fundamental, não apenas para a integração do indivíduo na sua sociedade, mas também para a continuidade dos sistemas sociais através dos quais o indivíduo se integra no grupo em que nasceu, adquirindo os seus hábitos e valores característicos.

As relações sociais, que caracterizam os seres humanos, vão se delineando e se modificando em termos de estrutura e de importância no decorrer da vida. É na adolescência que os grupos passam a aumentar seu nível de importância e de influência, de modo que o adolescente, ao se inserir em um grupo, se torna um membro funcional e assimila a cultura que lhe é própria, se apropriando de comportamentos e atitudes, modelando-os por valores, crenças e normas. As relações no seio do grupo de colegas fornecem-nos algumas pistas para a compreensão do desenvolvimento psicológico e social (Sprinthall e Collins, 1988). O velho ditado popular *dize-me com quem andas*,

que te direis quem és, destaca a referência e a força que o grupo tem nos comportamentos de cada indivíduo.

Alguns teóricos referem-se à mudança da infância para a adolescência como um alargamento social, em função da ampliação dessa rede de contatos que ocorre na adolescência. Essa rede é mais bem definida e melhor estruturada do que os arranjos grupais instáveis da infância. Um dos fatos que mais distingue as experiências da adolescência e da infância é a forma de se relacionar com os amigos. Os adolescentes passam a maior parte do tempo com os amigos e sozinhos, do que com familiares. As crianças, ao contrário, passam a maior parte de seu tempo com os adultos, até por conta da dependência que ainda têm. Os grupos de crianças normalmente se arranjam com o objetivo de participar de alguma atividade juntas ou de brincarem, de forma eventual. Os adolescentes alicerçam seus grupos de referência em bases mais sólidas e estáveis, de modo que a qualidade das ligações é muito mais intensa e duradoura (Sprinthall e Collins, 1988).

Coerente com a perspectiva anterior, Tierno (2003) afirma que:

A infância não conhece a amizade, somente o coleguismo e o fato de pertencer a um grupo. Os amigos e companheiros da infância são instrumentos de expressão, comunicação e atuação mais do que verdadeiros amigos. Na pré-adolescência, as amizades são afetuosas, mas não muito firmes e duradouras e é muito frequente a mudança de interesse e de companheiros. (p. 57)

Ele defende a ideia de que a amizade na adolescência é uma vivência formativa e imprescindível para o desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. “Tal importância se deve ao fato de na adolescência as amizades mudarem de forma

significativa, haja vista que antes eram mais egocêntricas, agora adquirem um sentimento mais altruísta e positivo” (Tierno, 2003, p.59).

O grupo exerce um grande poder na forma de se comportar do adolescente, podendo influenciar de maneira informal e/ou normativa. Na influência informal, funciona como um modelo padrão de comportamentos, atitudes e valores, como um espelho no qual o adolescente está sempre se olhando. Na influência normativa há uma pressão social real exercida pelos colegas, de modo que se comportam seguindo os padrões do grupo a que pertencem (Sprinthall & Collins, 1988). A adolescência é o momento de estabelecer outros laços, além dos familiares, para que haja uma expansão subjetiva e social da pessoa. Aberastury (1981) assinala que o espírito de grupo surge na medida em que o adolescente, em sua busca de identidade, recorre aos iguais, à uniformidade, na tentativa de conseguir mais segurança e estima pessoal.

A busca do *eu* nos outros, na tentativa de obter uma identidade própria, foi denominada por Erickson (1972) de *crise de identidade*. Trata-se de um processo que gera angústia, insegurança, passividade ou revolta, conflito de valores, além de dificuldades de relacionamentos inter e intrapessoal. O senso de identidade é desenvolvido durante toda a vida, havendo tarefas específicas para se enfrentar em cada período distinto do desenvolvimento. Para esse autor, no período que se estende dos 13 aos 18 anos, a principal tarefa a ser desenvolvida é adaptar o sentido do eu às mudanças físicas da puberdade, além de desenvolver uma identidade sexual madura, buscar novos valores e fazer uma escolha ocupacional. De acordo com suas palavras,

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que

percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. (Erickson, 1972, p. 21)

Portanto, a construção da identidade é um processo pessoal e social que não acontece de forma isolada, mas sim através da interação do indivíduo com o meio em que está inserido. Erickson (1972) enfatiza, ainda, que a identidade não deve ser vista como algo estático e imutável, como se engessasse a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento e formação, sendo a adolescência o momento em que se está preparado para atravessar a crise da identidade. Como justifica o autor, “É somente na adolescência que há o desenvolvimento dos requisitos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para atravessar a crise de identidade. De fato, podemos falar dessa crise como o aspecto psicossocial do processo adolescente” (p. 90). Aberastury (1983) caracteriza a busca para adquirir uma identidade própria como uma luta em que muitas vezes o adolescente escolhe caminhos *distorcidos* como uma forma de protesto contra as armadilhas da sociedade adulta, e a busca pelas drogas seria uma delas.

É importante entender que o termo crise, adotado por Erikson (1972), não é sinônimo de desastre ou desajustamento, a exemplo dos conceitos iniciais de adolescência, que a descreviam de uma forma patologizada e carregada de estereótipos e estigmas (Contini et al., 2002). Ao contrário, trata-se de mudança; de um momento especial do desenvolvimento em que se observa a necessidade de escolher um ou outro caminho, mobilizando recursos que levam ao crescimento. É nesse momento de crise de

identidade que se verifica a identificação com pessoas, grupos e ideologias que se tornarão uma espécie de identidade transitória ou coletiva, até que adquira a maturidade suficiente para a construção de uma identidade autônoma.

Identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular - e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentadas, e depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (Bauman, 2003, p. 21)

Esses *cabides* a que se refere o autor podem ser claramente reconhecidos nas relações dos adolescentes. No momento em que estão solidificando suas identidades é quando se encontram mais soltos e desprotegidos pelo mundo. De acordo com Calligaris (2000), na medida em que a sociedade nega o reconhecimento dos adolescentes enquanto sujeitos, eles se afastam de suas famílias e passam a viver no e pelo grupo, pois dessa forma se sentem tratados como adultos, como homens e mulheres de verdade. Contini et al. (2002) confirmam essa adesão ao grupo como uma proteção, uma forma de esconder os medos e temores. O grupo funciona como um espaço transicional; é ele que, de forma intermediária entre a família e a sociedade, propicia a formação da identidade do adolescente. Há uma grande confiança nos valores do grupo, de forma que isso lhes assegura uma auto-estima baseada na imagem que os companheiros lhes enviam. Klosinski (2006) corrobora com essa ideia ao afirmar que,

Há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um. Às vezes, o processo é tão intenso que a separação do grupo parece quase

impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar. Não se pode separar da *turma* nem de seus caprichos ou modas. Por isso, inclina-se às regras do grupo, em relação a modas, vestimenta, costumes, preferências de todos os tipos, etc... O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. (p. 36)

Percebe-se que, na maior parte da cultura ocidental, a adolescência é vivenciada vinculada à ideia de mudanças, sendo um momento de transformações, descobertas, aprendizados, emoções intensas, um momento da vida que pressupõe instabilidade. E é principalmente nesse momento que há uma grande necessidade de reconhecimento e aceitação. Desse modo, os adolescentes buscam nos amigos, na turma, na galera, ou seja, naqueles com quem se identificam e com os quais compartilham as mesmas dores, dúvidas e alegrias, a dose necessária de aconchego, solidariedade e compreensão (Pinsky & Bessa, 2006). “Amigo, no fim das contas, não é mais do que o imperativo de “ame ego”, ou seja, “ame eu”, ou melhor, “ame o que sou ou aquilo que me representa”. (Jerusalinsky, 2008, p.58).

A necessidade de pertencer a um grupo, o desejo de sentir-se adulto bem como a curiosidade, são apontados por Zamora (2004) como as principais razões que fazem da adolescência um período propício para a experimentação de coisas novas como o álcool e outras drogas. Alves (1999) descreve de uma forma bastante fiel a questão do pertencimento a um grupo, na medida em que caracteriza as relações da turma. De acordo com ele,

A turma cria um delicioso sentimento de fraternidade. Todos se confirmam. Todos fazem as mesmas coisas juntos. Todos são conspiradores. Mas, ao fazer ela retira dos indivíduos isolados o senso de identidade. Sem a turma o adolescente é um

rosto sem espelho. Na turma, indivíduos respeitáveis e tímidos isoladamente transformam-se em feras imorais. Individualmente todos somos seres morais. Na turma a responsabilidade social desaparece. A turma é a lei. Ela impõe. A turma decide sobre roupas, tênis, boates, músicas, fumo, cheiro, transa. Ai daquele que não obedece. (p. 32)

Na turma, tudo é permitido. É nela que os adolescentes se encontram com eles mesmos. É como se num mundo de adultos e crianças eles, os alienígenas, os diferentes, conseguissem se enxergar na sua diferença. Juntos, desfrutam do sentimento de poder: a turma os fortalece como grupo e os enfraquece como indivíduos. Sozinhos não podem nada, juntos podem tudo. É nesse momento que acontece o pesadelo de qualquer pai, que é o encontro do filho com a droga. Esta acaba muitas vezes sendo um canal de socialização do adolescente. De acordo com Pereira (2002), citado por Cirino e Medeiros (2006), o homem tem a capacidade de estabelecer diferentes modos de uso de drogas, de forma que as variáveis usar ou experimentar drogas não possuem uma relação necessária de causa-consequência com o fato de ter problemas ou estar angustiado.

O objeto droga sempre esteve inserido na cultura por possibilitar diversos vínculos. Na droga, os índios buscam o acesso às divindades, os bolivianos mascam a folha da coca para suportar a altitude elevada, os médicos amenizam as dores insuportáveis dos enfermos, os jogadores de final de semana aliviam o suor da “pelada” com a famosa cerveja gelada. (Cirino e Medeiros, 2006, p. 137)

A droga possibilita a inserção no grupo uma vez que, na grande maioria deles, é considerada como algo poderoso, que quando utilizada traz, além da sensação inicial de

prazer e bem-estar, uma ilusão de coragem, a crença de um reconhecimento do grupo como alguém corajoso e forte (Cunha &Vieira, 2004).

Do primeiro gole, porém, Koren não consegue esquecer. Aos 14 anos, na casa de uma amiga, a menina tímida experimentou um drinque e uma sensação de poder. A partir desse dia, não parou mais. Bebendo, ela já não se sentia mais feia ou estranha. Ao contrário. Era engraçada, ousada, dona de si. E o melhor de tudo: tornava-se atraente aos olhos dos meninos e fazia amigos com facilidade. (Zailckas, 2007, p.1)

De acordo com Contini et al. (2002), “A curiosidade, a influência do grupo social, a disponibilidade de drogas, o contexto familiar e situações como episódios de emoções desagradáveis têm sido apontados como alguns dos fatores de risco para o uso de drogas entre os jovens” (p. 94). Quando se trata do álcool em especial, uma série de estudos aponta o fato da bebida se configurar como uma ferramenta de socialização, e assim um dos principais motivos que levam o indivíduo a beber, em especial o adolescente. Neste sentido, afirma Zamora (2004) que “O fator mais consistente vinculado ao uso adolescente de drogas é a utilização pelos amigos” (p. 27).

Coerente com a afirmação acima, na matéria *Jovens e álcool: mistura perigosa*, Rabelo e Rangel (2007) destacam que, “Muito se especula sobre as razões que estão levando os jovens a beberem tanto. Há alguns motivos conhecidos. Entre a turma, a bebida é uma ferramenta de socialização... Você já ouviu dizer que alguém fez amigo tomando leite?” (p. 50). Os dados levantados pelo CEBRID (1997) apontam que a convivência entre amigos é um importantíssimo cenário para o início do consumo do álcool – o batismo –, relatado por 23,8% dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, em dez capitais brasileiras.

O álcool é cada vez mais uma companhia frequente dos adolescentes, usado como um importante agente socializador. Nas resenhas em casa, nos bares, boates e shows, é sempre comum o encontro com adolescentes tagarelas e falantes, risonhos e eufóricos. Sob o efeito do álcool, o jovem torna-se mais desinibido, conversador e interativo (Bessa & Pinski, 2006). Em seu estudo sobre consumo de álcool com adolescentes de escolas católicas privadas da cidade de Natal (RN), Silva (2006) destaca que 27% dos adolescentes que consomem bebidas alcoólicas afirmaram ter tido o primeiro contato em companhia de amigos; 20% deles disseram beber para ter autoconfiança para iniciar conversas; e 29% justificaram o beber pelo desejo de se divertir mais. Em relação ao lugar de experimentação do álcool, 37% afirmaram ter tido o primeiro contato em festas, 16% em praias e 10% em casa.

Assim, fica nítida a relação entre o comportamento de beber e a crença de que isso gera mais diversão e facilita a interação no grupo. Percebe-se que o jovem, em especial, busca no álcool seus efeitos primários, relacionados a um desbloqueio comportamental para se soltar mais, uma certa euforia que se traduz em descontração, empolgação, seguida de uma sensação de relaxamento. De acordo com Silva (2006),

Vê-se, então, que o ato de beber é um ritual de sociabilidade. Sabe-se que, entre os adolescentes, o grupo de amigos possui uma forte influência em seus modos de expressão, vestimenta, estilos musicais, e, entre tantos outros fatores, encontra-se o uso de bebidas alcoólicas. Assim, nos grupos, a bebida também pode ser entendida como fator de aproximação e de identificação com seus membros. (p. 55)

O consumo de bebidas alcoólicas integra a cultura brasileira, constituindo fato social não só aceito como frequentemente reforçado. Por outro lado, é certamente um dos maiores fatores de adoecimento e de risco para a população (OMS, 2002). Ao

participar de festas em geral em que adolescentes se façam presentes, percebe-se que a sociabilidade juvenil vem sendo construída tendo como um de seus fortes pilares a bebida. As músicas cantadas em coro, os diversos tipos de brincadeiras – 21, *eu nunca, porrinha* – e as comunidades de sites de relacionamento como o Orkut retratam essa realidade.

Um dos coros mais fortes e empolgantes em qualquer reunião de adolescentes bebendo é o das baterias: *Por que bebes companheiro, por que bebes tão ligeiro; se és covarde, saia da mesa, que a nossa empresa requer valor. Primeira bateria: vira, vira, vira, vira, vira, virou!*

Aqueles que se encontram na mesa, que podem nunca antes ter se visto, no momento da bateria transformam-se em grandes e íntimos companheiros. Cantam alto e empolgados, erguendo os copos cheios de bebida de maneira brava e orgulhosa. Os *covardes* devem sair da mesa, pois nesta empresa, para entrar, tem que ter um grande valor: beber. E a cada bateria cantada, a união aumenta. Na altura da quinta ou sexta bateria, todos cantam abraçados e unidos como se fossem amigos de infância.

Por questões culturais, o álcool se transformou em uma imposição ligada ao lazer. Tanto adolescentes quanto adultos estão condicionados a somente se divertir quando ingerem bebidas alcoólicas. Já os que não toleram o álcool ou simplesmente preferem evitar os seus efeitos são pressionados a beber de qualquer forma, sob pena de sofrer rejeição do grupo, o que, para os inseguros, é desastroso. (Pinsky & Bessa, 2006, p. 73)

O potencial de abuso da grande maioria das drogas relaciona-se inicialmente ao fato de elas, num primeiro momento, produzirem uma sensação de bem-estar. O adolescente, em especial, busca no álcool seus feitos iniciais, relacionados à desinibição

comportamental, certa euforia que se manifesta pela descontração, extroversão, seguida de uma sensação de relaxamento. Entretanto, essa busca normalmente passa do efeito inicial e traz complicações decorrentes de episódios de embriaguez, como acidentes de trânsito e brigas, entre outros. O álcool, ao contrário de outras drogas ilícitas, cobra as suas contas a juros e não à vista, ou seja, as consequências vêm em longo prazo e vão se instalando de forma gradativa, no decorrer de anos de consumo e, embora possa ter suas origens na adolescência, o problema se torna mais evidente na vida adulta.

É válido ressaltar que o álcool é uma droga permitida, mas não liberada. No Brasil, a lei que regulamenta o seu consumo é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que em seu artigo 81 determina que a venda de bebidas alcoólicas à criança ou ao adolescente é proibida, muito embora se saiba que essa lei, na maioria dos casos, não é respeitada. Nesse sentido, a sociedade vem sinalizando certa preocupação com o consumo de álcool, em especial entre os jovens, o que vem se manifestando em sua legislação em relação às políticas públicas sobre o consumo do álcool.

Embora seja evidente a preponderante participação do álcool entre os jovens, ainda são raras e incoerentes as políticas públicas de saúde no sentido de prevenir ou minimizar os problemas associados. Por outro lado, nos últimos anos tem-se observado um aumento de debates no país sobre políticas públicas relacionadas ao consumo do álcool. (Pinsky & Bessa, 2006, p.52)

Diante do exposto, a importante temática das políticas públicas relativas ao álcool será melhor discutida no capítulo a seguir.

Capítulo 5

Legislação, Políticas Públicas e Intervenção no Contexto Escolar

Aplico à minha história todas as perguntas usadas por peritos: e se eu nunca tivesse visto um anúncio de bebida alcoólica? e se nas páginas das revistas ou nos outdoors das auto-estradas não houvesse garrafas e copos brilhantes para atrair minha atenção? E se a idade legal para beber fosse 18 anos? Eu me pergunto se qualquer legislação poderia ter moderado meu vício (Zailckas, 2007).

O questionamento acima põe em cheque uma série de pontos que perpassam a relação do consumo do álcool com as políticas públicas e sua legislação, objetivo central desse capítulo. Políticas públicas são resoluções de consenso tomadas por governantes na forma de leis, normas ou regulações a partir de decisões e ações para solucionar problemas que em um dado momento os cidadãos e o próprio governo de uma comunidade política consideram prioritários ou de interesse público. Tais decisões devem prover de concordância entre os especialistas e autoridades da área; devem proceder, também, do alcance legítimo de legisladores ou outras autoridades constituídas em prol do interesse público. Jamais da indústria ou de seus lobbies. Quando políticas públicas dizem respeito à relação entre álcool, saúde e bem-estar social são consideradas políticas do álcool (Romano & Laranjeira, 2004).

O consumo de álcool vem sendo alvo de preocupações em todo o mundo. A Organização Mundial de Saúde (OMS), na esfera internacional, e o Ministério da Saúde, em território brasileiro, criaram uma legislação que procura resguardar a

sociedade do consumo abusivo de drogas. Em relação ao álcool, torna-se mais difícil um controle, em face de seu consumo ser permitido, com algumas restrições. A ingestão de bebidas alcoólicas é permitida ao indivíduo maior de dezoito anos, desde que não esteja dirigindo veículo automotor (Pinsky & Bessa, 2006). Percebe-se a diferença em relação ao limite de idade que consta no relato citado na epígrafe, tendo em vista que nos Estados Unidos a idade permitida para o consumo do álcool é de 16 anos. Entretanto, apesar de no Brasil só ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas a partir dos 18 anos de idade, há nos Estados Unidos uma maior rigidez no sentido das fiscalizações e cumprimento efetivo da legislação.

A amplitude do consumo de bebida alcoólica pela população brasileira, em especial por adolescentes e jovens, é nitidamente verificada através de pesquisas epidemiológicas, já comentadas nos capítulos anteriores. Esses estudos dão um panorama real desse comportamento tão preocupante e permitem a estruturação de políticas públicas. Eles têm sido desenvolvidos nas mais diversas regiões do Brasil, dando uma maior ênfase ao uso de drogas psicotrópicas entre estudantes. A grande preocupação com os adolescentes tem se dado por não haver um padrão de beber de baixo risco para essa faixa etária, em função de mesmo o baixo consumo necessitar de cuidados. Além disso, percebe-se que são raros os adolescentes que conseguem beber pouco e em baixa frequência. Uma das principais recomendações dos levantamentos é um maior monitoramento e controle do beber nessa faixa etária (SENAD, 2007).

Diante desses dados, algumas medidas vêm sendo tomadas pelos mais diversos setores da sociedade. Em 2002, já preocupadas com o alto índice de consumo de bebidas alcoólicas por jovens no Brasil, a Associação Brasileira de Estudos de Álcool e outras Drogas (ABEAD), a Associação Médica Brasileira (AMB), a Secretaria Nacional

Antidrogas (SENAD) e a Associação Brasileira de Psiquiatria lançaram um manifesto, solicitando que fosse dado o mesmo tipo de tratamento e rigidez das propagandas de cigarro às de bebidas alcoólicas, tendo em vista a significativa mudança de comportamento da população em relação ao tabaco.

Em 2003, o Conselho Nacional de Auto-Regulação Publicitária (CONAR) baixou uma resolução que aconselhava a suspensão do uso de personagens de desenho animado em propagandas de cerveja, e que proibía a utilização de pessoas com idade menor que 25 anos nos comerciais. Mesmo assim, das mensagens que o Código Brasileiro de Auto-Regulamentação Publicitária acatou, que deverão fazer parte obrigatória das cláusulas de advertência nos comerciais, apenas uma é explicitamente voltada a informar que o consumo não se destina a crianças ou adolescentes (*este produto é destinado a adultos*). As demais fazem referência a restringir o abuso, não beber e dirigir, e beber com moderação.

O Ministério da Saúde tem tomado algumas atitudes na tentativa de mobilizar a sociedade para a diminuição do consumo do álcool, principalmente pelos jovens. Uma delas foi o lançamento de uma campanha que foi divulgada no rádio, na televisão, em revistas, internet e cinema, no período de 20 de dezembro de 2006 a 15 de janeiro de 2007, na tentativa de diminuir o consumo abusivo de álcool nas festas de final de ano. Os slogans da campanha eram: *Não esqueça que você faz falta para a sua família; Se beber, não dirija; e Não esqueça que você faz falta para seus amigos. Não exagere na bebida*. Logo em seguida, no dia 08 de março de 2007, lançou oficialmente a campanha *Pratique Saúde/Consumo de Bebidas Alcoólicas*, com o objetivo de despertar a atenção, especialmente dos jovens, para os riscos e agravos associados ao uso exagerado de álcool.

A Lei 9.294/96 é a responsável pela regulamentação da propaganda de bebidas alcoólica no Brasil. As bebidas como cervejas, vinhos e *drinks* do tipo *ice* não são consideradas bebidas alcoólicas para esta lei, pois contêm dosagem inferior a 13GL. A principal restrição apresentada é o horário reduzido para propagandas na televisão e no rádio, sendo estas somente permitidas entre as nove horas da noite e as seis horas da manhã. Entretanto, qualquer tipo de bebida (cervejas, vinhos, *ices*...) pode realizar chamadas de poucos segundos, a qualquer horário (Pinsky e Bessa, 2006). Esse limite, contudo, não se faz muito eficaz tendo em vista que, conforme citado anteriormente, a cerveja é a bebida alcoólica preferida dos brasileiros, além das bebidas *ices* serem um grande atrativo para as meninas e mulheres.

No Brasil constatou-se, a partir de dados coletados entre 1992 e 1994, que a frequência da propaganda de bebidas alcoólicas na televisão é bem maior que a de outros produtos, como bebidas não alcoólicas e cigarros. Basta parar alguns instantes em frente à TV para ver propagandas de bebidas alcoólicas das mais variadas temáticas, de acordo com a época do ano e com os principais ídolos nacionais. Além disso, chama a atenção o destaque que as grandes marcas de cerveja vêm dando às mulheres, que estão aparecendo não mais como pano de fundo das propagandas, mas enquanto carro-chefe, garotas-propagandas.

No *I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira*, realizado pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD, 2007) investigou-se, dentre outras coisas, qual a opinião das pessoas em relação à legislação e às políticas públicas sobre o álcool. Esse estudo representou um grande passo para a construção da política brasileira para o álcool, além de ter uma grande importância devido à representatividade da amostra e a abrangência dos temas abordados.

Os dados apontam que 54% da população defendem o aumento da idade mínima para o consumo de bebida e que 56% acreditam no aumento dos impostos sobre as bebidas alcoólicas, no sentido de aumentar o preço para baixar o consumo, a exemplo de outros países; 95% dos entrevistados defendem uma maior fiscalização da venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos; 76% propõem uma restrição do horário em que são vendidas bebidas; em relação às propagandas, 84% aprovaram a reserva de um espaço de tempo para um alerta sobre os problemas e riscos gerados pela bebida; 93% concordam que deveria haver, nas latas e garrafas, alguma mensagem sobre os riscos e problemas causados, além do *beba com moderação*; 67,9% acham que as propagandas televisivas deveriam ser proibidas para todos os tipos de fermentados e destilados; e 55,2% defendem que bebidas alcoólicas deveriam ser proibidas de patrocinar eventos esportivos e culturais.

Chama a atenção o fato da opinião da quase totalidade da amostra defender o aumento da fiscalização de bares e bebidas alcoólica em relação à venda para menores de 18 anos e a inserção nas latas e garrafas de alguma mensagem sobre os riscos e problemas causados, fazendo supor uma contradição entre o posicionamento da sociedade e a falta de firmeza no cumprimento de leis. Tal contradição pode ser questionada em face da permissividade com que a sociedade trata o consumo – vide a mobilização contra o uso do bafômetro –, de modo que resulta difícil escapar ao caldo cultural que estimula tanto para a experimentação do álcool como a precocidade de exposição de jovens ao consumo abusivo (SENAD, 2007).

Um outro avanço em termos de atenção aos problemas decorrentes do consumo do álcool vem da primeira conferência Pan-Americana de Políticas Públicas Sobre álcool, sediada em Brasília, no período de 28 a 30 de novembro de 2005, que traz como

urgência a necessidade de desenvolvimento e implementação de estratégias eficazes e programas que previnam e reduzam as consequências do consumo do álcool. Os resultados da conferência recomendam que os danos relacionados ao consumo do álcool sejam considerados prioridade de saúde pública para ações por parte de todos os países das Américas, bem como os elementos culturais em estratégias regionais e nacionais. Foram definidas áreas prioritárias de ação: ocasiões em que se bebe em excesso, consumo geral da população, mulheres (inclusive mulheres grávidas), populações indígenas, jovens, outras populações vulneráveis, lesões intencionais e não intencionais, consumo de álcool por menores de idade e transtornos relacionados ao uso de álcool. Merece destaque no presente trabalho as mulheres e os menores de idade.

Em uma campanha para o grêmio estudantil de uma escola privada, em que a autora do presente estudo trabalhou como psicóloga escolar, uma das chapas se inscreveu com o nome de SOL, explicando que se tratava de uma sigla para Solidariedade, Organização e Liderança. A inscrição foi acatada pela equipe da escola, que não fez qualquer associação com uma determinada marca de cerveja, recém-lançada no mercado. Pouco tempo depois, pelos corredores escutavam-se gritos empolgados e cantorias em coro do *jingle* da referida cerveja, o que chamou a atenção dos responsáveis pela escola que, então, suspendeu as eleições e fez constar no estatuto do grêmio uma restrição às referências a partidos políticos, figuras públicas, drogas lícitas e ilícitas e manifestações de preconceito.

Destaca-se nesse evento a forte influência das propagandas e bebidas alcoólicas no cotidiano dos adolescentes, justificando a tentativa dos especialistas, referida por Soares (2006), de incluir a discussão sobre o álcool na agenda nacional a partir da

proibição total da propaganda de bebidas. Segundo esse autor, os países que adotaram essa medida conseguiram reduzir em 30% os acidentes fatais de carro.

Além das propagandas televisivas, atualmente há um forte apelo das músicas, principalmente do forró tocado no Nordeste, ao comportamento de beber. Ele difere do gênero tocado no Norte do país, em que prevalecem as letras de conteúdo mais romântico. O refrão mais ouvido nas festas frequentadas por adolescentes nordestinos nesse verão foi “*vamos simhora para um bar... Beber! Cair e levantar!*”. Os adolescentes nos shows do verão repetiam de forma empolgada o refrão e dançavam levantando suas bebidas: independente de ser em garrafa ou em latinhas, o importante era ter o *troféu* para levatá-lo e exibir.

Que as músicas abordam a questão do beber, isso não é nenhuma novidade. Percebe-se, em marchinhas de carnaval e em músicas de rock da década de 1970 e 1980, letras que evocam o comportamento de ingerir álcool. A grande mudança está no tipo de linguagem atualmente usada, altamente apelativa e, na maioria das músicas, de evocação do ato de beber. O apelo já vem desde o título da música, como, por exemplo, *Bebo pra carai, Cachaça, mulher e galha, De bar em bar, de mesa em mesa, Já tomei porres por você, Quer beber?* Além do pouco controle na venda de bebidas para os jovens, as informações sobre os riscos decorrentes do uso destoam do excesso de liberdade para as propagandas e para os apelos sociais que são feitos (Contini et al., 2002). Para as bebidas alcoólicas, apesar do elevado consumo e dos problemas decorrentes, mesmo as medidas de controle são incipientes.

Nesse sentido, a escola tem sido convocada para mediar a situação do envolvimento das crianças e adolescentes com as drogas, tendo em vista sua função institucional voltada para a educação e para a formação de valores. A necessidade de ali

se tratar a problemática do consumo de drogas encontra amparo legal desde 1976, através da Lei nº 6.368, de 21 de outubro, que dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica. Em seu artigo 4º pressupõe a responsabilidade daquela instituição de prevenir o consumo, e no 5º determina que a temática deve ser incluída nos programas de formação de professores - o que na prática não acontece.

Em 22 de maio de 2007, através do decreto de número 6.117, o Governo Federal apresentou a sociedade brasileira da Política Nacional Sobre o Álcool da Secretaria Nacional Antidrogas, apontando princípios norteados por estratégias para o enfrentamento coletivo dos problemas relacionados ao seu consumo. Em seu artigo 2º que trata da informação e proteção da população quanto ao consumo de álcool, inciso 3, remete ao governo em colaboração com a sociedade, a competência de “*proteger os segmentos populacionais vulneráveis ao consumo prejudicial e ao desenvolvimento de hábito e dependência de álcool*”(p. 2). Já foi visto anteriormente que não há consumo de álcool isento de riscos, além de que, qualquer tipo de consumo pode ser prejudicial para crianças e adolescentes que se encontram organicamente e emocionalmente em processo de formação, sendo, dessa forma, o segmento populacional mais vulnerável.

O artigo 4º traz as diretrizes dessa política nacional sobre o álcool que em seu inciso 10 propõe “*promover ações de comunicação, educação e informação relativas às consequências do uso do álcool*”, bem como no inciso 17, destaca as instituições de ensino como espaços em que devem haver ações de prevenção ao uso de bebidas alcoólicas, especialmente nos níveis Fundamental e Médio. No artigo 5º, inciso 1, consta a diretriz de intensificar a fiscalização da venda de bebidas alcoólicas a crianças

e adolescentes. O artigo 8º, que se refere à capacitação de profissionais e agentes multiplicadores de informações relacionados à saúde, educação, trabalho e segurança pública, em seu inciso 2º, propõe a viabilização de cursos ligados à prevenção do consumo de álcool para educadores das escolas públicas. Diante dessas determinações, questionamos: será que tal medida se restringe às escolas públicas por supor que as escolas privadas já fazem esse tipo de trabalho, ou por supor que estas devam realizar esse tipo de atividades com recursos próprios?

Percebe-se uma real necessidade de se desenvolver propostas pedagógicas de intervenção coerentes com as aspirações e desejos dos jovens, vulneráveis ao consumo das mais diversas substâncias lícitas e ilícitas (Ribeiro, 2005). Contudo, ainda é grande a lacuna de trabalhos contínuos e eficazes que tratem dessa problemática na escola, tendo em vista que a prática na maioria das instituições escolares é a de negar o problema ou expulsar os alunos usuários, limitando-se em realizar palestras isoladas como medida preventiva. É válido ressaltar que “um ato preventivo, então, requer medidas que antecipem um fato, objetiva evitar que determinada situação ocorra para que se evitem consequências indesejáveis” (Ribeiro, 2005, p. 51).

O conjunto dos professores não se sente preparado para lidar com a temática, delegando sua abordagem ao psicólogo ou, quando muito, ao professor de biologia. Enquanto este, via de regra, tem tratado o assunto de forma repressiva e autoritária, enfocando prioritariamente as drogas ilícitas, aquele, a exemplo dos demais membros da instituição, também não tem revelado dispor do conhecimento necessário e suficiente para tratar a questão de forma adequada. Em decorrência, encontra-se aberta uma discussão sobre os modelos de prevenção na escola, pautados em informação

aprofundada e fundamentada sobre o tema, em que se defenda a diminuição dos preconceitos e a transformação da visão autoritária.

Noto e Silva (2002) destacam a importância da compreensão das particularidades da adolescência no planejamento de intervenções, visto que a sensação de onipotência e a resistência em admitir o uso de drogas constituem dificuldades para o trabalho com essa faixa etária. Da mesma forma, é patente a necessidade dos educadores adquirirem informes teóricos e práticos a respeito de família em geral e da família dos alunos em particular, visto se constatar que parcela significativa da iniciação ao uso de álcool é mediada por membros da família, o que ajuda a alimentar uma cultura do consumo (Bessa & Pinski, 2006; Contini et al., 2002; Santander, 2003).

Temos verificado na prática que este tema ainda é tratado de forma superficial, cercado de tabus e preconceitos, dificultando ainda mais o processo preventivo e retardando a tomada de consciência da sociedade face aos graves problemas que a droga provoca, vulgarizando e ameaçando as relações sociais e as próprias instituições de controle social. (Santander, 2003, p. 193)

Cinco modelos básicos de ações concretas que podem ser viáveis na prática escolar são descritos por Carlini-Cotrim (1998): do conhecimento científico, da educação afetiva, de oferecimento de alternativas, de educação para a saúde e de modificação das condições de ensino. O primeiro modelo, como o nome sugere, indica a informação imparcial e científica sobre as drogas, de forma que os alunos possam estar aptos a tomar decisões racionais e bem fundamentadas a respeito delas. O modelo da educação afetiva volta-se para aspectos emocionais envolvidos na questão, com o pressuposto de que se os alunos estiverem menos vulneráveis psicologicamente, estarão menos inclinados ao consumo de drogas. Dele decorrem intervenções ligadas à auto-

estima, à ansiedade, à interação grupal, à comunicação e à capacidade de opor-se às pressões do grupo.

O modelo de oferecimento de alternativas orienta no sentido de propiciar aos alunos atividades que gerem sensação de excitação, alívio do tédio, desafio, com o intuito de mostrar que é possível vivê-las sem que seja necessário o uso de drogas para tal. O de educação para a saúde tem como proposta principal a orientação dos jovens sobre uma vida saudável no que tange a alimentação, a vida sexual, a atividades relaxantes etc. Por fim, o modelo de modificação de ensino propõe intervenções duradouras, intensivas e precoces, de modo a colaborar na formação global de jovens saudáveis. É composto por cinco vertentes, quais sejam: a modificação de práticas instrucionais, a melhoria do ambiente escolar, o incentivo ao desenvolvimento social, o oferecimento de serviços de saúde e o envolvimento dos pais em atividades curriculares.

Admite-se, assim, que uma escola inadequada e injusta pode constituir um fator propiciador do abuso de drogas, deslocando a discussão para o campo da política educacional e do questionamento pedagógico. Em suma, substitui-se o enfoque disciplinador da guerra às drogas por uma ênfase na formação do jovem, tido como capaz de discernir e de optar, e como alguém que tem o direito de ser informado idoneamente sobre questões que dizem respeito a seu cotidiano. (Carlini-Cotrim, 1998, p. 30)

Nos estudos desenvolvidos sobre prevenção ao uso de drogas entre jovens e adolescentes, Braun (2007) destaca que mais importante que a informação emerge a necessidade de treiná-los para que haja uma resistência social. Ou seja, considerando-se que as pessoas iniciam o uso de drogas por pressão social, é preciso ensinar a resistir a essa pressão, seja ela advinda do grupo de amigos ou dos apelos da sociedade. Dessa

forma, para o autor, apesar de não haverem ainda respostas definitivas sobre o papel da escola para atuar nessa problemática, há indícios de que o treinamento de crianças e adolescentes em comportamentos de resistência social é mais eficaz que a abordagem informacional.

Um modelo de prevenção às drogas em escolas nos Estados Unidos é descrito por Sloboda (2002) citado por Pinsky e Bessa (2006), que destaca que, apesar dos padrões de consumo diferirem de acordo com as especificidades locais, é sempre útil discutir os exemplos de princípios de prevenção. Assim, defende que, por uma série de razões, a escola é o ambiente mais apropriado para estratégias dessa ordem, em função da grande quantidade de tempo que as crianças e adolescentes passam nela, por ser um lugar onde se reforçam valores e normas sociais, além de ser um ambiente de proteção. Na sua visão,

Como agente de socialização, a escola pode proporcionar às crianças conhecimentos e habilidades capazes de torná-las cidadãos competentes e, também, reforçar atitudes e comportamentos sociais aceitáveis. Como ambiente de proteção, é proibido, na maioria das escolas, o consumo de qualquer droga psicotrópica. Essas escolas podem fornecer programas de supervisão pós-aula, e coordenar atividades específicas para aproximar os pais e as famílias de seus professores e funcionários. (Sloboda, 2002, citado por Pinsky e Bessa, 2006, p.112)

A autora destaca três aspectos que devem ser trabalhados na prevenção ao uso de drogas no ambiente escolar: o incentivo ao vínculo escolar, de modo a fortalecer a ligação indivíduo-escola-comunidade; uma política escolar de controle social, que aproxime a escola do jovem; e alguns ajustes no currículo, de modo que se possam

introduzir aulas que permitam uma abordagem cognitiva de prevenção (Pinsky e Bessa 2006).

As ações da escola devem se dar na perspectiva de promover um estreitamento do vínculo escolar, um aumento das habilidades interpessoais dos alunos e o compromisso com valores positivos, como solidariedade e respeito. As avaliações de algumas estratégias pedagógicas sugeriram que intervenções implementadas por colegas da mesma idade, ou um pouco mais velhos, podem ser mais eficazes do que quando implementadas por adultos. Como é difícil exercer um controle sobre a turma composta por colegas da mesma faixa etária, o ideal é que eles sejam os assistentes dos adultos. Outra ação ressaltada pela sua eficácia diz respeito às estratégias que envolviam os alunos no processo de aprendizado de forma lúdica e interativa, ao invés de utilizar apenas apresentações didáticas meramente expositivas. Também foi percebido que as estratégias que abordaram múltiplas drogas obtiveram mais êxito que as focados somente em uma (Sloboda, 2002, citado por Pinsky e Bessa, 2006).

Reforçando uma orientação já comentada anteriormente, Ferreira e Ries (2003) consideram que a escola pode explorar em qualquer disciplina o assunto drogas, sendo necessário apenas que o professor se dispa dos preconceitos ou inibições para abordar o assunto – o que pressupõe a sua formação a respeito do tema. Além disso, os autores reiteram a necessidade de trabalhar com a emoção do aluno e não somente com o intelecto, a partir de reflexões sobre temas como sentido da vida, valores, responsabilidade, solidariedade.

A expectativa que ressalta das diversas considerações acima é de que a escola deve assumir de fato sua responsabilidade na prevenção e detecção do consumo de drogas pelos alunos, e trabalhar junto às famílias para que elas venham a constituir reais

fatores de proteção das suas crianças e adolescentes. Nesse esforço, preparar bem os filhos e alunos para que possam ser resistentes no processo de socialização aos apelos do grupo revela-se aspecto muito importante e fator educacional bastante desafiador. Avalia-se que, na medida em que crianças e adolescentes estiverem seguros e confiantes, não precisarão – ou precisarão menos – do álcool como passaporte para a socialização.

A escola deve ter regras bem estabelecidas e claras para o uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Isso deve ser muito bem fiscalizado dentro da instituição, de modo que o consumo de qualquer tipo de droga seja proibido para funcionários, professores, pais, alunos. Isso deve ser feito no dia-a-dia da escola e em eventos promovidos pela mesma. É muito comum nas próprias festas promovidas pela escola (carnaval, São João etc.) ser vendida bebida alcoólica. Além disso, o mais importante é que a escola seja um lugar interessante, prazeroso e de acolhimentos para o aluno, e principalmente, para as suas dificuldades (Taub & Andreoli, 2004).

Diante desse quadro a Psicologia, enquanto ferramenta de fortalecimento de pessoas e grupos, e a Psicologia Escolar, enquanto estratégia para compreensão dos processos psicossociais presentes no contexto educativo, “podem contribuir com a construção dos processos de transformação qualitativa da escola, na promoção do bem-estar das pessoas e da comunidade” (Conselho Federal de Psicologia, 2008, p. 61).

Ao psicólogo que atua no interior da escola é atribuído um papel de grande relevância e responsabilidade nesse processo educativo, voltado para o combate às drogas, tendo em vista as ferramentas com que lida, tanto no acompanhamento de crianças e jovens quanto no apoio às ações pedagógicas e institucionais. Na compreensão de Cassins (2007), o trabalho do psicólogo escolar/educacional,

Tem como diretriz o desenvolvimento do viver em cidadania. Busca instrumentos para apoiar o progresso acadêmico adequado do aluno, respeitando diferenças individuais. É pautado na promoção de saúde da comunidade escolar a partir de trabalhos preventivos que visem um processo de transformação pessoal e social. Para tanto, baseia-se nos conhecimentos referentes aos estágios de desenvolvimento humano, estilos de aprendizagem, aptidões e interesses individuais e conscientização de papéis sociais. (p. 23)

Para a autora, a intervenção desse profissional se dá a partir de três focos: em relação ao nível administrativo (a escola como administração), ao corpo docente (professores) e ao corpo discente (alunos). Uma das ações que lhe cabe em relação ao corpo discente é a “elaboração, desenvolvimento e acompanhamento de projetos de prevenção ao uso de drogas” (Cassins 2007, p. 32). Nesse particular, sugere as seguintes estratégias: programas de prevenção amplos e contínuos; trabalho de fortalecimento e aceitação de limites; em casos individuais, encaminhamentos a especialistas ou, se necessário, encaminhamento ao conselho tutelar.

Logo, ressalta a necessidade de que os psicólogos que atuam nas escolas ampliem a perspectiva de ação, do trabalho individual, clínico, para um nível mais global, verdadeiramente educacional. É importante capacitar os professores que se interessam e se disponibilizam para trabalhar a temática nas salas de aulas; promover atividades que fortaleçam os laços afetivos dos alunos com a escola; mostrar disponibilidade para ouvir alunos e professores; evitar posturas terroristas, preconceituosas, punitivas ou de repressão; buscar a colaboração e apoio da escola, da comunidade e, principalmente, das famílias dos alunos; oportunizar momentos coletivos

de reflexão, como durante a semana nacional antidrogas, que acontece junto ao dia 26 de junho, dia internacional da luta contra o consumo de drogas.

Desse modo, requer-se que o psicólogo escolar atue junto aos diversos segmentos da escola, facilitando a comunicação entre eles, sistematizando as informações sobre os estudantes, analisando o conteúdo das aulas, compondo novos subsídios a serem trabalhados, fundamentando a prática com informações sobre socialização, adolescência, família etc. A ele caberia intermediar e articular todos os agentes da escola (equipe administrativa, docentes, discentes, família e comunidade) na mobilização de ações que estejam integradas de forma natural à vida escolar do aluno, de modo que auxilie a educação a assumir um caráter formativo, “já que prevenir implica numa questão de valores, de escolhas de vida. Ênfase deve ser dada na internalização de valores, porque estes se constituem na melhor resposta possível às influências sociais” (Boruchovitch, 2000, p. 203).

Reflexões sobre responsabilidade, sentido da vida, valores, liberdades e limites, solidariedade, associados a informações pertinentes sobre substâncias químicas, uso eventual ou drogadição, revestem-se de um sentido ético e, por isso, mais abrangente, porque trabalha com a emoção e a vivência do aluno e não apenas com o intelecto. (Zanella, 2003, p. 80)

É preciso reiterar que o setor de psicologia, sozinho, não alcançará medidas globais e eficazes no combate às drogas, sem que se encontre integrado aos demais setores da escola. No contexto escolar e em face da dimensão do desafio a ser enfrentado, se faz necessário criatividade, ousadia e comprometimento: a luta contra o consumo de drogas pelas crianças e adolescentes requer ser enfrentado desde quando ainda não se configura como uma dependência, visto que “não existe consumo de álcool

totalmente isento de riscos” (Taub & Andreolli, 2004, p. 71). Além disso, não se pode minimizar a importância que tem o envolvimento cada vez maior e declarado das meninas com a bebida alcoólica, demandado ao mesmo tempo ações conjuntas diferenciadas, conhecimentos sobre adolescentes e específicos sobre as adolescentes.

Capítulo 6

A Pesquisa

Esta pesquisa teve por objetivo compreender como vem ocorrendo o consumo do álcool entre as adolescentes, de modo a entender de que forma o álcool se insere na vida delas e qual seu significado adjacente. Além disso, buscou-se verificar a relação entre sociabilidade e consumo do álcool. Foi desenvolvida com alunas de dez escolas privadas da cidade de Natal-RN, na faixa etária dos 12 aos 18 anos completos, que cursavam do sétimo ano do Ensino Fundamental II à terceira série do Ensino Médio. De cada escola foram escolhidas aleatoriamente duas turmas de cada série, resultando em um total de 1028 questionários respondidos.

A escolha pelo público feminino se deu em função da escassez de estudos que abordem especificamente *as adolescentes*, tendo em vista que os inúmeros levantamentos sobre o consumo de álcool na adolescência se reportam a adolescentes masculinos ou, quando muito, a ambos os sexos. Além disso, a partir da vivência profissional enquanto psicóloga escolar, foi percebido o alto índice de alunas severamente alcoolizadas em eventos sociais da escola, que chegavam para fazer prova no dia de sábado ainda sob o efeito do álcool, que saíam de sala com sintomas de ressaca, e outras que recorriam ao serviço de psicologia para conversar, dentre outros assuntos, sobre as *farras* do fim-de-semana, quase sempre acompanhadas de muita vodka, cerveja e cachaça.

O contexto escolhido para o desenvolvimento do estudo, escolas particulares, decorre da constatação de que a grande maioria dos levantamentos e estudos desenvolvidos sobre álcool e outras drogas psicotrópicas tem como alvo estudantes de escolas públicas, o que é confirmado por Pinsky e Bessa (2006) quando afirmam que “Há limitação no diz respeito a pouca informação sobre o uso de drogas entre adolescentes de escolas particulares, uma vez que os levantamentos brasileiros, por questões de acessibilidade, incluem predominantemente escolas de rede pública” (p. 52). Contudo, ao contrário do que aponta a literatura quando trata da dificuldade de acesso às escolas particulares, o contato com as alunas na pesquisa se deu de forma bastante facilitada, pois na medida em que se explicava a temática e o objetivo do estudo, os diretores das escolas comentavam a alta incidência de situações que envolviam as meninas e bebidas alcoólicas, a preocupação com esses comportamentos, bem como insistiam em ver posteriormente os resultados do estudo para que fosse feito algum tipo de trabalho com os alunos.

A exemplo do interesse no desenvolvimento da pesquisa, foi observada também a preocupação com a exposição da escola quando questionavam se apareceria o nome ou se haveria alguma comparação entre as instituições de ensino participantes do estudo. Das dez escolas selecionadas, em apenas uma não foi autorizada a realização do estudo. As escolas foram selecionadas com base nos seguintes critérios: possuírem mais de mil alunos matriculados; oferecerem escolarização desde a Educação Infantil até o Ensino Médio; e estarem presentes no *ranking* das que mais aprovam no vestibular, se destacando no cenário do ensino local.

6.1. O instrumento utilizado

A preparação do instrumento aplicado passou por algumas etapas de suma importância para chegar ao formato final. O passo inicial foi a elaboração de uma entrevista piloto (APÊNDICE A), que tinha por objetivo levantar pontos que permitissem definir categorias para a confecção de um questionário fechado. Esse primeiro instrumento era composto por dez questões abertas, que se dividiam em duas partes. A parte inicial investigava o primeiro contato da adolescente com o álcool (experimentação) e abordava questões como idade atual, se já havia experimentado alguma bebida alcoólica e o tipo de bebida, com quantos anos isso aconteceu, onde, com quem estava, por que experimentou e o que sentiu. A segunda parte tratava do consumo atual da adolescente com a bebida, com questões sobre o tipo de bebida que consome, a quantidade ingerida, os locais, as pessoas, as causas, a influência do grupo, a percepção sobre outras meninas que bebem e sobre o álcool enquanto droga, se já tomaram algum porre e o motivo que levou a isso.

A entrevista piloto foi desenvolvida em outubro de 2007, com vinte alunas de uma escola da rede pública de Natal, após concordância da direção. As alunas se encontravam no pátio, liberadas após fazerem prova, e a pesquisadora, informalmente, se apresentou como psicóloga e mestranda, que estava ali desenvolvendo seu estudo. Em seguida, entregou a entrevista a um pequeno grupo de três adolescentes. As outras, que estavam perto, foram se aproximando e perguntando às colegas o que era aquilo, para logo depois comporem uma roda, respondendo às perguntas e discutindo o tema com bastante interesse e propriedade. Esse momento foi de extrema importância, pois permitiu uma visão da temática pela perspectiva das próprias adolescentes.

A análise dessas entrevistas foi feita juntamente com um estatístico, para a elaboração de categorias que orientassem a confecção do questionário final. Como

resultado, formulou-se um instrumento com 27 questões, também dividido em duas partes, a primeira tratando da experimentação e a outra do consumo atual. Foram acrescentadas, na primeira parte, questões relativas ao perfil sócio-econômico, do tipo com quem mora, se trabalha ou só estuda e renda familiar.

6.2. Procedimento para a coleta de dados

O contato com as escolas privadas se iniciou em julho de 2008 e se deu por meio de conversa e entrega de ofício assinado pelo orientador do estudo (APÊNDICE B), solicitando à direção colaboração no sentido de viabilizar a aplicação do questionário com as adolescentes. Recebida a autorização, entrava-se em contato com o psicólogo ou a coordenação das devidas séries, para entrega do termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (APÊNDICE C), que seria repassado aos responsáveis pelas alunas (tendo em vista que a maioria delas tinha menos de 18 anos de idade). Passou-se nas salas de aula, explicando o que era o estudo, qual a sua finalidade e esclarecendo as dúvidas surgidas. Nesse contato com as turmas, já foi interessante perceber que a temática ativa o movimento, a excitação e o interesse dos alunos. Já houve gozações e brincadeiras com aquelas alunas que eles apontavam como *cachaceiras*, *Maria lixo* etc. Algumas meninas, por sinal, pareciam gostar das brincadeiras e faziam questão de mostrar que entendiam mesmo de bebida. Além disso, percebeu-se o interesse dos meninos em participar do estudo, fazendo comentários do tipo: *nós estamos sendo excluídos, isso é preconceito, a gente também gosta de tomar uma*.

Foi estipulado o prazo de uma semana para que as alunas trouxessem os termos de consentimento, depois do que seriam aplicados os questionários. Alguns pais, após receber o TCLE, entraram em contato com a pesquisadora por meio do número de

telefone fornecido no termo, para saber melhor do que se tratava o estudo, se haveria algum gasto, por que a filha dele tinha sido escolhida para participar desse estudo e se poderiam ter acesso aos resultados depois.

O instrumento de coleta de dados (APÊNDICE D) continha 27 questões fechadas, muito embora disponibilizasse espaço para manifestação do tipo *se outro(a), qual?*, dando flexibilidade para que, caso a adolescente não se identificasse com as opções de respostas oferecidas, ela pudesse apresentar outras. A aplicação do instrumento se deu de forma coletiva, nas próprias salas de aula. Dez minutos antes do término da aula ou do intervalo os alunos de sexo masculino eram liberados, ficando em sala apenas as meninas, para responderem ao questionário. Essa forma de aplicação foi sugerida pela coordenação da primeira escola contatada, e adotada pela pesquisadora nas demais instituições. No total, foram aplicados 1.028 questionários. A estratificação dos respondentes consta de uma das tabelas a seguir apresentadas.

6.3. Procedimento de análise

Os dados receberam um tratamento estatístico pelo SPSS, um programa frequentemente utilizado nas pesquisas das ciências sociais, bem como nas relacionadas com saúde e educação. A opção por tal procedimento se deu em face da grande quantidade de questionários aplicados e da necessidade da contagem de frequência e ordenação dos dados.

Após verificar o material respondido, se percebeu que muitas adolescentes aproveitaram o espaço para fazer alguns comentários e escrever algumas coisas relacionadas ao tema. Alguns desses depoimentos foram selecionados para ilustrar a

análise do material. Os dados serão apresentados e analisados seguindo o máximo possível a ordem apresentada no questionário aplicado.

6.4. Análise e discussão dos dados

6.4.1. Perfil das entrevistadas

As adolescentes que participaram da pesquisa eram estudantes de escolas privadas, cursando do 7º ano do Ensino Fundamental a 3ª série do Ensino Médio, com idades entre 12 e 18 anos, conforme mostra a Tabela 1, abaixo. Percebe-se uma predominância de alunas com idade entre treze e dezesseis anos e um percentual bem inferior nas idades de dezessete e dezoito anos, o que reflete como os adolescentes têm entrado e saído cada vez mais cedo das escolas.

Tabela 1 – Idade

Idade	%
12 anos	14
13 anos	19
14 anos	18
15 anos	20
16 anos	20
17 anos	6
18 anos	3
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Os dados – Tabela 2 – apontam que a adolescência que emerge no estudo é de um bom nível sócio-econômico, sendo famílias de um poder aquisitivo médio. Neste sentido, 38% das entrevistadas apresentam renda acima de nove salários mínimos e

30% entre cinco e oito mínimos, tomando-se por referência o valor do salário mínimo vigente à época de realização da pesquisa, que era de R\$415,00. Tais percentuais estão acima da média salarial da população nacional de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), que descreve em seu levantamento de rendimento da População Economicamente Ocupada (PEO) entre os anos de 2005 e 2007 que a maior parte da população (30%) recebe entre um e dois salários mínimos (Gráfico 1).

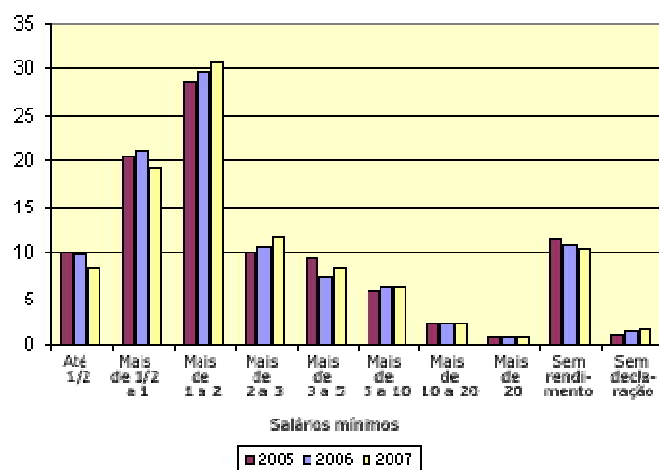
Tabela 2 – Renda Familiar

Renda Familiar	%
Até 1 Salário Mínimo	1.9
2 a 4 Salários Mínimos	17
5 a 8 Salários Mínimos	30.5
9 ou mais Salários Mínimos	38.1
Não respondeu	12.5
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Figura 1

Distribuição das pessoas ocupadas de 10 ou mais, por classes de rendimento no trabalho principal - 2005-2007



Fonte: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm

O perfil econômico das famílias das adolescentes já era previsto, haja vista que a pesquisa foi desenvolvida em escolas privadas, cujas mensalidades oscilam em torno de trezentos reais, valor próximo ao salário mínimo. A tabela 2 mostra ainda que 12,5 % das entrevistadas não responderam a essa questão, dado este que pode revelar que elas não sabem da renda familiar ou não sabem quanto vale um salário mínimo ou, ainda, que não queriam revelar a renda da família.

São adolescentes que apenas se dedicam aos estudos (96%), não desenvolvendo atividades laborais, em sua maioria pertencente a famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos (75,5%). Há poucas que vivenciam uma nova realidade familiar, monoparental, morando apenas com a mãe (15,6%), com as avós (6,8%), com irmãos (4,5%), com o pai (2,3%) ou com tios (1%). Algumas dessas meninas vieram do interior para estudar na capital e foram morar com familiares. No que diz respeito à relação entre estrutura familiar e envolvimento com drogas, a literatura aponta que na origem da drogadição está uma família com estrutura frágil, marcada por uma “grave dificuldade de lidar com os limites” (Freitas, 2002, p. 45), bem como que filhos de pais separados tendem a ser mais problemáticos. Contudo, os dados levantados revelam que, ao contrário do que diz a literatura, a quase totalidade das meninas entrevistadas, a despeito de fazerem parte de estruturas tradicionais de família, já experimentou ou consome bebidas alcoólicas.

Tabela 3 – Atividade desenvolvida

Atividade	%
Estuda e trabalha	4

Só estuda	96
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Tabela 4 – Com quem mora

Alternativas	%
Com irmãos	4.5
Com pais e irmãos	70.5
Com pai	2.3
Com a mãe	15.0
Com avós	6.7
Com tios	1.0
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

O jornal Channel 3000, na edição do dia 28 de junho de 2008, informa a respeito de uma pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos em que se alerta para o fato de que 10,5 milhões de adolescentes obtêm álcool de adultos (pais ou tutores), o que é confirmado pelo V Levantamento Nacional com estudantes do ensino Fundamental e Médio (Galduróz, Noto, Fonseca & Carlini, 2005), realizado em 2004 nas 27 capitais brasileiras, que indicou que o primeiro uso de álcool se deu predominantemente no ambiente familiar.

Na esteira de tais informações se observa, no presente estudo, o elevado percentual de adolescentes que encontraram no ambiente familiar o estímulo para o primeiro contato com o álcool. As respostas às perguntas sobre *em qual local você*

experimentou bebida alcoólica pela primeira vez? e com quem você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez? revelaram que 49% delas tiveram o primeiro contato em festas e 27% em sua própria casa, sendo que 50% estavam com os amigos quando experimentaram e 33% se encontravam na companhia dos pais. A esse respeito, Zamora (2004) afirma que “o jovem explicita como o beber foi aprendido em casa como parte dos ritos familiares para manter o grupo unido” (p. 103), ressaltando o caráter social da bebida e Taub e Andreoli (2006) afirmam que “uma relação saudável com as drogas é algo que crianças e jovens podem aprender a partir dos hábitos de seus pais” (p. 41). Luis (2008) confirma tal estímulo em sua cartilha direcionada aos jovens, quando ao tratar dos lugares onde as drogas podem estar, iniciar com “na caipirinha em casa” (p.6).

É muito comum ver pais e amigos reunidos em casa para tomar um aperitivo, bem como observar que alguns pais preferem que o filho(a) comece a beber em casa do que na rua. Parece que os pais não se preocupam com o contato dos filhos com o álcool, mas sim com a dependência. Freitas (2003) afirma a falência da função paterna, ou seja, que a falta de mais rigidez e limites é um dos principais motivos da crescente estatística de jovens que utilizam drogas em função de sua dificuldade de lidar com frustrações.

O mesmo autor faz uma comparação entre as famílias do século XVII e as famílias modernas. Nas primeiras havia uma enorme massa de sociabilidade na medida em que existiam inúmeras relações sociais, bem como “existia uma complexa rede social hierarquizada, encabeçada pelo chefe de família” (Freitas, 2003, p. 33). Já nas famílias modernas há uma nuclearidade entre pais e filhos, o que diminui o seu contato com a coletividade e aumenta a dedicação à vida privada. Essa mudança na estrutura

familiar no que se refere à hierarquização e a mudanças nas relações sociais pode ter influenciado a criação do hábito de beber em casa. Ilustrando tal hábito, algumas adolescentes, na questão que aborda o local onde experimentou o álcool, trazem relatos como “*na casa da minha tia e em outros lugares*”, “*em uma festa de natal na casa do meu avô*”.

Os fatores que mais influenciam o consumo de álcool por adolescentes são a disponibilidade da droga, o preço e a aceitação social, principalmente da turma de amigos (Moreira et al., 2009). Outro fato que desperta atenção é o de que apenas 1,5% das adolescentes afirmaram que nesse primeiro contato com a bebida estavam sozinhas, o que corrobora a função do álcool como agente socializador.

Tabela 5 – Em qual local você experimentou bebida alcoólica pela primeira vez

Local	%
Festa	40
Em sua casa	30
Casa de amigos	13.3
Barzinho	4.5
Churrasco	12.0
Na escola	0.2
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Tabela 6 – Com quem você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez

Com quem estava	%
Sozinha	1.5
Com amigos	50.3
Com os pais	33.2
Irmãos	4

Tios e primos	5
Com o namorado	2
Com colegas/conhecidos	4
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008

6.4.2. Primeiro contato com o álcool

O primeiro contato com o álcool, chamado de *batismo*, vem sendo facilitado pela falta da fiscalização da venda a menores de dezoito anos, bem como da grande aceitação social dessa droga (Moreira et al., 2009). A sociedade, e em especial as famílias, têm demonstrado um completo descuido. Das adolescentes entrevistadas, 77% responderam que já tinham experimentado algum tipo de bebida, reforçando os dados obtidos pelo *I Levantamento Nacional Sobre Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira* (SENAD, 2007), que destaca a grande preocupação com o fato das meninas estarem bebendo tanto quanto os meninos.

Segundo esse estudo, realizado em novembro/2005 e abril/2006, em parceria com a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da UNIFESP, 20% dos meninos e 15% das meninas entre 10 e 12 anos haviam ingerido álcool nos últimos trinta dias. Esse percentual aumenta quando a faixa etária é entre 13 e 15 anos, em que 43% dos garotos e 40% das meninas já tinham consumido bebidas alcoólicas no mesmo período. Tais dados admitem o fenômeno do beber precoce e regular que vem acontecendo com os adolescentes, com destaque para as meninas.

De maneira preocupante, a Tabela 7 do presente estudo mostra que as adolescentes tiveram o primeiro contato com o álcool principalmente aos doze (25,3%) e aos dez anos de idade (22,1%), sendo que quando se soma o percentual de todas as que experimentaram a bebida antes dos doze anos, obtém-se um percentual de 40%. Os

dados do *I Levantamento Nacional Sobre Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira* (SENAD, 2007) apontam que a idade média de experimentação dos meninos foi de 13,9 anos e das meninas de 14,6 anos, refletindo o quanto o momento da experimentação vem sendo antecipado.

Tabela 7 – Idade que tinha quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez

Idade	%
Menores de 6 anos	0.7
6 anos	2.3
7 anos	1.6
8 anos	1.6
9 anos	2.9
10 anos	22.1
11 anos	8.8
12 anos	25.3
13 anos	6.7
14 anos	11.3
15 anos	4.3
16 anos	1.1
17 anos	0.3
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Tendo em vista o dado que aparece na Tabela 7 acima, como se explica o fato de meninas terem experimentado uma bebida antes dos seis anos de idade? A banalidade com que é tratado o consumo de álcool por crianças e adolescentes e a desatenção dos familiares ante tal problema, notadamente os pais, são confirmadas no relato de uma das entrevistadas, de treze anos, que afirma ter experimentado bebida aos oito e desabafa no questionário: *“É porque tava na mesa; todo mundo, inclusive minhas primas de minha idade, beberam. (meu pai viu e todo mundo, mas ninguém fez nada)”*.

Em qualquer lugar que se passe, a qualquer hora do dia, é muito fácil o encontro com o álcool: barzinhos lotados, conveniências de postos de gasolina, cigarreiras, barraquinhas na praia, praça de alimentação de shoppings, churrasquinhos na esquina, em que é muito simples comprar uma cervejinha ou um choppinho. É preciso lembrar que o álcool é uma substância tóxica e seu efeito é potencializado em organismos mais jovens e em particular nas meninas. Sem contar que ele é a causa de numerosos acidentes e episódios de violência. Além disso, parece que as pessoas *esquecem* que a bebida alcoólica nesta faixa etária não é só imprópria e perigosa, mas também ilícita já que, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) proíbe oferecer qualquer substância que aja danosamente no cérebro da criança até os dezoito anos de idade.

Além da falta de fiscalização, há uma imensa variedade de bebidas oferecidas atualmente. A indústria não pára de criar novos tipos: docinhas como suco, amargas, coloridas, fortes, fracas, caras, baratas. Parece que o mercado está cada vez mais preparado para faturar em um novo segmento: as mulheres, em especial as jovens. Quando perguntadas sobre o tipo de bebidas alcoólicas que já experimentaram, surgiu uma grande diversidade de bebidas: *whisky*, cachaça, cerveja, *vodka*, bebidas *ice*, vinho, caipirinha, caipiroska, caipifruta, licor, champagne, tequila, rum. Destes, os mais consumidos no momento da experimentação foram bebidas *ice*, champagne e cerveja, respectivamente. As bebidas *ice* aparecem em primeiro lugar, já tendo sido experimentada por 87,2% das adolescentes que já tiveram contato com bebidas. O dado reflete uma grande aceitação pelo público feminino desse tipo de bebida, o qual, apesar de ser aparentemente inofensivo em função de ter um sabor levemente adocicado e ser

semelhante a um suco, apresenta teor alcoólico entre 5 e 7 GL., um pouco superior ao de algumas cervejas (Pinsky & Bessa, 2006).

É comum ouvir meninas comentando que esse tipo de bebida não embebedada ou quase não tem álcool, o que traz um risco ainda maior ao consumo, pois, “por terem o álcool diluído e o sabor adocicado, podem induzir as pessoas a beberem mais, aumentando os riscos de embriaguez e os problemas decorrentes do uso excessivo de álcool” (Taub & Andreoli, 2004, p. 73). Esses autores afirmam ainda que tais bebidas podem ser encontradas no Brasil em mais de quinze marcas e que entre 2000 e 2001 as suas vendas cresceram em 88%.

Em relação ao champagne, é provável que tenha aparecido em segundo lugar em função do primeiro contato com a bebida se dar principalmente nas festas de final de ano, quando todos brindam, até mesmo as crianças dão um *golinho*. No dizer de Moreira et al. (2009), “culturalmente, o uso de drogas pode existir como forma de celebração em situações específicas, como, por exemplo, o brinde com champagne na passagem do ano, a distribuição de charutos no nascimento de um filho e o uso do “cachimbo da paz” entre duas tribos indígenas” (p. 19).

Tabela 8 – Tipo de bebida alcoólica que experimentou

Tipo de bebida	%
Whisky	32.1
Cachaça	30.2
Cerveja	60
Vodka	43.6
Bebidas ice	87.2
Vinho	23.2
Caipirinha/Caipirosca/ Caipifrut	32
Licor	3.5
Champagne	85

Tequila	1.2
Rum	0.6
Montila	0.8
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Sabe-se que o álcool é classificado como uma droga depressora, por diminuir as atividades do sistema nervoso central, promovendo uma redução das atividades cerebrais e das funções orgânicas de uma maneira geral (Silveira e Moreira, 2006). Apesar disso, a maioria dos jovens o consome com a intenção de se animar, ficar alegre, *se soltar*. As meninas entrevistadas confirmam tal expectativa quando mais da metade afirma que, ao experimentar a bebida alcoólica pela primeira vez, sentiram euforia/alegria (54,8%), desibinição/afoiteza (20,4%) e apenas 15,3% sentiram-se lentas, moles e com sono. Isso se explica pelo fato de que, apesar de ser uma droga depressora, a ação inicial do álcool é a de liberar dopaminas e analgésicos naturais do organismo, as betaendorfinas, responsáveis pela sensação de euforia (Tiba, 2003), para em um segundo momento se apresentar o efeito depressor.

Tabela 9 – O que sentiu quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez

Sensações	%
Lentidão/moleza/sono	15.3
Euforia/alegria	54.8
Desibinição/afoiteza	20.4
Tristeza	3.2
Tontura	6.3
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Figura 2- Estágios de intoxicação alcoólica

Concentração de álcool no sangue (%wt/vol)	Estágio	Sinais e sintomas Clínicos
0,01-0,05	Sobriedade	Não há aparente influência. O comportamento permanece praticamente sem alteração. Pequenas mudanças podem ser detectadas com testes específicos.
0,03-0,12	Euforia	Leve euforia, comportamento mais sociável, loquacidade, aumento da autoconfiança, diminuição da inibição, da atenção, da capacidade crítica e do controle. Redução da eficiência em testes de habilidades.
0,09-0,025	Excitação	Instabilidade emocional, diminuição da inibição, redução do julgamento crítico, comprometimento da memória e capacidade de compreensão, diminuição da resposta sensorial, aumento do tempo de reação, moderado comprometimento da coordenação motora.
0,18-0,30	Confusão	Desorientação, confusão mental, tonteira, estados emocionais exacerbados, como medo, raiva, tristeza; alteração das sensações e da percepção das cores, formas, dimensões, movimentos; aumento da tolerância à dor; equilíbrio prejudicado, incoordenação motora, marcha cambaleante; discurso incompreensível.
0,27-0,40	Estupor	Apatia, inércia, importante diminuição da resposta a estímulos, marcante incoordenação motora, inabilidade para ficar de pé ou andar, vômito, incontinência da urina ou das fezes, alteração da consciência, sono ou esturpor.
0,35-0,50	Coma	Completa inconsciência, coma, redução ou ausência de reflexos, baixa temperatura, incontinência da urina e das fezes, depressão dos sistemas circulatório e respiratório, risco de óbito.
0,45 ou +	Óbito	Óbito por parada respiratória

Dias, J.C; Pinto, L.M. (2006). Substâncias Psicoativas: Classificações, Mecanismos de ação e Efeitos sobre o Organismo. In: Silveira, D.X; Moreira, F.G. *Panorama atual das drogas e dependências*. p42.

As razões que levam um indivíduo a experimentar drogas são muito discutidas e investigadas. Klosinski (2006) ressalta que, apesar de o consumo de álcool representar um dos maiores problemas atuais no campo da saúde, para a sociedade e para os jovens

não é percebido como tal por se tratar de droga legalizada. Para eles, o consumo do álcool possui um simbolismo associado com a vida adulta, configurando tal impressão a principal razão para seu consumo. O autor afirma ainda que, do ponto de vista da iniciação ao consumo pelos jovens, o fator mais importante é a influência do grupo. Nesta perspectiva, Simões (2006) assegura que os motivos relacionados ao uso inicial são a curiosidade e a busca de sensações prazerosas.

Diante dos dados coletados e das afirmações dos autores citados, percebe-se que pode haver razões diferentes para o contato inicial com a bebida e para o consumo posterior após a experimentação. Em relação ao primeiro gole, a curiosidade aparece de uma forma bastante destacada (73% das entrevistadas) como a principal razão para as meninas buscarem o produto. Moreira et al. (2009) reforçam essa conclusão ao afirmarem que, “de maneira geral, os adolescentes que experimentam drogas o fazem por curiosidade e as utilizam apenas uma vez ou outra (uso experimental) (p. 42).

Tabela 10 – Qual a principal razão para você ter experimentado
bebida alcoólica?

Razões	%
Por que estava triste	2.3
Por curiosidade	73
Para quebrar a timidez	3.8
Por que os amigos também bebiam	4.7
Para parecer mais adulta	3.1
Por que estava alegre	10.6
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

6.4.3. Consumo atual

A primeira parte do estudo tratou especificamente do primeiro contato das adolescentes com o álcool (experimentação). Nessa segunda parte, o foco foi a relação atual delas com a bebida (consumo). O ponto de partida para a investigação de tal aspecto são as respostas à questão sobre a permanência ou não do consumo, após ter experimentado pela primeira vez. Constatou-se que a grande maioria das que experimentaram bebida alcoólica continua bebendo (80,8%) e apenas uma pequena minoria (19,2%) restringiu-se a experimentar, o que reflete uma grande adesão das meninas ao comportamento de beber.

A frequência com que elas bebem se dá de uma forma muito preocupante. Verificou-se um significativo percentual de adolescentes que bebem nos fins-de-semana (31,3%), bem como daquelas que afirmam fazê-lo apenas eventualmente (30,8%). O consumo das drogas, na maioria das vezes, acontece como uma progressão ou escalada, iniciando com o uso experimental, progredindo para o ocasional e continuando de forma regular, até chegar a um uso contínuo, em que é pressuposta a dependência e quando ressalta comportamentos como perda de controle do consumo e prejuízo causado em alguma esfera da vida do indivíduo (Moreira et al., 2009).

Tabela 11 – Com que frequência você bebe atualmente?

Frequência	%
Não bebo	19.2
Diariamente	4.4
Nos finais-de-semana	31.3
Uma vez por mês	14.3
Eventualmente	30.8
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

A despeito da preocupação causada por tais dados, mostra-se assustador o índice de adolescentes que revelam beber todos os dias (4,4%). Apesar de estatisticamente inferior, esse dado é bastante significativo no que diz respeito aos novos desafios que se colocam para as políticas de saúde, tendo em vista uma série de consequências orgânicas, comportamentais e na estrutura de desenvolvimento dessas meninas, bem como para os psicólogos que atuam nas escolas e que observam o crescimento dos problemas relativos ao consumo exagerado pelas alunas.

Não obstante tais preocupações decorrentes dos dados levantados, não é consensual a discussão a respeito do alcoolismo entre as mulheres. Para Bauer (2003), trata-se de um fenômeno moderno, tendo em vista que em épocas recuadas elas se mostravam menos suscetíveis a esse mal, tradicionalmente masculino. Ao contrário, Brasiliano e Hochgraf (2006) afirmam não haver dúvidas de que por muito tempo a dependência feminina permaneceu como um fenômeno largamente camuflado na maioria dos países, o que se reflete ainda hoje na ausência de tratamento específico para essa demanda. “Mesmo quando o diagnóstico é feito, a falta de serviços especializados para mulheres dificulta a orientação e o encaminhamento dessas pacientes, que acabam procurando ajuda em uma proporção muito menor do que seria esperado pelos estudos de prevalência”. (Brasiliano & Hochgraf, 2006, p. 290).

No que diz respeito ao presente estudo, o número de adolescentes que afirmaram consumir o álcool desde muito cedo na vida e que continuam a fazê-lo diariamente indica um aumento do consumo desse produto entre as mulheres, certamente como expressão das intensas mudanças sociais nos tradicionais papéis femininos.

O progresso social da mulher e sua participação no mundo tradicionalmente masculino, da mesma forma que trouxe uma série de privilégios, também contribuiu

com o aparecimento de patologias associadas às novas formas de convivência, sendo o alcoolismo uma das mais comuns (Bauer, 2003). Como já apontado em outro momento deste estudo, organicamente a mulher é mais susceptível a desenvolver o alcoolismo do que o homem, em função da quantidade inferior de gordura no corpo e da menor quantidade de produção da enzima que dilui os efeitos do álcool no organismo. A figura abaixo mostra a relação da quantidade de bebida ingerida em homens e mulheres e os riscos por ela trazidos.

Figura 3- Riscos gerados pela ingestão de bebidas alcoólicas em homens e mulheres

Riscos	Mulheres	Homens
Baixo	Menos de 14 unidades por semana	Menos de 21
Moderado	15 a 35 unidades por semana	22 a 50
Alto	Mais de 36 unidades por semana	Mais de 51

Fonte: Laranjeira e Pinsky (1997)

Em relação ao tipo de bebida preferida se observou nesta pesquisa que o champagne, a segunda mais consumida por oportunidade do primeiro gole, foi referida por apenas 1,6% das bebedoras atuais. As bebidas *ice* continuam a despontar como as mais consumidas (31,7%), seguidas da cerveja (25,4%) e da *vodka* (16,3%), diferentemente do apurado no levantamento enfatuido pela SENAD (2007), cujos dados apontam que “50% das adolescentes bebem cerveja, 38% vinho, 8% bebidas *ice* e 3% destilados” (p. 25).

Uma possível justificativa para essa diferença decorre da metodologia empregada nos estudos da Secretaria, cuja amostra foi composta por adolescentes oriundos de diferentes estratos populacionais. As bebidas *ice* são de certa forma mais elitizadas, mais caras. Segundo a psiquiatra Analice Gigliotti (2005), citada por

Silveira (2006), a introdução das *ice* nos mercado é uma das explicações para o número cada vez maior de meninas consumindo álcool.

Tabela 12 – Qual a bebida que você mais consome?

Bebida	%
Bebida <i>ice</i>	31.7
Vodka	16.3
Cerveja	25.4
Whiski	3.3
Cachaça	7.7
Vinho	3
Champagne	1.6
Caipirinha	5.2
Rum	0.2
Martini	0.2
Coquetel	5.2
Espumante	0.2
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Quando se trata da quantidade de bebida consumida pelas meninas, 12,5% delas afirmaram beber apenas uma porção (dose ou garrafa ou lata); 33,4% disseram beber duas porções; 28,4% bebem três; e 15,1% mais de cinco. A maioria toma apenas uma ou duas porções, talvez só para relaxar e fazer parte do grupo, e a minoria consegue beber mais, em torno de quatro a cinco porções. Contudo, não obstante ser minoria na

pesquisa, é considerado preocupante o índice superior a 15% das que consomem mais de cinco porções, ou seja, das que revelam um elevado nível de tolerância à bebida.

Revelando um dos elementos preponderantes no diagnóstico do alcoolismo, de acordo com Rehfeldt (2006) a tolerância é um fenômeno que significa que o organismo se ajusta à presença da droga, em face de um abuso quantitativo do consumo por um período relativamente longo de tempo. Uma determinada quantidade da droga causa, no decorrer de certo tempo, um efeito cada vez menor, levando seu usuário a consumir quantidades cada vez maiores dela, para sentir o mesmo efeito.

Tabela 13 – Qual a quantidade que você bebe normalmente ?

Quantidade	%
Um (a)	12.5
Dois (a)	33.4
Três	28.6
Quatro	6.7
Cinco	3.7
Mais de cinco	15.1
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Visando aprofundar-se nas questões do consumo atual, se buscou as razões apontadas pelas adolescentes para beber. Neste caso, como já referido na literatura, obteve-se uma dispersão das respostas. A esse respeito, Moreira et al. (2009) destacam que, apesar dos adolescentes possuírem muitas semelhanças entre si, são na verdade bastante diferentes, justificando o aparecimento de diversas razões para o consumo. Na Tabela 14 abaixo, resultante do presente levantamento, constata-se a indicação de dez justificativas para beber, em que pese respostas como “*por gostar de beber*”, “*para passar o tempo*” e “*para não ser diferente dos amigos*” terem obtido maiores índices.

Assim, ressalta a contradição: adolescentes diferentes, como referido, mas que buscam parecer iguais, como obtido nas respostas.

No mesmo estudo, Moreira et al. (2009) também afirmam que, “de modo geral, a droga pode ser utilizada com a finalidade de obter prazer, de sociabilidade, por simples curiosidade e para alívio de uma sensação psíquica desagradável, como angústia, ansiedade, depressão e outros sintomas psiquiátricos mais graves” (p. 41). Na presente pesquisa, apenas 2,9% das adolescentes justificam o uso da bebida para superar a tristeza, enquanto 23,% delas dizem beber em face da identificação ou coesão grupal, se referindo à turma de modo explícito.

Em decorrência, infere-se que é mais provável que a ingestão de álcool entre as adolescentes esteja vinculada a motivações ligadas a socialização em grupos e ao lazer, quanto mais se aos índices já referidos se adicionar os pertinentes às justificativas como “*para ficar alegre*” e “*para superar a timidez*”, cada um com 10,7% das respostas. Observe-se, em acréscimo, que 22,8% das adolescentes afirmaram que a principal razão que as levam a beber atualmente é “*gostar de beber*”. Essa resposta tanto pode estar ligada ao sabor da bebida quanto, principalmente, ao que está por trás do uso prazeroso do álcool, que é estar com os amigos, se descontraindo.

No que diz respeito ao índice de 20,9% das jovens que justificam o beber “*para passar o tempo*”, é importante ressaltar que na Tabela 15 consta que 93,2% das adolescentes entrevistadas afirmaram não beber quando estão sozinhas, ou seja, que bebem para passar o tempo com a turma, com outras pessoas. Nessa linha de raciocínio que enfatiza o caráter social da bebida, tome-se como exemplo o estudo recentemente desenvolvido no Brasil, na China, na Itália, na Nigéria, na Rússia, na África do Sul e no Reino Unido (Escócia) (Martinic & Measham, 2008), que utilizou como

metodologia grupos focais compostos por jovens maiores de 18 anos de idade, e visou identificar as causas que levam os jovens a beber ao extremo. Em uma das respostas os jovens, tanto na Itália quanto no Brasil, disseram que o principal motivo para sair e beber *não* é beber em excesso, mas passar o tempo com os amigos.

Tabela 14– O que leva você a beber?

Motivo	%
Para não ser diferente dos amigos	16.8
Para não ser excluída da turma	3.6
Para ser respeitada pela turma	2.2
Para enfrentar desafios na turma	0.6
Para ficar alegre	10.7
Para superar a timidez	10.7
Por gostar de beber	22.8
Para se sentir mais adulta	8.8
Para superar a tristeza	2.9
Para passar o tempo	20.9
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Tabela 15 – Você bebe quando está sozinha?

Opções	%
Sim	6.8
Não	93.2
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Como mostra a Tabela 16, as meninas disseram que as festas são a oportunidade em que mais bebem, seguindo-se as ocasiões em que estão com os amigos, as que estão com a família e os eventos especiais. Nos comentários, escritos em acréscimo às respostas objetivas, elas afirmaram que bebem “*no ano novo*”, no “*brinde de 15 anos das minhas amigas*”, “*no natal*” e “*nos shows*”, caracterizando o caráter recreativo do álcool. Tanto a indicação de que as festas são a melhor oportunidade para o consumo do álcool, quanto os comentários adicionais às respostas estão coerentes com a literatura, de acordo com a qual se constata, por exemplo, em Klosinski (2006), que o lugar que, com maior frequência, os jovens consomem drogas ilegais são as festas.

Tabela 16 – Em que ocasiões você bebe normalmente?

Ocasões	%
Em festas	46.2
Em eventos especiais	8.8
Quando estou com os amigos	24.1
Quando estou com a família	20.0
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Apesar das festas terem sido indicadas como a ocasião em que as adolescentes mais bebem, de acordo com os dados obtidos na Tabela 17, que sintetiza as respostas à questão sobre o que elas acham das festas sem bebida, 46,9% das entrevistadas disseram que são normais; 11,9% que são boas; e 25,3% afirmaram que são ótimas. Apenas 15,9% das meninas considerarem sem graça as festas que não têm bebidas. Ou seja, aqui parece ser enfatizado o caráter socializador das festas, a despeito de ter ou não bebida alcoólica.

Tabela 17 – O que acha de festas sem bebidas?

Alternativas	%
Sem graça	15.9
Normais	46.9
Boas	11.9
Ótimas	25.3
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Enquanto a Tabela 18 revela que 21,5% das adolescentes já viveram a experiência de tomar um porre, a Tabela 19 indica que os motivos que as levaram a isso foram: alegria (45,5%); tristeza (20,1%); influência dos amigos (19,2%); e raiva (15,2%). Ao contrário das justificativas que as levam a beber, tratadas acima, que de uma maneira geral estão relacionadas à turma, percebe-se que em se tratando do beber em excesso, tomar um porre, o que mais influencia tal comportamento são as emoções e os sentimentos, ou seja, motivos particulares. Surgiram justificativas como “*perdi a noção de quantidade*”, “*por amor*”, “*quando percebi já estava bêbada*”, “*queria saber como era*”, “*sem motivo especial*”, “*estava com vontade e exagerei*” e “*aposta*”.

Tabela 18 – Você já tomou algum porre?

Opções	%
Sim	21.5
Não	69.5
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008

Tabela 19– Se já tomou porre, qual foi o motivo?

Opções	%
Estava triste	20.1
Estava com raiva	15.2
Estava alegre	45.5
Meus amigos influenciaram	19.2

Total	100
--------------	------------

Fonte: Pesquisa direta/2008.

O fato de ser o álcool uma droga lícita e culturalmente aceita acaba gerando um aumento, não só do seu uso social como também de situações em que o consumo problemático é estimulado, como no *primeiro porre*. No dizer de Niel e Julião (2006), "de forma geral, observa-se uma excessiva tolerância com o uso do álcool, inversamente à intolerância observada com qualquer uso de outras drogas" (p.135). Para se ter uma ideia dessa aceitação e mesmo estímulo observe-se o relato de França (2007), publicado no jornal a Tribuna do Norte. De acordo com ele, na primeira noite do Carnatal - carnaval fora de época que acontece na cidade de Natal, na primeira semana do mês de dezembro -, no ano de 2007, dos cerca de 30 atendimentos realizados pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), 50% dos pacientes eram mulheres na faixa etária de 15 a 20 anos. Entre elas encontrava-se uma adolescente de 17 anos, que chegou ao posto de atendimento em estado de coma alcoólico e só recobrou a consciência depois de tomar soro glicosado.

O beber em grande quantidade em um curto espaço de tempo, ou o beber em *binge*, é a prática que mais deixa o adolescente exposto a uma série de problemas de saúde e sociais. Os riscos vão desde acidentes de trânsito – o evento mais comum e com consequências mais graves – até o envolvimento em brigas, vandalismo e a prática do sexo sem preservativo. De acordo com o levantamento da SENAD (2007), 12% das meninas já beberam em *binge* ao menos uma vez nos últimos 12 meses. “Culturas onde não existem normas sobre o uso de drogas ou que quando existem são ambíguas, frouxas, só podem gerar um uso indiscriminado e individualista que não se submete a restrições” (Mansur, 2004, p. 58).

As duas tabelas que seguem também tratam da questão da influência do grupo no comportamento de beber das adolescentes, aqui se enfocando o ponto de vista dos outros, ao contrário das referências às justificativas pessoais. A esse respeito citem-se Moreira, Niel e Silveira (2009), para quem “Os fatores que mais influenciam nas taxas de uso são a disponibilidade da droga, o preço e a aceitação social, principalmente da turma de amigos” (p. 39). Como revelam os dados da Tabela 20, o grupo não apenas acha normal o consumo de bebidas alcoólicas (37,7%), como incentiva seus membros a beberem (32,2%) ou se omite diante do fato (23,3%). O índice de apenas 6,8% das adolescentes que afirmaram que os amigos não gostam que elas bebam reitera o comportamento grupal de incentivo ao beber.

Tabela 20 – O que seus amigos dizem quando você bebe?

Opinião	%
Não dizem nada	23.3
Acham normal	37.7
Não gostam	6.8
Me estimulam	32.2
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Klosinski (2006) ressalta que, na adolescência, as necessidades de ligação dos jovens se voltam para o coletivo de referência. Este sentimento de nós lhe traz uma sensação de segurança e participação; é um apoio eficaz ao eu, e fundamenta a lealdade para com as normas do grupo (p. 84). A autora afirma ainda que os jovens utilizam o grupo como um instrumento organizado para rejeitar as normas da sociedade dos adultos: é quando a inserção se torna fundamental e o beber pode aparecer, por exemplo, como um meio de integração (Pinsky e Bessa, 2004).

Sobre a influência dos amigos, uma das adolescentes escreveu que, “*quando eu não quero beber, eles falam coisas que deixam a pessoa toda por fora*”. Não obstante, supostamente como uma tentativa de demonstrar independência, autonomia em relação aos seus comportamentos, característica muito observada nos adolescentes em geral, 66,3% das entrevistadas responderam que não há influência dos amigos na opção de beber.

Tabela 21 – Há influência dos amigos para você beber?

Alternativas	%
Sim	34.7
Não	66.3
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Em se tratando das referências aos comportamentos que mais destacam nas amigas quando elas bebem, a Tabela 22 ressalta as respostas identificadas com a desinibição, como *ficam mais alegres* (40,3%) e *perdem a timidez* (29,4%), e atitudes de caráter moral, como *ficam com qualquer menino* (18,5%), *ficam tontas* (9,9%), ou *ficam tristes* (1,9%). Em acréscimo, surgiram comentários adicionais do tipo *ficam mais vulgares, falam alto, transformam-se, ficam doidas, fazem o que não presta, falam merda, ficam loucas e falam besteira*.

Tabela 22 – Qual o comportamento das suas amigas que mais se destaca quando estão bebendo?

Alternativas	%
Perdem a timidez	29.4
Ficam com qualquer menino	18.5
Ficam mais alegres	40.3
Ficam tristes	1.9

Ficam tontas	9.9
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Em seu estudo com meninos, sobre o beber e a masculinidade, como conclusão às respostas sobre o que acham a respeito do consumo de álcool pelas meninas, Zamora (2004) destaca que “os jovens reproduzem as crenças e valores do meio, pois censuram de maneira evidente esse comportamento, embora o hábito de beber entre o sexo feminino esteja se tornando cada vez mais frequente nas festas” (p. 134). No seu relato, um jovem participante do estudo afirmou que “a sociedade está acostumada a ver o homem bebendo e vê com maus olhos esse comportamento na mulher, pois o ato de beber exige responsabilidade e a mulher, sendo mais fraca física e emocionalmente, não preenche esse critério” (p. 134).

É interessante perceber que o preconceito também existe por parte das próprias adolescentes. Na presente pesquisa, ao serem perguntadas sobre o que acham das meninas que bebem, 47,5% das entrevistadas afirmaram achá-las vulgares, acrescentando comentários do tipo “*acho ridículo essas meninas que bebem só para aparecer, não sabem se controlar e ficam parecendo umas raparigas correndo atrás de macho*”; ou “*se já é feio para meninos, imagine para meninas*”. Um outro fator importante, destacado nas respostas, é a questão da quantidade ingerida. Elas afirmam que a vulgaridade depende da quantidade de bebida consumida: “*em excesso, é horrível, vulgar; mas pouco, é normal*”. Uma outra adolescente comenta, ainda: “*não acho nada, cada um faz o que lhe der na cabeça, apenas fico triste em ver minhas amigas sendo levadas para o mundo das bebidas*”.

Tabela 2 3– O que você acha das meninas que bebem?

Alternativas	%
Normal	46.1
Vulgar	47.5
Legal	6.4
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Tabela 24 – O que as pessoas falam das meninas que bebem?

Alternativas	%
Que é normal	30.9
Que é vulgar	43.4
Que é coisa de menino	7.4
Que é coisa de adulto	14.0
Que é massa	4.3
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Percebe-se que, historicamente, os padrões de uso de substâncias psicoativas entre as mulheres têm variado e a interpretação social deles também, provocando impacto nas atitudes frente ao uso, na disponibilização de programas de atendimento específicos, bem como na procura pelo tratamento. Como se constatou nas respostas das adolescentes sobre o consumo, também em relação à dependência a mulher ainda é mais estigmatizada que o homem, associando-se a elas estereótipos de maior agressividade e, principalmente, prosmicuidade (Brasiliano & Hochgraf, 2004, citado por Silveira & Moreira, 2006).

Como mostram as tabelas abaixo, 71,4% das adolescentes consideram o álcool como uma droga, muito embora apenas 35,4% afirmem ter medo de se viciar. Esses dados, por um lado, podem expressar o sentimento de onipotência da adolescência, no sentido da ideia de que *isso não acontece comigo*, ou mesmo o baixo consumo de álcool pelas meninas. Em seu comentário adicional à pergunta, uma adolescente de 15 anos de

idade, escreveu: “*Porque na hora que eu quiser parar eu posso parar...não venha com blábláblá dizendo que o álcool é mais forte...isso não existe*”.

Alguns riscos são mais frequentes nesta etapa do desenvolvimento, pois expressam características próprias desta etapa, como o desafio a regras e a onipotência. O adolescente acredita estar magicamente protegido de acidentes, por exemplo, e também se sente mais autônomo na transgressão, envolvendo-se assim em situações de maior risco, por muitas vezes com consequências mais graves.

Tabela 25 – Você considera o álcool uma droga?

Opções	%
Sim	71.4
Não	28.6
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Tabela 26 – Tem medo de se viciar?

Opções	%
Sim	35.4
Não	64.6
Total	100

Fonte: Pesquisa direta/2008.

Considerações finais

“Garotas que bebem excessivamente podem ser vistas em qualquer lugar. Nós estamos em todos os lugares. Dentre as jovens que conheci nos últimos nove anos - as que tomavam umas doses, passavam mal do estômago, rolavam escadas abaixo, desmaiavam em calçadas e vomitavam em bancos traseiros de táxis -, havia mulheres bem-sucedidas, atletas, esnobes, nerds, modelos, jovens simples e as chamadas livre-pensadoras. Algumas usavam suéteres enormes e calças jeans rasgadas; outras usavam sapatilhas, saias ondulantes e belíssimas joias cintilantes. Até segurando um copo da cerveja mais forte não perdiam as características que as pessoas consideram femininas (Zailcklas, 2007, p.12).

Ao longo deste trabalho teve-se a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o que pensam e sentem as adolescentes de escolas privadas no que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas. Foram verificados dois momentos da relação entre

meninas e álcool: a experimentação (primeiro contato) e o consumo atual, com o intuito de fazer uma leitura detalhada de como veem se dando esses dois momentos e de comparar as possíveis mudanças. Abordaram-se especialmente as questões relativas ao álcool como uma ferramenta de socialização.

Partiu-se do pressuposto que a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano (criada historicamente pelo homem), que vai se configurando a partir do contexto sócio-histórico, econômico e cultural no qual se insere. Dessa forma, assumindo a dinamicidade da adolescência e suas manifestações comportamentais, se faz imprescindível perceber a relação da adolescência com o álcool a partir desse viés, tendo em vista que os sentidos, as motivações e os significados mudam no decorrer do tempo. A intenção, assim como a de tantos outros autores, foi oferecer contribuições relevantes para pensar a relação entre adolescência e o álcool, tendo como singularidade o foco dado às meninas, em função das novas formas de comportamentos apresentadas por elas, percebidas no dia-a-dia da atuação do setor de psicologia escolar.

A pesquisa corroborou, portanto, a informação do elevado índice de meninas que estão consumindo bebidas alcoólicas, de forma precoce e estimuladas na maior parte das vezes pelos familiares. Um dos achados importantes do presente estudo foi o de que tem havido um acentuado estímulo por parte dos pais e do ambiente familiar, na medida em que o consumo tem ocorrido de forma quase equivalente em festas e em casa, bem como acompanhadas, quase na mesma proporção, por amigos e pais. Percebe-se que estes, além da marcante influência no desenvolvimento do adolescente, têm influenciado, conseqüentemente, na sua relação com o álcool e outras drogas. O consumo de álcool pelos próprios pais e as atitudes permissivas perante o uso do mesmo

são fatores predisponentes à maior iniciação ou continuação de uso, bem como vem caracterizando um hábito de consumo familiar e doméstico.

A curiosidade apontada como o principal motivo que leva as meninas a darem o primeiro gole vem sendo despertada bem cedo, na medida em que se acredita que oferecer um gole de *champagne* ou cerveja para uma criança não seja prejudicial para a saúde ou que as confraternizações regadas sempre a muito álcool, ou as constantes propagandas não despertam a vontade de experimentar a bebida. O relato de uma das adolescentes participantes da pesquisa ilustra tal ideia: *“A sociedade está acostumada só com meninos que bebem antes dos 18 anos. O que não é verdade. Apesar de muitos meninos serem influenciados pelos próprios pais a começarem a beber, as meninas não ficam por trás, já que vem aquele instinto de curiosidade”*.

Alguns pais fazem isso com boa intenção, acham que permitindo seus filhos a experimentarem bebidas alcoólicas estão encorajando-os a serem moderados com as bebidas, quando forem adultos. No cruzamento entre adolescência e consumo de álcool, chama atenção como o uso é naturalmente um tema controverso no meio social. Como já dito, a Lei 9.294/96 regulamenta o consumo, no sentido de se proibir a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos de idade; entretanto, é inexistente o controle de cumprimento dessa legislação e aplicação de pena aos infratores. Percebe-se um descuido completo da sociedade em relação às drogas lícitas, especialmente o álcool, tendo em vista que algumas medidas já aforam aplicadas em relação ao cigarro.

É preciso que haja de fato, medidas restritivas em relação a horários, dias e locais de venda, bem como que a idade mínima permitida para beber seja respeitada. Percebe-se alguns avanços em relação ao controle social, tal como a proibição da veiculação de anúncio de bebidas com mais de 13% de teor alcoólico entre seis e vinte e

uma hora, embora as cervejas e vinhos tenham seus comerciais liberados, independente do horário. Entretanto, tal medida parece não ter efeito para os adolescentes, visto que as bebidas mais consumidas por estes são as cervejas, e no caso particular das meninas participantes do estudo, as bebidas *ice*.

Um outro avanço pode ser atribuído à proibição de bebidas alcoólicas em estádios de futebol e seus arredores, em dias de jogos, a despeito de podermos supor que seria uma medida de efeito reduzido, tendo em vista que é prática comum o consumo de álcool pelas meninas no ambiente domiciliar e em festividades, conforme citado anteriormente.

A sociedade como um todo adota atitudes paradoxais frente a essa problemática: por um lado, *combate* o consumo de álcool pelos jovens, mas é alegoricamente permissiva ao promover o seu consumo ou até mesmo estimulá-lo nos brindes do réveillon, nos bailes de 15 anos, e no estímulo do consumo por meio da propaganda.

O beber em conjunto é considerado hoje como uma forma de fortalecer os laços sociais, como um instrumento de interação social, fato que se confirma ao se constatar que 93,2% das adolescentes participantes do presente estudo não bebem sozinhas. Apesar de a sociedade demonstrar uma grande resistência em aceitar o álcool como uma droga, as adolescentes do estudo, em quase sua totalidade (71,4%), o percebem como tal, apesar de não mostrarem medo de se viciar. Talvez isso se dê em função de seu caráter aparentemente inofensivo, como um animal doméstico, como foi colocado no capítulo três.

Tendo em perspectiva a ampliação do espaço social da mulher e as inúmeras modificações consistentes na sua forma de se comportar, percebeu-se que apesar das adolescentes beberem, elas próprias apresentaram preconceitos com as meninas que

bebem. O comportamento destas apresenta uma linha tênue entre o legal, o normal e a vulgaridade.

Por último e não menos importante, acerca da ação do psicólogo em relação à problemática das drogas, em especial as lícitas, constatamos que ainda há pouca literatura disponível, mas que já aponta para a necessidade de intervenções sistemáticas que auxiliem na prevenção e erradicação do problema. Ressalte-se o papel do psicólogo que atua na escola, pela excelente oportunidade de desenvolver prevenção e formação envolvendo alunos, pais e comunidade ao redor. A escola não pode se furtar, no momento, de preparar os alunos para que tenham consciência dos problemas que podem ser gerados pelo consumo de bebidas alcoólicas. Além disso, o consumo de álcool na adolescência também pode estar associado a uma série de prejuízos acadêmicos e a queda no rendimento escolar, tendo em vista que a memória é função fundamental no processo de aprendizagem, e que esta se altera com o consumo de álcool.

O estudo dessa temática sugeriu também algumas lacunas que levam a pensar no desenvolvimento de pesquisas ulteriores, que possam vir a enriquecer a compreensão da problemática do consumo do álcool pelas adolescentes e, além disso, contribuir na melhor elaboração de estratégias de prevenção e combate mais eficazes ao consumo do álcool nessa fase da vida. Espera-se que alguns resultados da pesquisa apresentada possam ter implicações para a intervenção psico-pedagógica, para a prática educativa, para a atuação do psicólogo escolar e para a formulação de políticas públicas voltadas para esse campo. Com isso, almeja-se ter oferecido uma contribuição ao campo da psicologia da educação, de modo que se um mundo livre das drogas não se mostra possível, tendo em vista seu caráter milenar e culturalmente arraigado, que se possa preparar melhor as crianças e adolescentes para lidar com a presença constante destas.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1981). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury, A. e cols. (1983). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adas, M. (1998). *Panorama Geográfico do Brasil: condições, impasses e desafios socioespaciais* (3a ed.). São Paulo: Moderna.
- Alves, R. (1999). *E aí? Carta aos adolescentes e a seus pais*. São Paulo: Papirus.
- Amaral, C. C. G. (2005). *Debates de gênero: a transversalidade do conceito*. Fortaleza: Editora UFC.
- Amazonas, M. C. L. A, Lima, A. O., & Dias, C. M. S. B. (2006). *Mulher e família: diversos dizeres*. São Paulo: Oficina do livro.

- Ariès, P. (1978). *História social da criança e da família* (2a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Bauer, J. (2003). *O alcoolismo e as mulheres: contexto e psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bock, A. M. B. (2002). Adolescência: tornar-se jovem. In A. M. B. Bock, O. Furtado, & M. L. T. Teixeira (Orgs). *Psicologias: Uma introdução ao estudo da Psicologia* (pp. 290-306). São Paulo: Saraiva.
- Boruchovitch, E. (2000). O uso e abuso de drogas na adolescência. In F. F. Sisto, G. C. Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.), *Leitura de Psicologia para a formação de professores* (pp. 192-204). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasiliano, S., & Hochgraf, P. B. (2006). Drogadição feminina: a experiência de um percurso. In D. X. Silveira & F. G. Moreira (Orgs.), *Panorama atual de drogas e dependências* (289-295). São Paulo: Atheneu.
- Braun, I. V. (2007). *Drogas: perguntas e respostas*. São Paulo: MG Editores.
- BRASIL. Política Nacional sobre Drogas. Brasília: presidência da república, Secretaria Nacional Sobre Antidrogas, 2005.
- BRASIL. Lei nº 9.294/96, de 15 de julho de 1996
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Noto, A. R., & Nappo, S. A. (2002). *I Levantamento Domiciliar Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil - 2001*. São Paulo, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.

- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Noto, A. R., Fonseca, A. M., Carlini, C. M., Oliveira, L. G., et al. (2006). *II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do País – 2005*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.
- Carlini-Cotrim, B. (1998). Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In J. R. G. Aquino (Org.), *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas* (19-30). São Paulo: Summus.
- Carr, G.M.(2003). *Criando adolescentes*. São Paulo: Fundamento educacional.
- Caruso, M. & Val, A. (2001, 12 de dezembro). Cada vez mais cedo. *Revista Istoé*, pp. 52-54.
- Carvalho, M. M. J. (1995). O adolescente. In Carvalho, M. M. J. (1995). *Orientação Profissional em Grupo: Teoria e técnica* (pp. 48-69). São Paulo: Editorial Psy.
- Carvalho, M. T. (2003). O Código Civil de 2002: virtudes e vicissitudes. *Jus Navigandi*, 7(64). Recuperado em 12 de dezembro de 2007 de <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3968>>
- Cassins, M. et al. (2007). Série administrativa: cartilha do estudante. Manual de Psicologia escolar-Educacional. Curitiba: Unificado.
- Cavaleri, A. L. F., & Egypto, A. C. (2002). *Drogas e Prevenção: a cena e a reflexão*. São Paulo: Saraiva.
- Cirino, O., & Medeiros, R. (Orgs.). (2006). *Álcool e outras drogas: escolhas, impasses e saídas possíveis*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Colavitti, F. (2005). Manual do bom bebedor. *Revista Galileu*, pp. 30-41.
- Colavitti, F. (2006,). Você sabe o que está fazendo? *Revista Galileu*, pp. 30-38.
- Collins, W. A., & Sprinthall, N. A. (1988). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Conselho Federal de Psicologia (2008). *Ano da Psicologia na Educação: textos geradores*.
- Contini, M. L. J., Koller, S. H., & Barros, M. N. S. (Orgs.). (2002). *Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia & Ministério da Saúde.
- Correia, M. e Campos, H. R. (2004). Psicologia Escolar: história, tendências e possibilidades. In O. H. Yamamoto e A. C. Neto (Orgs.), *O psicólogo e a escola: uma introdução ao estudo da psicologia escolar* (pp. 137-185). Natal: EDUFRN.
- Detoni, M. (2006). *Guia prático sobre drogas: conhecimento, prevenção, tratamentos*. São Paulo: Rideel.
- Didonê, D. & Muttini, R. (2007). Drogas: Só a escola não quer ver. *Revista Nova Escola*, pp. 34-41.
- Erickson, E. H. (1972). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, B. W., & Ries, B. E. (Orgs.). (2003). *Psicologia e Educação* (2a ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fishman, R. (1988). *Alcoolismo* (Coleção Tudo sobre drogas). São Paulo: Nova Cultural.
- Freitas, L. A. P. (2002). *Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Frúgoli, J. R. H. (2007). *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Galduróz, J. C., Noto, A. R., & Carlini, E. A. (1997). *IV Levantamento Sobre o Uso de Drogas entre Estudantes de 1º e 2º graus em 10 Capitais Brasileiras*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID).
- Gigliotti, A., & Guimarães, A. (2007). *Dependência, Compulsão e Impulsividade*. Rio de Janeiro: Rubio.

- Grinspun, M. P. S. Z. (2008). A razão dos afetos. *Revista Especial Mente e Cérebro*. O olhar adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta, pp. 30-37. Nº2. São Paulo: Duetto.
- Grossman, E. (1998, julho/setembro). A adolescência através dos tempos. *Adolescencia Latinoamericana*, 1(2), 68-74.
- Guimarães, J. L., Godinho, P. H., Cruz, P., Kappann, J. I., & Junior, L. A. T. (2004). Consumo de drogas Psicoativas por adolescentes de Assis, SP. *Revista de Saúde Pública*, 38, 130-132.
- Horta, R. L. (2003). As famílias e as drogas na contemporaneidade. In P. A. Guareschi, L. L. Krüger, & M. M. K. Machado (Orgs.). *Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade* (pp. 201-215). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Jerusalinsky, A. (2008). Ordem dos amigos. *Revista Especial Mente e Cérebro*. O olhar adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta. (pp. 54-61). Nº2. São Paulo: Duetto.
- Klossinski, G. (2006). *Adolescência hoje: situações, conflitos e desafios*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Laranjeira, R. & Pinsky, I. (1997). *Alcoolismo*. São Paulo: Contexto.
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*.
- Luis, M. Antônio. V. (2008). *Conversando sobre drogas*. Ribeirão Preto: FIERP. ISBN: 978-85-86862-27-4.
- Macfarlane, A., Macfarlane, M., & Robson, P. (2003). *Que droga é essa?* (A. B. Souza, Trad.). São Paulo: 34.

- Massi, M. (1992). *Vida de mulheres: cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro: Imago.
- Moreira, F.G., Niel, M., & Silveira, D. X. (2009). *Dilemas modernos: drogas, famílias e adolescência*. São Paulo: Atheneu.
- Moreira, P. R. (1996). *Psicologia e Educação: Interação e Identidade*. São Paulo: FTD.
- Niel, M., Julião, A. M., & Silveira, D. X. (2008). Propensos ao excesso. *Revista Especial Mente e Cérebro*. O olhar adolescente: O olhar adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta, 72-81. Nº2. São Paulo: Duetto.
- Oakley, A. (1972). *Sex, gender and society*. Nova Iorque: Harper & Row.
- Ozella, S. (Org.). (2003). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Paladino, E. (2005). *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pechansky, F., Szobot, C. M., & Scivoletto, S. (2004). Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 6(Supl. 1), 14-17.
- Pfromm Netto, S. (1976). *Psicologia da adolescência* (5a ed.). São Paulo: Pioneira e Universidade de São Paulo.
- Pinsky, I., & Bessa, M. A. (Orgs.). (2006). *Adolescência e drogas* (2a ed.). São Paulo: Contexto.
- Rabelo, C. & Rangel, N. (2007). Jovens e álcool: mistura perigosa. *Revista Istoé*, pp.53-59.
- Rago, M. (2003, janeiro/ julho). Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. *Labrys, Estudos Feministas*, 3.

- Ramos, F. R. S., Monticelli, M., & Nitschke, R. G. (Orgs.). (2000). *Projeto Adolescer: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: ABEn/Ministério da Saúde.
- Ribeiro, W. (2005). *Drogas na escola: Prevenir educando*. São Paulo: Annablume.
- Sampaio, A. T. L. (2005). *O conhecimento transversal da sexualidade: o pensamento e a tradução do discurso*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Santander, E. (2003). *Em defesa da vida: um programa de prevenção contra o uso de drogas na escola, família e na comunidade*. São Paulo: Paulus.
- Scott, J. (1995, Julho/Dezembro) Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Secretaria Nacional Antidrogas (2001). *Álcool: o que você precisa saber* (Série Diálogo). Brasília: Autor.
- Secretaria Nacional Antidrogas (2007). *I Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira*. Brasília: Autor.
- Silva, K. B. S. (2006). *O consumo de álcool entre os adolescentes estudantes de escolas privadas católicas de Natal-RN*. Dissertação de mestrado não-publicada. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Silveira, D. X., & Moreira, F. G. (Orgs.). (2006). *Panorama atual de drogas e dependências*. São Paulo: Atheneu.
- Soares, R. (2006). Inimigo íntimo. *Revista Veja*, 96-104.
- Strey, M. N. (1998). Gênero. In M. G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos, & T. M. Fonseca (Orgs.), *Psicologia Social contemporânea* (181). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Taub, A., & Andreoli, P. B. A. (2004). *Guia para a família: cuidando de pessoas com problemas relacionados ao álcool e outras drogas*. São Paulo: Atheneu.
- Tavares, L. A., Almeida, A. R. B., & Filho, A. N. (Orgs.). (2004). *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*. Salvador: EDUFBA.
- Teixeira, P. C. (2008). *A droga mais nociva é a mais liberada*. *Jornal Extra Classe*, 13(122), pp. 18-20.
- Tiba, I. (2003) *Anjos caídos*. São Paulo: Gente.
- Tierno, B. (2007). *A psicologia de jovens e adolescentes: de 9 a 20 anos* (L. A. S. Rossi, Trad.). São Paulo: Paulus.
- Vieira, D. L., Ribeiro, M., Romano, M., & Laranjeira, R. R. (2007). Álcool e adolescentes: Estudo para implementar políticas municipais. *Revista de Saúde Pública*, 41(3), 396-403. Recuperado em 15 de março de 2008 da SciELO (Scientific Library Online): <http://www.scielo.br>
- Vieira, J. L., & Fernandes, N. (2002, 30 de dezembro). *A grande Ressaca*. *Revista Época*.
- Vieira, J. L., & Velloso, B. (2002, 30 de dezembro). *Movidos a álcool*. *Revista Época*.
- Weller, W. (2005, janeiro/abril). A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Estudos Feministas*, 13(1), 107-126.
- Yepez, M. T., & Pinheiro, V. S. (2005, janeiro/abril) Socialização de gênero e adolescência. *Estudos Feministas*, 13(1), 147-162.
- Zago, J. A. (1996). Considerações sobre os aspectos psicossociais, clínicos e terapêuticos da drogadição. *Informação Psiquiátrica*, 15(4), 145-149.
- Zagury, T. (2002). *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record.

Zailckas, K. (2007). *Embriagada: a história de uma adolescente entregue ao álcool* (Tradução:Roberto Argus). Rio de Janeiro: Ediouro.

Zakabi, R. (2002, dia e mês???) Elas bebem demais. Casos de alcoolismo entre garotas já são quase tão numerosos quanto entre rapazes. *Veja*, 81.

Zamora. M. A. (2004). *O uso de álcool entre adolescentes: uma expressão de masculinidade*. Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo Ribeirão Preto. Recuperado em 13 de novembro de 2007 de O portal dos Psicólogos: <http://www.psicologia.com.pt>

Zanella, L. (2003). Adolescência e drogas: das mudanças à vulnerabilidade. In B. W. Ferreira & B. E. Ries (Orgs), *Psicologia e Educação: Desenvolvimento humano - Adolescência e vida adulta* (2a ed). Porto Alegre: EDIPUCRS.

<http://www.senad.gov.br/> acessado em 22 de marco de 2008.

APÊNDICE A



Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ENTREVISTA PILOTO

PARTE I

1. Idade:
- 2.
3. Já experimentou algum tipo de bebida alcoólica?

4. Tipo de bebida alcoólica que experimentou:
5. Que idade você tinha quando experimentou pela primeira vez?
6. Onde foi?
7. Com quem foi?
8. O que sentiu?
9. Por que bebeu?
10. Como se comportou após ter bebido?

PARTE II

11. Atualmente você bebe?
12. Com que frequência?
13. Quantas doses você normalmente bebe?(dose, copos, latas, garrafas)
14. O que você sente quando bebe?

15. O que leva você a beber?
16. Em que ocasiões você bebe?
17. Qual a sua bebida preferida?
18. Você já tomou algum porre?
19. Teve algum motivo?
20. O que seus amigos dizem quando você bebe?
21. O que eles pensam disso?
22. O que você acha das meninas que bebem?
23. Há influência dos amigos para você beber?
24. O que acha de festas sem bebida?
25. Você considera o álcool uma droga?
26. Tem medo de se viciar?

APÊNDICE B

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

OFÍCIO CIRCULAR**Natal/RN, ____ de ____ de 2008.**

Ilma. Sr _____

Diretora da Escola _____

Prezada Senhora:

A psicóloga **Débora Sampaio**, mestranda do programa de pós-graduação em Psicologia da UFRN está desenvolvendo uma pesquisa intitulada **“Álcool e sociabilidade: a farra das adolescentes”** como requisito para o seu título de mestre, sob orientação do professor Dr. **Herculano Ricardo Campos**. A pesquisa está sendo desenvolvidas em 10 escolas privadas da cidade de Natal e tem como objetivo compreender a questão do consumo do álcool entre **as** adolescentes, uma realidade atual, que vêm preocupando pais e educadores.

Diante do exposto, viemos solicitar dessa respeitável Instituição a colaboração no sentido de viabilizar a aplicação de um questionário com as adolescentes estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. É válido ressaltar que o questionário é todo objetivo e de rápida aplicação e que o nome da escola será preservado. Após fechamento do estudo, a psicóloga se coloca a disposição da escola para trabalhar a questão do consumo do álcool com os alunos. Qualquer esclarecimento pode ser prestado através do telefone 88044973.

Cordialmente,

Prof. Dr. Herculano Ricardo Campos
Orientador

Psicóloga Débora Sampaio
Pesquisadora

APÊNDICE C



Sua filha _____ está sendo convidado a participar de um estudo denominado **Álcool e sociabilidade: a farra das adolescentes**, que está sendo desenvolvida em 10 escolas da rede de educação privada de Natal pela Psicóloga Débora Sampaio, mestranda do programa de pós-graduação de Psicologia, cujo objetivo é identificar um possível consumo de álcool entre as adolescentes, as razões atribuídas para tanto e o perfil desse consumo.

Para tanto, solicitamos autorização para que sua filha responda ao questionário apresentado pela pesquisadora, de antemão nos comprometendo a respeitar a privacidade dela e garantindo que qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, a identificar será mantido em sigilo. Disponibilizamos o telefona 8804-4973 para eventuais esclarecimentos adicionais.

Natal, _____ de _____ de 2008.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento para que minha filha participe da pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

(nome, assinatura e RG do representante legal do sujeito da aluna)

(Nome e assinatura da aluna)

(Nome e assinatura da pesquisadora)

APÊNDICE D



Cara aluna,

Esta pesquisa é parte integrante de uma dissertação de mestrado do curso de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da aluna Débora Karla Sampaio Alves que se intitula **“Álcool e sociabilidade: a farra das adolescentes”**. As informações desse questionário serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, sem a sua identificação. Agradeço desde já a colaboração.

PARTE I

1. Com quem mora:

- () Sozinha () Com irmãos () Com pais e irmãos () Com o pai () Com a mãe
Outros: _____
2. Atividades desenvolvidas:
() Estuda e trabalha () Só estuda
3. Renda familiar mensal:
() Até 1 Salário Mínimo () 2 a 4 Salários Mínimos () 5 a 8 Salários Mínimos () 9 ou mais Salários Mínimos
4. Idade:
() 12 () 13 () 14 () 15 () 16 () 17 () 18
5. Já experimentou algum tipo de bebida alcoólica?
() SIM () NÃO
6. Tipo de bebida alcoólica que experimentou:
() Nunca experimentou () Whiski () Cachaça () Cerveja () Vodka () Bebidas ice
Se outras, qual: _____
7. Que idade você tinha quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
() 6 () 7 () 8 () 9 () 10 () 11 () 12 () 13 () 14 () 15 () 16 () 17
Outra: _____
8. Em qual local você experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
() Festa () Em sua casa () Casa de amigos () Barzinho () Churrasco
() Jogo de futebol () Na escola
Se outro local, qual: _____
9. Com quem você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
() Sozinha () Com amigos () Com os pais () Irmãos () Tios e primos () Com o namorado () Com colegas/conhecidos
Se outra pessoa, quem? _____
10. O que você sentiu quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
() Lentidão/moleza/sono () Euforia/alegria () Desibinição/afoiteza () Tristeza () Tontura
Outro: _____
11. Qual a principal razão para você ter experimentado bebida alcoólica?
() Por que estava triste () Por curiosidade () Para quebrar a Timidez () Por que os amigos também bebiam () Para parecer mais adulta () Por que estava alegre
Se outro motivo, qual: _____

PARTE II

12. Com que frequência você bebe atualmente?
() Não bebo () Diariamente () Nos finais-de-semana () Uma vez por mês () Eventualmente
13. Qual a bebida que você mais consome?
() Cachaça () Cerveja () Vodka () Bebidas ice () Whiski () Nenhuma
Outras: _____
14. Qual a quantidade que você bebe normalmente?(dose, copos, latas, garrafas)
() Nenhum(a) () Um(a) () Dois(a) () três () Quatro () Cinco () Mais de cinco
15. O que leva você a beber atualmente?
() Não bebo () Para não ser diferente dos amigos () Para não ser excluída da turma
() Para ser respeitada pela turma () Para enfrentar desafios na turma () Para ficar alegre
() Para superar a timidez () Por gostar de beber () Para se sentir mais adulta () Para superar a tristeza () Para passar o tempo
16. Em que ocasiões você bebe normalmente?
() Em festas () Em eventos especiais () Quando estou com os amigos () Quando estou com a família

Outra: _____

17. Você já tomou algum porre?

()SIM ()NÃO

18. Se já tomou um porre, qual foi o motivo?

()Estava triste ()Estava com raiva ()Estava alegre ()Meus amigos influenciaram

Outro: _____

19. O que seus amigos dizem quando você bebe?

()Não dizem nada ()Acham normal ()Não gostam ()Me estimulam

Outra: _____

20. Você bebe quando está sozinha?

()SIM ()NÃO

21. Qual o comportamento das suas amigas que mais se destaca quando estão bebendo?

()Perdem a timidez ()Ficam com qualquer menino ()Ficam mais alegres ()Ficam tristes

()Ficam tontas

Outro: _____

22. O que você acha das meninas que bebem?

()Normal ()Vulgar ()Legal ()Bonito

Outra: _____

23. O que as pessoas falam das meninas que bebem?

()Que é normal ()Que é vulgar ()Que é coisa de menino ()Que é coisa de adulto

()Que é massa

Outra: _____

24. Há influência dos amigos para você beber?

()SIM ()NÃO

25. O que acha de festas sem bebida?

()Sem graça ()Normais ()Boas ()Ótimas

Outra: _____

26. Você considera o álcool uma droga?

()SIM ()NÃO

27. Tem medo de se viciar?

()SIM ()NÃO